



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JONAS JORGE DA SILVA

**O TEMPLO E A CIDADE: MEMÓRIAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL
DE MARINGÁ**

MARINGÁ

2011

JONAS JORGE DA SILVA

**O TEMPLO E A CIDADE: MEMÓRIAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL
DE MARINGÁ**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Sebeika Rapchan

MARINGÁ

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586t Silva, Jonas Jorge da
O templo e a cidade: memórias sobre a construção da
Catedral de Maringá / Jonas Jorge da Silva. -- Maringá,
2011.
163 f. : il.

Orientador : Profa. Dra. Eliane Sebeika Rapchan.
Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) -
Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais, 2011.

1. Catedral - Maringá. 2. Igreja Católica - Maringá. 3.
Memória Oral - Catedral - Maringá. I. Título

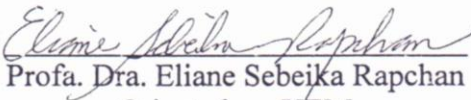
CDD 21. ed.301.242

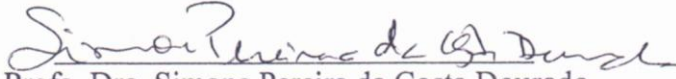
**“O TEMPLO E A CIDADE: MEMÓRIAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA
CATEDRAL DE MARINGÁ”.**

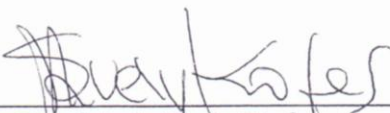
Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas.

Aprovada em **27 de janeiro de 2011.**

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dra. Eliane Sebejka Rapchan
Orientador - UEM
Universidade Estadual de Maringá


Prof.ª. Dra. Simone Pereira da Costa Dourado
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá


Prof.ª. Dra. Maria Suely Kofes
Membro convidado
UNICAMP

Dedico este trabalho

Para Maria, professora que me ensinou, durante os anos iniciais de escolarização, as histórias
de finais felizes.

Aos professores que contribuíram, durante a minha formação superior, para a problematização
desses finais felizes.

Enfim, a todos que me incomodam com perguntas e desestabilizam a minha fábrica de
ilusões.

AGRADECIMENTOS

Em especial à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Eliane Sebeika Rapchan, pelo profissionalismo ético, rigor intelectual e afeto. Apresentou-me caminhos, sem tolher liberdades, e fez de nossas reuniões de trabalho momentos ímpares para o meu crescimento intelectual.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá.

Ao financiamento da Capes, muito importante para a realização deste trabalho.

À Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá.

Ao apoio recebido da minha família, principalmente de meus pais: Olimpio Simião da Silva e Maria Joana da Conceição da Silva.

Aos amigos e colegas, pelas conversas e debates no interior da Universidade e, algumas vezes, nas mesas de bar.

À Mitra Arquidiocesana de Maringá.

A todos que me receberam de portas abertas durante o trabalho de campo, proporcionando-me um aprendizado e crescimento inestimáveis e, certamente, tornando-me um ser humano melhor.

Eu não sei dizer
Nada por dizer
Então eu escuto

Se você disser
Tudo o que quiser
Então eu escuto

Fala
Fala

Se eu não entender
Não vou responder
Então eu escuto

Eu só vou falar
na hora de falar
Então eu escuto

Fala
Fala

(João Ricardo – Luli)

RESUMO

O processo de construção da Catedral de Maringá, situada na região norte do Paraná, é o tema central deste trabalho. O templo religioso possui 124 metros de altura, em forma de cone, sendo todo em concreto aparente. Tal monumento ocupa lugar central na paisagem urbana maringaense, o que destaca a influente presença da Igreja Católica na história do município. No intuito de entender a força social e simbólica desse templo, optou-se pela análise da memória oral de antigos moradores da cidade. Nesse sentido, procurou-se interpretar, por meio das entrevistas, a íntima relação entre o templo e a cidade. Durante a etapa de interpretação das narrativas desses moradores, problematizou-se a constituição de um discurso hegemônico e ufanista em relação a Maringá. Essas narrativas vão ao encontro de uma construção social entendida, aqui, como identidade localista. No entanto, não se trata de abordá-la como uma identidade fechada e original, mas como uma construção permanente, que se mantém viva no cotidiano de seus produtores. Importantes entradas no universo dessas narrativas como, por exemplo, nas relações entre passado e presente, antigo e novo, evidenciaram a constituição de discursos que reforçam, acentuadamente, os vínculos dos entrevistados com o local em que vivem.

Palavras-chave: Catedral. Igreja Católica. Maringá. Memória Oral. Local.

ABSTRACT

The process of building Maringá Cathedral, located in northern Paraná, is the central theme of this work. The religious temple is 124 feet tall, cone-shaped, all in exposed concrete. This monument occupies a central place in the urban landscape of Maringá, highlighting the influential presence of the Catholic Church in the history of the city. In order to understand the social and symbolic power of this temple, we chose to analyze the oral memory of long-time residents. To that end, we attempted to interpret the close relationship between the temple and the city through interviews. From narratives of these residents, questioned the establishment of a hegemonic and vainglorious discourse towards Maringá. These narratives represent a social construction understood here as local identity. However, we must not approach it as a closed and original identity, but as a permanent construction, alive in the daily lives of its producers. Important entries in the universe of these narratives such as, for example, in relations between past and present, old and new, have highlighted the creation of discourses that reinforce, markedly, the links of these respondents with where they live.

Keywords: Cathedral. Catholic Church. Maringá. Oral Memory. Locale.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Relação dos entrevistados	51
Figura 1	Convite para a exposição no Museu da Bacia do Paraná	59
Foto 1	A Catedral e a cidade de Maringá	71
Foto 2	Celebração pública da demolição da Catedral Velha	73
Foto 3	<i>O tempo e o templo</i>	75
Foto 4	Ao lado da antiga Catedral, a construção do novo templo	76
Foto 5	O gigante de concreto versus a singela Catedral Velha	84
Foto 6	No interior da Catedral Nova: o povo se reúne sob a liderança de dom Jaime e monsenhor Zanettini	106
Foto 7	Dom Jaime com o livro em mãos, monsenhor Zanettini, de túnica branca e, o seu lado, o prefeito Adriano José Valente	109
Foto 8	Monsenhor Sidney Zanettini na construção da Catedral	118
Foto 9	Fase da obra, segundo Fornaziero, quando Zanettini assumiu os trabalhos em prol da construção	119
Foto 10	A Catedral sob o brilho das luzes	124
Foto 11	Dom Jaime, monsenhor Zanettini e membros da comunidade	128
Foto 12	A Catedral Velha de Maringá	131
Foto 13	Panorâmica de uma das etapas da construção da Catedral e de seu entorno	135
Foto 14	Área predominantemente vazia ao redor das fases iniciais da construção da Catedral	136

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PANORÂMICA E PROPOSIÇÃO ACERCA DA CATEDRAL DE MARINGÁ	14
2.1	NA CIDADE DE MARINGÁ: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEDRAL	15
2.2	O CÍRCULO SOCIAL DO BISPO: OS PARCEIROS DA OBRA	19
2.3	A INCORPORAÇÃO DA OBRA	22
2.4	A CONSTRUÇÃO DE PAREDES CONTRIBUIU PARA A ELABORAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCALISTA?	26
3	NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA ORAL	32
3.1	NOS CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA	36
4	PERCALÇOS E SAÍDAS: A OPÇÃO PELAS ENTREVISTAS	48
4.1	UMA CATEDRAL DE PESSOAS: DOS ENCONTROS ENTRE ENTREVISTADOR E ENTREVISTADOS	53
5	A CIDADE E O TEMPLO: UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL	61
5.1	A CATEDRAL DA CIDADE: NA CIDADE DA CATEDRAL	63
5.2	ADMIRÁVEL TEMPLO NOVO	70
5.2.1	A demolição da Catedral Velha: a emergência do tempo da modernidade na superação da madeira	71
5.2.2	A Catedral Nova: na força do concreto a emergência do tempo	79
5.3	A OBRA DA SOCIEDADE MARINGAENSE: ATORES E COADJUVANTES ...	86
5.3.1	As placas: as homenagens pela obra	88
5.3.2	O homem síntese: os laços de comprometimento com o legado de dom Jaime	92
5.3.3	Da autoria da obra: o fator <i>Sputnik</i>	98
5.3.4	A obra de todos por todos	106
5.3.4.1	A participação das lideranças políticas	107
5.3.4.2	Uma Catedral com sabor de café	113
5.3.4.3	Na reta final: intensificando as forças	117
5.4	O TEMPLO E A PRAÇA: NA MEMÓRIA DO PASSADO A FORÇA DO PRESENTE	124

5.4.1	Do espetacular ao familiar: vivências do templo	125
5.4.2	A Praça da Catedral na construção de um tempo primordial	129
5.4.3	A Praça da Catedral em tempos de quermesses	136
5.5	SOB O PRESSÁGIO DO SUCESSO: A FORÇA MÁGICA DA CATEDRAL	141
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICES	159

1 INTRODUÇÃO

Ao longo deste texto, serão apresentados os resultados da pesquisa acerca da construção social e simbólica da Catedral de Maringá, monumento que se encontra cravado no coração da cidade, na região norte do Estado do Paraná. Para a realização deste trabalho, foram indispensáveis as disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, bem como as reuniões periódicas com a orientadora, Professora Doutora Eliane Sebeika Rapchan, momentos que permitiram a realização de debates temáticos, estimularam a reflexão sobre metodologias e técnicas de pesquisa, além de promover diálogos sobre o trabalho de campo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram necessárias as contribuições de muitas pessoas, principalmente daquelas que se dispuseram a abrir as portas de suas residências ou locais de trabalho, colaborando diretamente com o resultado final do trabalho. No intuito de analisar e refletir sobre o processo de construção da Catedral, o conteúdo da memória oral de antigos moradores da cidade se apresentou como uma riquíssima fonte de sentidos em que templo e cidade se relacionaram. As imagens de uma cidade feliz, próspera e bela, presente em muitos discursos cotidianamente elaborados tanto por autoridades quanto por pessoas comuns sobre a cidade foram realçadas por meio de lembranças e explicações sobre os caminhos percorridos para a construção do monumento.

Foram realizadas vinte e seis entrevistas, durante as quais os entrevistados relataram suas lembranças sobre a construção do templo. Ao final das entrevistas, feitas as árduas e desafiadoras transcrições, elaborou-se o documento, de 159 páginas, intitulado *Entrevistas: memórias sobre a construção da Catedral de Maringá*, para uso inédito neste trabalho, facilitando o acesso e manuseio do conteúdo dessas narrativas.

Juntamente com as entrevistas, a realização do trabalho de campo foi indispensável para que a análise das transcrições adquirisse seu formato final. Foram os contatos pessoais, as trocas de olhares, os apertos de mãos e as conversas extraoficiais que redimensionaram todas as inquietações que ainda eram germinais na fase de elaboração do projeto de pesquisa, as quais deram consistência ao corpo deste texto. Assim, este trabalho procurou entender e explicitar o significado do projeto e da execução da construção da Catedral, a partir das narrativas estabelecidas, sem perder de vista os sujeitos que as produziram.

Considerando esses aspectos, buscou-se com empenho, apesar dos riscos que sempre são assumidos no momento da apresentação dos resultados de uma pesquisa, organizar um

texto coerente, que contribua com os estudos locais, bem como com reflexões produzidas em outros planos, num exercício constante de entendimento e questionamento do mundo social que se descortinou diante da temática estudada.

Na melhor das hipóteses, pensar o templo e a cidade apresentou-se como uma via interessante para o exercício da imaginação sociológica que, dentre as suas características, segundo Mills (1975, p. 12) “nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade”. Estudar o significado de uma obra como a Catedral, intermediando as histórias e o cotidiano das pessoas entrevistadas, tornou-se chave para pensar a sociedade em que vivem. Isso porque só faz sentido pensar no processo de construção do referido templo porque o mesmo se constitui como um evento social, envolvendo trajetórias, interações, sonhos, esperanças, alianças e compromissos entre as pessoas.

Ao mesmo tempo, o trabalho de campo se pautou em um exercício de atenção, a fim de evitar as tentações de *naturalizar* as fabulações sociais, mas enxergando-as como realidades expressas nas formas como a sociedade dá conta de suas contradições, nas esferas sociais, políticas, econômicas ou culturais. É sob o prisma da construção social, dos acordos políticos e das manifestações culturais que a construção da Catedral foi analisada.

O texto está organizado em seis sessões. Na primeira, esta breve introdução. Na segunda sessão, *Panorâmica e proposição acerca da Catedral de Maringá*, faz-se uma apresentação da Catedral, amparando-se principalmente em arquivos da Cúria Metropolitana de Maringá, os quais servem de referência para destacar características do templo, elementos de sua história e construção, envolvimento de pessoas na construção e o significado de sua presença na cidade. Nesse percurso, fez-se acompanhar da hipótese de que as marcas indeléveis da Catedral na vida social maringaense, expressas na sua força simbólica, contribuíram para a construção de uma identidade localista na cidade, com a devida problematização do uso desse termo.

Na terceira sessão, *Nos caminhos da memória oral*, apresenta-se um breve balanço de algumas possibilidades de interpretação do uso dos estudos da memória oral na pesquisa, acompanhado da explicitação de uma orientação antropológica para os caminhos adotados por esta pesquisa. Desta forma, o olhar para cidade é intermediado pelo trabalho de campo, sendo primordial focar as relações estabelecidas entre o encontro das memórias, do cenário urbano e dos itinerários dos entrevistados.

Na quarta sessão, por sua vez, *Percalços e saídas: a opção pelas entrevistas* destaca-se o intento de justificar a utilização das entrevistas como uma técnica legítima diante da

proposição da pesquisa. Ademais, também conta com a exposição de experiências e de relações estabelecidas com os entrevistados, durante a etapa de trabalho de campo, relatando algumas peculiaridades sobre os envolvimento dessas pessoas com a Catedral.

É na quinta sessão, *A cidade e o templo: uma experiência social*, que são desenvolvidas as temáticas centrais deste trabalho. Aí, são apresentadas as narrativas dos entrevistados, por meio da citação de trechos das transcrições, numa amarração que procura dar uma sequência lógica na elaboração do texto, buscando respeitar o conteúdo das entrevistas. Nesse sentido, trata-se de um momento crucial, em que tem voz ativa o grupo de entrevistados. Ao mesmo tempo, não estão ausentes, na respectiva sessão, a filtragem, a interpretação e a análise teórica feita por este pesquisador, que também aceita a presença da subjetividade no trabalho, não como um problema ou empecilho, mas sim como um dado e um recurso. Na mesma sessão, destaca-se a construção social e simbólica do templo, fato que possibilita aos entrevistados reelaborar suas lembranças, emitir opiniões, juízos de valor, desvendar crenças e olhares sobre a cidade e sobre os personagens que compuseram o processo de construção da Catedral.

Nas *Considerações finais*, lançando mão de um olhar mais direto e incisivo, o pesquisador faz apontamentos acerca de todo o conteúdo exposto, mesmo reconhecendo a parcialidade dos resultados de uma pesquisa, em mais de um sentido. É nesse momento que aparecem as questões relacionadas à força hegemônica das narrativas, quando os entrevistados, a maioria deles oriundos da classe média, compartilham uma imagem do local, marcada pelo triunfo e sucesso, que se reflete simbolicamente, por exemplo, na pujança do maior ícone da cidade, a Catedral de Maringá, força que resulta na fabricação de uma identidade fortemente localista.

Por fim, cabe lembrar que a partir da quinta sessão o texto conta, também, com fotos ilustrativas que fazem parte da memória coletiva da cidade. Boa parte delas foi tirada pelo fotógrafo Kenji Ueta, pioneiro popularmente conhecido em Maringá; outras, no entanto, integram o arquivo pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero, um dos contatos relevantes para a realização deste trabalho. As fotos auxiliam no dimensionamento das expressões visuais da memória relacionada à presença do templo na cidade, à medida em que apresentam marcas de um passado recente, vivenciado pelas pessoas entrevistadas. Em trabalho posterior, uma análise mais acurada a respeito desse tipo de memórias, registradas pelas lentes fotográficas, poderá contribuir sobremaneira para aprofundar as discussões presentes neste texto.

2 PANORÂMICA E PROPOSIÇÃO ACERCA DA CATEDRAL DE MARINGÁ

No cenário urbano das principais cidades brasileiras, onde há dioceses ou arquidioceses, em geral, a Catedral se apresenta como um dos prédios de destaque. Algumas, mais simples; outras, mais requintadas e imponentes, mas sempre presentes no cenário dessas cidades. Observa-se, pois, que geralmente a Catedral é uma obra de grandes dimensões, o que lhe confere visibilidade, ao mesmo tempo em que a distingue das edificações ao seu entorno. Segundo o historiador Jacques Le Goff (2009), durante a Idade Média, a Catedral pôde ser interpretada como uma maravilha do mundo europeu¹, edificada ao lado do castelo medieval e do conjunto de edifícios que representavam a cidade. Naquele período, foram construídos diversos templos como, por exemplo, Notre-Dame de Paris, iniciada em 1163; Notre-Dame de Chartres, edificada a partir de 1195, entre outros. Em uma Diocese, por sua vez, a Catedral é a Igreja mais importante, destacando-se por ser a cabeça de todas as outras. De acordo com Le Goff (2009, p. 50):

O termo ‘catedral’ aparece na Idade Média primeiro em forma de epíteto: falava-se ‘a igreja catedral’. Ele só se torna substantivo no século XVII, mas, sob essa forma substantiva, consegue um sucesso extraordinário tanto no domínio do vocabulário quanto no mundo da ideologia. Catedral vem do latim *cathedra*, ou seja, cátedra, uma espécie de trono reservado ao bispo – esse trono episcopal é, aliás, um dos elementos essenciais do interior da catedral. Portanto, a catedral é essencialmente a igreja do bispo – o que também assegurou o seu sucesso.

Como se pode perceber, permanece viva a função da Catedral como o local por excelência de onde o bispo, da sua cátedra, instrui a comunidade de fiéis.

Longe da Idade Média, período das grandes construções de catedrais que se tornaram mundialmente conhecidas, numa jovem cidade chamada Maringá, com pouco mais de sessenta anos, também houve a construção de uma Catedral. Tal obra pode ser avistada de longe, tanto pelos moradores locais, como por aqueles de cidades circunvizinhas. Do seu mirante, avista-se grande parte da cidade. Faz jus apresentar algumas de suas características centrais, contextualizando o seu processo de construção.

¹ Para Le Goff (2009, p. 23): “O domínio do maravilhoso é a estupefação dos homens e mulheres da Idade Média. Ele suscita o maravilhamento e depende do mais bem exercitado e exaltado sentido do homem medieval: a visão. O maravilhoso fazia os olhos dos homens e mulheres da Idade Média arregalarem-se ao mesmo tempo em que estimulava o intelecto deles”.

2.1 NA CIDADE DE MARINGÁ: A CONSTRUÇÃO DE UMA CATEDRAL

A Catedral de Maringá está construída em área central da cidade. Localizada na Avenida Tiradentes, tem-se, em referência à sua porta central, uma interessante configuração da arquitetura dos poderes públicos e religioso. À direita, o poder Executivo; à esquerda, o poder Judiciário, e atrás do prédio está o poder Legislativo. O poder Religioso ocupa, portanto, em Maringá, posição central em relação à espacialização do Executivo, do Legislativo e do Judiciário. A Catedral é, portanto, expressão visível da presença institucional da Igreja Católica entre as forças políticas e religiosas da cidade.

A construção dessa obra arquitetônica é provavelmente um dos empreendimentos que mais conferiu visibilidade ao arcebispo emérito, dom Jaime Luiz Coelho. Ao cunhar no coração de Maringá essa grandiosa construção, o líder religioso estabeleceu marcas que em muito transcendem os limites exclusivamente religiosos. A edificação do prédio da Catedral durou mais de uma década, mas considerando também os seus acabamentos finais, na verdade, foram duas décadas.

Dom Jaime Luiz Coelho, o primeiro bispo de Maringá, chegou à cidade em 1957 e, já em 1958, tinha em mãos o projeto arquitetônico da obra, que recebeu seu último vitral somente em dezembro de 1979. Desde o início, o projeto da obra chamou a atenção da cidade, por se tratar de um empreendimento moderno, uma grandeza estética que, posteriormente, foi aclamada como o décimo monumento mais alto do mundo. Desenhada pelo arquiteto José Augusto Bellucci, a Catedral possui forma cônica, com diâmetro de 50 m e altura de 114 m que, somados à sua cruz, chega aos 124 m. Além da estética em concreto aparente, possui vitrais artísticos produzidos por Lonrez Helmar, que se configuram num jogo de cores abstratas. A Praça em que está situada realça a sua beleza, cercanda-a de jardins projetados e espelhos d'água.

A história contada por dom Jaime acerca do fato que lhe inspirou a construção da Catedral é, no mínimo, curiosa e esdrúxula. Segundo o bispo, certa vez, folheando um jornal, encontrou a figura de um satélite soviético, o *Sputnik*, e, ao traçar uma cruz na sua parte superior, imaginou um templo religioso. O mundo vivia o período da guerra fria e ele, que sempre foi um militante ferrenho na campanha católica contra o comunismo, curiosamente, adotou um símbolo do avanço espacial de uma potência socialista, a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), a fim de obter inspiração para o formato do grandioso templo católico, cuja construção propôs. Assim, utilizando-se da imagem de desenvolvimento

dos seus oponentes ideológicos, atribuiu ao templo o modelo daquele satélite, mas dando um novo sentido para a moderna edificação. Segundo o bispo:

Era a época dos ‘satélites artificiais’, dos ‘SPUTINIKS’, e o projeto da Catedral de Maringá tornou-se um convite – em meio a tanto desenvolvimento material e riqueza da região – ao pensamento da eternidade, das coisas de Deus e da fugacidade daquilo que é terreno. ‘POUSTINIKKI’ são aqueles que, numa heróica reclusão, se afastam do mundo para ficarem mais perto de Deus (COELHO, 2007, p. 92).

Dessa maneira, dom Jaime apresentava seu projeto arquitetônico em moldes modernos, demonstrando estar em sintonia com os acontecimentos mundiais, como no caso da corrida espacial. Ao mesmo tempo, militava em favor da conservação dos valores morais e da estrutura fundiária vigente naquele período. Vale destacar que, em 1961, juntamente com os bispos de Londrina, Campo Mourão e Jacarezinho, ele fundou a Frente Agrária Paranaense (FAP), cuja efervescência social se deu principalmente ao longo dos anos que antecederam ao golpe militar de 1964. Tal movimento se contrapunha à sindicalização rural promovida pelo Partido Comunista Brasileiro, na região norte do Paraná (SILVA, 2006). Em nome dos interesses da Igreja Católica, pautando-se no discurso religioso, o bispo facilmente alcançou uma forte penetração política na cidade de Maringá. Para ele, a construção do templo se constituía em um mecanismo de comunicação com todos os grupos sociais:

Fazer com que ‘Cristo seja tudo em todos’, eis a nossa grande aspiração. Daí as obras todas que a Igreja já realizou em nosso meio, que continua realizando, e que realizará no futuro. Daí a grande Catedral, mais que um enfeite para a cidade, projetada para a sua função formativa, social, educacional e religiosa. Alçada na sua majestade e grandeza arquitetônica, não só obra de arte, ela falará aos crentes e aos ateus, aos ricos e aos pobres, aos ignorantes e aos letrados; a todos de uma vida futura, de um Deus que julgará os nossos atos, aquele mesmo Deus que, no momento supremo de seu sacrifício dizia: ‘Pai, perdoai-lhes. Não sabem o que fazem’ (COELHO, 1959).

A decisão de construir um templo que marcasse a vida da cidade com a fé cristã está associada aos vínculos estabelecidos entre a Igreja Católica e Maringá. Já antes da chegada do bispo à cidade, nos primórdios da sua fundação, a instituição eclesial mantinha boas relações com a Companhia Melhoramento Norte do Paraná (CMNP), empresa que planejou e loteou o município. Essa empresa “apoiou financeiramente (a Igreja), concebendo espaços, prestigiando iniciativas, pois reconhecia a Instituição como uma importante aliada na

constituição de uma sociedade purificada, homogênea, moralizada, ordeira, pacífica e moderna” (PEREIRA, 2007, p. 25).

Além desses aspectos que relacionam Igreja e cidade, a imagem da Catedral também está associada à quase totalidade de fotos ou suvenires de Maringá, usada no *marketing* para o município, atraindo turistas e colaborando com o comércio local. Nessa perspectiva, é possível pensar o processo de construção da Catedral aliado às estratégias de crescimento da cidade, pautado nas noções de progresso e desenvolvimento, na cultura que se impõe sobre a natureza, na cidade que cresce em meio à mata².

Por ocasião da comemoração dos cinquenta anos da Diocese de Maringá, o padre Orivaldo Robles publicou um livro comemorativo destes cinquenta anos de história: *A Igreja que brotou da mata* (ROBLES, 2007). Na capa, há uma ilustração que expõe a Catedral surgindo sobre as árvores, imagem que procura comunicar o crescimento da Igreja Católica nesta região. O contraste entre a mata e o concreto é significativo das transformações provocadas pelo crescimento urbano maringaense, fato que, na maioria das vezes, é pouco refletido pelos habitantes. A expressão simbólica do concreto (da Catedral) transformando a natureza representa o preço que se paga pelo progresso urbano, embora no imaginário coletivo maringaense a cidade esteja associada a um modelo de preservação ambiental. Segundo Zueleide Casagrande de Paula (1999), ao contrário do que se apresenta, Maringá não nasceu uma cidade verde, essa imagem foi construída *a posteriori*. A autora afirma que “Talvez o enraizamento do imaginário ecológico tenha, por um lado, tido tanta aceitação por parte da comunidade de Maringá pela própria necessidade de negar, hoje, a existência de um processo devastador que fere a memória de todos” (PAULA, 1999, p. 420). Assim, o concreto da Catedral pode também simbolizar os anos de acelerada transformação da paisagem urbana maringaense.

A relação de proximidade entre cidade e Igreja Católica também se revela no processo conjunto da formação de ambas. Maringá foi fundada em 1947, e já em 1957, a Igreja local recebia o seu primeiro bispo e uma estrutura de Diocese. Ambas, a Igreja e a cidade, cresceram juntas. Em seus estudos acerca do processo de segregação sócio-espacial em Maringá, a pesquisadora Ana Lúcia Rodrigues (2004, p. 51) faz uma importante

² Para entender o impacto do adensamento populacional na região norte do Paraná, é interessante a observação de Pedro Calil Padis (1981, p. 83): “Em menos de quarenta anos uma área de aproximadamente 71.637 quilômetros quadrados, ou seja, cerca de 36 por cento do território paranaense transforma-se, de densa mata, absolutamente despovoada (sic), em região que, em 1960, contava com cerca de 1.843 mil habitantes (34 por cento da população do Estado) distribuídos em 172 cidades, algumas de porte considerável”.

observação acerca da rigidez do planejamento urbano, promovido pela empresa de loteamento CMNP:

Sabemos que muitos planos são idealizados e nem sempre postos em prática. Porém, conforme se pode perceber, não foi o que ocorreu com Maringá, pois esta empresa conseguiu orquestrar o desenvolvimento da cidade, tal qual concebido nos projetos. Foi capaz, desde sua fundação, de aliar agentes (os compradores “pioneiros” e o poder público) em torno dos mesmos princípios políticos e econômicos que eram, antes, os seus princípios.

Maringá é uma cidade que surgiu de uma prancheta, fato que, de certa forma, serviu de mote para se construir uma Catedral em consonância com os padrões do que se fabricava como cidade. Nas paredes da Catedral, as características de um concreto liso e aparente, em forma cônica, revelam relações harmônicas com a rigidez do planejamento urbanístico da cidade. A força simbólica desse monumento é evidente, sendo considerado bem mais como o templo *da* cidade do que um templo *na* cidade.

A Catedral pode sintetizar a somatória de condutas políticas, morais e sociais, de origem católica, que contribuiu com os ideais de cidade próspera, pujante. O nível de racionalização, presente no encontro entre os interesses da Igreja Católica e da cidade em formação, tornou a jovem Diocese de Maringá, ainda em seus primeiros anos de vigência, uma presença auspiciosa para a cidade, fenômeno que faz lembrar a análise feita por Max Weber (2004), na obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, em que evidencia a influência histórica da relação entre a vida religiosa, principalmente do calvinismo, e a ação terrena, como elemento favorável ao processo de consolidação do sistema capitalista moderno. No caso de Maringá, a força empreendedora, não do protestantismo, mas sim da Igreja Católica, foi o que relacionou a crença religiosa às ações práticas dos indivíduos, buscando alcançar as metas do que se almejava para a cidade. Tal intento se constituiu na formação de um espírito, uma cultura, semelhante ao que, na acepção de Weber, pode ser entendido como um sistema de valores que preconizou a formação de uma consciência profissional, tendo em vista o progresso e o caminho da ascensão social³. Não por acaso, Coelho (2007, p. 20, grifo nosso) sempre mostrou muita clareza a respeito da aliança existente em prol desses interesses:

³ Sobre os puritanos, Weber (2004, p. 121) diz que eles “estavam firmemente convencidos de que era o próprio Deus que abençoava os seus com o sucesso no trabalho”.

Hoje vivemos os seus (*de Maringá*) dias de criança. Depois de nós virão os que lhe darão brilho na vida adulta. Maturidade política. Personalidade indefectível. Comércio estabilizado. Fé inabalável. Lares cristãos. Vida social sem mistificações. Assistência eficiente ao irmão que sofre. Cidade, enfim, que realize as glórias do seu destino.

Tal discurso tende, facilmente, a se aliar à construção do mito dos pioneiros⁴, que se afirma com ênfase na produtividade da terra vermelha do norte do Paraná e, no caso maringaense, também, na exuberância do verde e na beleza da construção do espaço urbano. Os empreendedores maringaenses foram eficientes em forjar e vender a imagem da cidade. Embora a especulação imobiliária seja uma prática universal, ao se enfatizarem as diferenças, em detrimento das semelhanças entre Maringá e outras cidades, obteve, aqui, muito sucesso com as estratégias de marketing⁵. De tal modo que são as peculiaridades da formação desta cidade que contribuem para a constituição de um forte sentimento de pertencimento⁶ a um projeto individual e social arraigado na ideia implícita de sucesso.

Supõe-se, portanto, que a construção da Catedral contribuiu com a idealização do local singular. Ela pode ser vista como uma das expressões dessa construção social que se constitui num sentimento coletivo enaltecendo o orgulho de se viver em Maringá e de se fazer parte do acelerado processo de crescimento e modernização pelo qual a cidade passou e continua passando.

2.2 O CÍRCULO SOCIAL DO BISPO: OS PARCEIROS DA OBRA

A Catedral pode ser entendida como o símbolo de determinada estratégia de ação em que os agentes, reforçando laços de integração, constituem o local e criam seus arranjos políticos. É nesse bojo, na interface entre Igreja Católica e sociedade, que dom Jaime estabeleceu contatos com autoridades políticas e empresariais, o que lhe possibilitou angariar

⁴ O mito dos pioneiros pressupõe a ideia de que homens de coragem e determinação desbravaram esta região, algo que muitas vezes serve para justificar as desigualdades econômicas e sociais existentes entre os moradores do local. Parte-se do princípio de que antes desses senhores não havia povoamento na região. Segundo Tomazi (1999), o pioneiro é visto como personagem “fantasmagoricamente idealizado”.

⁵ José Henrique Rollo Gonçalves (1999, p. 117) faz menção à publicidade que a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná utilizava para divulgar o Norte (Novo) do Paraná, no qual se inclui Maringá: “Ela traduzia imagetivamente a região através de expressões pitorescas como ‘Nova Canaã’, ‘Eldorado’, ‘Terra onde se anda sobre dinheiro’, ‘Terra da Promissão’ e outros apelidos do mesmo naipe”.

⁶ A forma poética e triunfal do que escreve Padre Orivaldo Robles (2007, p. 221) sobre a cidade é um bom protótipo: “Cinquenta anos não lograram destruir nem o frescor da tua beleza nem o encanto da tua mocidade. No teu viço de senhora, manténs a formosura dos primeiros tempos”.

apoio financeiro e moral para a construção da Catedral. Pode-se afirmar que foi orquestrado um movimento de forças locais, sob a liderança do bispo.

Na viabilização do projeto de construção da nova Catedral, as leis municipais 72/57 e 73/57 (que saíam de vigor em 1961, mas que já apresentavam a profícua relação entre o bispo e os poderes públicos) autorizavam o poder Executivo maringaense a contribuir para com as obras de edificação do respectivo monumento. Em março de 1958, em carta direcionada ao prefeito de Maringá, Américo Dias Ferraz, dom Jaime tomou a liberdade de reivindicar a doação das pedras necessárias para os alicerces da futura Catedral. Para reforçar a importância de seu pedido, argumentou:

Creia Exmo. Sr. Prefeito, que este pedido se fundamenta no alto espírito compreensivo de V. Excia. na gestão da coisa pública, bem como na afirmação de que a futura Catedral de Maringá será algo que muito honrará o Município na gestão empreendedora de V. Excia (COELHO, 1958).

O argumento empregado por dom Jaime em favor do pedido se associou à boa gestão da coisa pública, estabelecendo uma simetria entre a Catedral e os prédios públicos, ao mesmo tempo em que associava a obra da Catedral à gestão empreendedora do Prefeito. Em outra situação, o bispo fez um empréstimo de um britador pertencente ao Estado do Paraná e, ao responder à solicitação para que o devolvesse, evidencia o tráfico de influências que exercia junto ao governador do Estado do Paraná. Ao engenheiro chefe do 7º Distrito do Departamento de Estradas de Rodagem, respondeu: “comunico que tenho licença verbal do Exmo. Sr. Governador do Estado, Ten. Cel. Ney Braga, para continuar usando o referido britador” (COELHO, 1961).

A presença de grupos políticos nas obras da Catedral foi prática constante. De acordo com o demonstrativo das obras da Catedral, de 1957 a maio de 1964, o governo do Estado contribuiu com a construção do prédio por meio de um investimento no valor de CR\$ 22.660,00, enquanto que a Prefeitura Municipal, através da lei 73/57, extinta em 1961, disponibilizou a quantia de CR\$ 4.000,00. Ademais, depois de ocupar o cargo de presidente na primeira comissão administradora da obra (1958-1964), dom Jaime assumiu o posto de presidente de honra. Em seguida, foram empossados dois prefeitos, respectivamente, como presidentes da comissão para as obras da Catedral: Luiz Moreira de Carvalho (1966-1969) e Adriano Valente (1969-1971). Na reta final da construção, dois empresários se responsabilizaram pelos trabalhos: Ênio Pipino foi alçado à condição de presidente da comissão, ao passo que Joaquim Romero Fontes, com uma participação destacada, tornou-se

tesoureiro. Somavam-se a eles, ocupando postos na comissão, outros políticos locais, bem como membros destacados da sociedade maringense.

Os trabalhos de construção envolveram políticos, bancos e empresários. A CMNP, por exemplo, não só apoiou financeiramente a obra, como também indicou o arquiteto José Augusto Bellucci, por meio de seu diretor Hermann Moraes Barros. Em livros que compõem os arquivos de anotações, guardados na Cúria Metropolitana, encontram-se menções relacionadas a instituições tidas como prováveis contribuintes na edificação desse empreendimento, tais como: Bradesco, Ginko, Brasul, Mercapaulo, Comercial, Bancial, Bamerindus, Benka, Walmap, Orbe, Sulbanco, Tazan, Bancosales. Associações e organizações também foram convidadas para contribuir, tais como o Lions Clube, o Rotary Clube, a Associação Comercial e Industrial de Maringá (ACIM), os sindicatos e as colônias (japonesa, portuguesa, italiana, espanhola, etc.) (COMISSÃO..., 1966). Para angariar recursos, também se promoviam quermesses; campanhas do café, com a doação de sacas em prol da construção; rifas e promoções diversas. Numa região fortemente agrícola, a ajuda era materializada, comumente, sob a forma de produtos da terra. Inusitada, nesse processo, foi uma promessa feita pelo bispo aos cafeicultores: haveria cinco anos sem geada na região, desde que houvesse o empenho de todos na construção da obra (PEREIRA, 2007).

Em 1972, Maringá celebrou o seu jubileu de prata, e a Diocese, quinze anos de fundação. Na ocasião, planejando o encerramento de toda a estrutura de concreto da Catedral, o bispo lançou um desafio à comissão de obras: colocar a cruz na torre da Catedral e inaugurá-la em consonância com as comemorações do jubileu da cidade (COELHO, 1971). A ideia entusiasmou as lideranças políticas e empresariais, que se empenharam para que a obra fosse concluída a tempo. Assim, num ajuntamento de forças, na reta final, organizaram uma nova comissão:

O bispo diocesano Dom Jaime Luiz Coelho nomeou e outorgou poderes para uma comissão de pessoas influentes da cidade, que funcionará como uma espécie de conselho deliberativo, e dirige na retaguarda, todos os trabalhos da construção. Esta comissão é formada por Joaquim Romero Fontes, Enio Pepino, Joaquim Moleirinho, Francisco Ribeiro, Moacir Bulhões da Fonseca, Jitsuji Fujiwara, Jaime Cambauva e José Cassiano Gomes dos Reis, e reúne-se quinzenalmente para tomar as posições e decidir as metas a serem seguidas (CATEDRAL..., 1971).

A construção da Catedral consagrou-se numa grande agregação social. O bispo chegou a solicitar, insistentemente, ao Ministro das Comunicações, a emissão de um selo comemorativo com a estampa da Catedral para as comemorações do jubileu, em 1972. Para tanto, envolveu diversas autoridades, encaminhando cartas com o apoio de personalidades

políticas, como: o então governador do Paraná, Haroldo Leon Peres; o prefeito de Maringá, Adriano Valente, e o presidente da Câmara, Paulo Vieira de Camargo. Porém, naquele ano, toda a programação filatélica foi direcionada ao Sesquicentenário da Independência, e o bispo não viu seu pedido ser atendido.

A construção da Catedral pôs em evidência, na cidade, lideranças políticas e empresariais. O jornal de propriedade da Diocese destacou o empenho dos empresários Joaquim Fontes e Enio Pepino: “eles deixam seus afazeres particulares, colocam os negócios de suas empresas em segundo plano [...] para terem como recompensa o andamento das obras” (CATEDRAL..., 1972). Não por acaso, o uso político da Catedral para fins eleitorais também parece ter acontecido, conforme se pode perceber na chamada em que o prefeito João Paulino faz alusão a Túlío Vargas, candidato ao senado, apoiado por ele naquele turno.: “João Paulino: ‘Túlío é tão nosso como a torre da Catedral’” (JOÃO PAULINO..., 1978). Nota-se, ainda, a exploração desse feito durante as manifestações relacionadas à inauguração da nova Praça da Catedral:

[...] o Arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho usou da palavra para agradecer o trabalho do ex-prefeito João Paulino e do atual, Sincler Sambatti, bem como do Presidente da Câmara Municipal, vereador Maurílio Correia Pinho, 'homens que realmente trabalham por Maringá' (COM A PARTICIPAÇÃO..., 1982).

A articulação com os empresários e políticos da cidade demonstra que dom Jaime era hábil em representar os interesses da sua instituição, zelando pelas relações públicas e destacando-se como líder religioso. É possível que muitas lideranças políticas e empresariais tenham encontrado no bispo uma grande força política. Visto como um grande líder religioso pela população, ele era valorizado pelas lideranças da cidade, em virtude da capacidade de mobilização popular. Para além da edificação das paredes da Catedral, houve uma construção social que tornou a Catedral um símbolo das alianças entre a Igreja e a cidade, processo que se efetivou por meio de uma série de concatenações durante os encaminhamentos da obra e as cerimônias em que os discursos proliferaram.

2.3 A INCORPORAÇÃO DA OBRA

A recorrente utilização da imagem da Catedral pelos diversos segmentos da sociedade maringaense faz pensar que há uma incorporação social da presença permanente do

templo, haja vista a série de cartões postais, bem como a exploração de sua imagem pelo comércio, turismo e órgãos institucionais. Esses elementos parecem indicar que a Catedral se integrou com sucesso à vida social da cidade, de tal modo que é correto afirmar que a monumental Catedral faz parte da imagem oficial da cidade, assim como suas largas avenidas e ruas arborizadas. Relendo o processo de construção da Catedral, é possível interpretá-lo, também, a partir de um ciclo de construção simbólica da mesma.

O respectivo ciclo teve início com a chegada de dom Jaime, em 1957, e culminou com a instalação canônica da Arquidiocese, no dia 20 de janeiro de 1980. Esse período compreendeu os anos em que a população, além de participar, também assimilou o impacto da construção da Catedral e de seu lugar no centro da cidade, ajudando a reforçar a simbologia do templo, que se materializou como um monumento que constituiu o sinal mais eminente da força da presença da Igreja Católica na vida da cidade.

As celebrações, festas e muitos rituais católicos, conduzidos por dom Jaime, contavam com a presença de populares, além de autoridades religiosas e políticas. Estando numa posição privilegiada, dom Jaime desenvolvia seu trabalho pautado no discurso teológico e na ação política. Representando o papel de servo de Cristo, reinava, ao mesmo tempo, como “príncipe da Igreja”⁷. Sua posição era a de mediador, visto que sua atuação se dava entre o sagrado e profano, o pobre e o rico, o religioso e o político.

Muitos elementos, que geralmente são vistos apenas como detalhes no processo de construção da Catedral, podem ser repensados a partir da força de seu significado. O lançamento da pedra fundamental é um desses casos. Estando pronto o projeto da obra, o bispo marcou para o dia 15 de agosto de 1958, data da festa da Assunção de Nossa Senhora, dia da Padroeira da cidade, o momento em que seria apresentada, à comunidade, a pedra fundamental da Catedral, vinda das escavações do Vaticano:

[...] Dom Jaime contou-nos a origem das duas pedras fundamentais: as duas pedras fundamentais foram bentas por s.s. o Papa Pio XII, gloriosamente reinante. Trata-se de dois pequenos blocos de mármore tirados das escavações da Basílica de São Pedro no Vaticano, estando as mesmas a caminho do Brasil (DAS ESCAVAÇÕES..., 1958).

Uma das pedras foi destinada à fundação do Seminário, lançada na mesma cerimônia, evento que contou com a presença de outros bispos e autoridades, o que se tornou habitual nas grandes celebrações promovidas pelo líder da então Diocese de Maringá. Esse foi

⁷ Assim ressaltaram as qualidades do bispo, quando da sua chegada à Maringá, em 1957: “com reverência o chamavam de culto príncipe da Igreja, excelente orador” (PEREIRA, 2007, p. 43).

um dos grandes eventos que integraram uma cosmologia em que dom Jaime, solenizando os rituais católicos, redimensionava e expandia o valor dos acontecimentos, dotando-os de fortes referenciais simbólicos. Eventos que remetem às contribuições de Mariza Peirano (2000, p. 11), ao afirmar que “os rituais partilham alguns traços formais e padronizados, mas estes são variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares. Assim, o vínculo entre forma e conteúdo se torna essencial à eficácia e as considerações culturais integram-se, implicadas, na forma que o ritual assume.” Dessa maneira, toda a performance do ritual com as duas pedras, vindas diretamente da Basílica de São Pedro, em Roma, dava autoridade ao projeto de construção da nova Catedral, vinculando-a diretamente ao Vaticano, somando-se às bênçãos dadas pelo papa Pio XII, sucessor de Pedro, que ampliavam e santificavam os poderes do bispo local, ao mesmo tempo em que reforçavam o valor da Catedral.

Dom Jaime conciliou com maestria a ação religiosa com a política. O seu lema episcopal, *In Omnibus Christus* (Cristo seja tudo em todos), inspirou-lhe uma forte militância em favor da instituição eclesiástica, de maneira tal que, olhando para a Catedral, pode-se vislumbrar um sinal material da sua força religiosa e política como líder da Igreja Católica na cidade de Maringá. O bispo, em seu ministério, distribuía as bênçãos de Deus para a cidade, mediante a disseminação de valores morais e sociais de sua instituição. Seu senso prático unia-se à sua visão teológica do mundo. Ao ser questionado sobre quando terminariam as obras da Catedral, respondeu por meio do jornal, com duas perguntas: “quando quererá você que ela esteja terminada? Com quanto já cooperou para a Casa da Mãe de Deus?” (COELHO, 1964).

Sendo uma autoridade religiosa na região de Maringá, dono de boa retórica e de uma personalidade bastante persuasiva, dom Jaime procurou se posicionar em evidência diante das divergências de opiniões, para emitir a palavra final. Ainda em 1959, foi surpreendido por uma carta aberta, de autoria de Luís Carlos Borba, colunista de *O Jornal de Maringá*, na qual este apresentava uma reação contra o bispo que, em desagrado com o conteúdo de uma das crônicas de Borba, pedira esclarecimentos da direção do jornal em relação ao material publicado. Borba se aproveitou do ensejo para declarar: “Sou contra a construção da Catedral bem como de Brasília, por achá-las inoportunas, inadequadas e extemporâneas [...]” Seguindo a linha de raciocínio, lamentou o fato de ver cassado o seu direito de escrever para o jornal, pois: “Se discordar dos erros dos homens, que são humanos, imperfeitos (ninguém é perfeito) e que nada tem de divinos e imortais, é pago com esse preço, eu nada mais devo à sociedade” (BORBA, 1959).

A resposta de dom Jaime não tardou. Ele destacou, de maneira branda, a iniciativa e a boa vontade daquelas pessoas que colaboravam na construção da Catedral, reforçando que a edificação da obra era fruto da vontade coletiva. Aproveitando-se da ocasião, respondeu aos questionamentos acerca da lei municipal que autorizava a doação de dinheiro para a construção: “partiu de um projeto espontâneo de quem se sentia representante dos anseios do povo católico maringaense” (COELHO, 1959).

No entanto, ao averiguar a trajetória de construção da Catedral, pode-se colocar em dúvida a espontaneidade não só das doações que eram feitas, como também da organização e da participação de autoridades políticas, empresariais e religiosas em eventos, datas e rituais solenes, que parecem, ao contrário de ações pautadas exclusivamente em boa vontade, ações individuais e coletivas muito bem costuradas por estratégias de ação planejadas. A coincidência do término da estrutura de concreto da Catedral com o jubileu de prata da cidade, em 1972, é um exemplo dessa situação. Aliás, a missa solene, celebrada naquele período, pelos quinze anos de instalação canônica da Diocese, foi presidida por dom Eugênio de Araújo Sales, autoridade expressiva no círculo hierárquico católico. A Igreja, assim, unia diante do seu altar, o povo, as autoridades políticas, empresários e religiosos.

O coroamento final da obra, consolidando o seu valor simbólico, ocorreu no dia 20 de janeiro de 1980, evento que contou com a presença do Núncio Apostólico, dom Carmine Rocco. O ritual de instalação canônica da Arquidiocese de Maringá ocorreu nas dependências da Catedral, ocasião em que estavam presentes cerca de oito mil pessoas. Ali, pôde-se acompanhar a criação da Arquidiocese e a elevação de dom Jaime ao arcebispo.

A programação do cerimonial de instalação canônica da Arquidiocese contou com o apoio da Prefeitura de Maringá. Entre as autoridades presentes, destacaram-se o prefeito João Paulino e o governador do Estado do Paraná, Ney Braga, amigo de longa data do arcebispo dom Jaime. Após as solenidades, a Prefeitura ofereceu, para as autoridades e religiosos, um almoço no *Country Club*. Durante o discurso proferido pelo prefeito, destacou-se a:

[...] projeção de slides, mostrando lances de grande impacto visual, como a foto de D. Jaime, assim que chegou a Maringá, nossa Catedral, no início da construção; a Basílica de São Pedro em Roma e lances especiais da Cidade Canção (INSTALADA..., 1980).

Era um ciclo que se completava em torno da Catedral. O bispo, que em 1957 propagava a construção de uma majestosa Catedral, podia, então, sentar-se na sua cátedra.

Para completar as honrarias, a seu pedido, a Catedral recebeu do papa João Paulo II o título de Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, decretado no dia 22 de janeiro de 1982⁸.

Assim, estava inserida, no projeto urbanístico da cidade de Maringá, a Catedral do bispo em favor da eternidade. O povo que assistiu maravilhado a imponente construção, ao passar pelo centro da cidade, reverenciava aquele monumento que acentua o poder religioso. Foi por intermédio da política de um bispo que muitos julgam ter recebido as bênçãos de Deus sobre o local em que vivem⁹. Para uma cidade que tanto propaga seus qualificativos, a Catedral pode ser entendida como símbolo da fé cristã, mas, também, como o símbolo da fé no progresso de sua sociedade. Embora nem tudo seja o que aparenta ser, principalmente, em se tratando de política e religião.

2.4 A CONSTRUÇÃO DE PAREDES CONTRIBUIU PARA A ELABORAÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCALISTA?

Depois de demonstradas algumas questões pertinentes à construção da Catedral, no que diz respeito a suas marcas sociais que se fazem presentes na imagem da cidade, é o momento de apresentar a pergunta que justifica os caminhos adotados nesta pesquisa. Para tanto, considerando as evidências dos aspectos já apontados até o momento, parte-se do pressuposto de que a construção da Catedral é um fator importante na configuração de uma identidade localista para Maringá, porque essa construção colabora diretamente na constituição do patrimônio histórico e cultural do município¹⁰, ao mesmo tempo em que expressa os acordos e relações de reciprocidade entre agentes locais.

A construção dessa obra grandiosa no centro da cidade não é, de maneira alguma, fruto do acaso. Trata-se de um monumento carregado de intencionalidades, de projetos de vida, de sonhos e desejos de determinados grupos sociais. Escrevendo acerca da cidade de Goiânia, Márcia Metran de Mello (2006, p. 67), discute o modelo arquitetônico dos edifícios, apresentando as marcas do agir humano sobre a construção: “Um edifício não é um objeto do

⁸ Assim: “a Catedral – Basílica de Maringá torna-se oficialmente um Santuário: centro de orações e de peregrinações, um convite à prece e ao pensamento da eternidade” (CATEDRAL, 1982).

⁹ Cabe citar mais um trecho da escrita triunfal do Padre Orivaldo Robles (2007, p. 161): “Plantada na extensa planície que alarga o horizonte a perder de vista, a cidade emerge do verde dos campos agricultados à sua volta, em meio a casas, prédios e farta arborização. Mas no belo conjunto de edificações erguidas por mão humana mais que tudo atrai o arrojado de um templo que se projeta em direção do céu”.

¹⁰ Para Bourdin (2001, p. 50): “As ideologias contemporâneas do patrimônio constituem um fator de substantificação importante da localidade, de produção do local”.

acaso. Antes de ser matéria foi pensamento e desejo. O “desenho”, principal instrumento para se idealizar um projeto, é uma palavra que tem, em sua origem, o sentido de desígnio, intenção, portanto, desejo”.

Considerando tais aspectos que envolvem um projeto de construção, deve-se reconhecer a intencionalidade de uma obra, pois, por trás de uma edificação há sempre sonhos, desejos, esperanças e utopias. Nesse processo, estão em jogo projetos de uma sociedade que influem diretamente na constituição do seu cenário urbano. No caso de uma obra moderna como a Catedral de Maringá, totalmente solidificada em concreto, bastante diferenciada dos templos religiosos das principais cidades brasileiras, urge pensar o seu significado frente a uma determinada forma de ocupar e construir o espaço urbano. Cabe salientar que todas as construções em alvenaria que substituíram as casas de madeira, em Maringá, também se deram em anos de plena efetivação do modernismo na arquitetura brasileira. Ainda, segundo Mello (2006, p. 132):

Há que se ressaltar que, no Brasil, o modernismo gozou de um longo período de hegemonia na arquitetura (anos de 1950, 1960 e 1970), favorecendo o sucesso do intercâmbio de idéias, já que o sistema de ‘rede’ é mais eficaz em ocasiões de grande coesão em torno de uma determinada estética, com poucas dissidências e querelas em relação às ‘verdades’ aceitas e exercitadas pela maioria.

Portanto, convém considerar que o processo de construção da Catedral, inserida numa opção de arquitetura consonante a uma cidade edificada no auge da arquitetura modernista, legitimada em narrativas que enfatizam uma dada opção de organização sócio-espacial, esteve bastante centrado num discurso localista. A Catedral pode ser entendida como uma obra síntese e prototípica do imaginário coletivo acerca do local em que se vive¹¹.

No livro *A Questão Local* de Alain Bourdin (2001), há apontamentos que problematizam e criticam as interpretações e definições que substancializam a força do objeto local, em detrimento do dinamismo de sua permanente construção social. Para o autor, “Quaisquer que sejam as justificações históricas, naturais ou culturais utilizadas, todas essas configurações locais são construídas por atores que as constituem em ‘contextos de ação’” (BOURDIN, 2001, p. 13). São os circuitos de ação que manifestam os acordos e reciprocidades dos agentes locais e seus benefícios coletivos e individuais, o que conduz para

¹¹ De acordo com Cornelius Castoriadis (1982, p. 154), se por um lado, “o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘exprimir-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa a mais [...]”, por outro, “o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é”.

a fabricação de um discurso localista. Somente na observação do jogo político engendrado por esses agentes é que se constata a permanente construção da imagem do local que se pretende estável.

No primeiro capítulo do livro, em que analisa o chamado objeto local, Bourdin contribui para um exercício de estranhamento das visões substancialistas acerca do que é o local. Para o mesmo autor, é sempre por meio de uma relação instável, em uma ação permanente de seus agentes, que o local se define. Trata-se, portanto, de entendê-lo como:

[...] um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas. Essa forma é caracterizada pela ação privilegiada com um lugar, que varia em sua intensidade e em seu conteúdo. A questão se desloca então da definição substancial do local à articulação dos diferentes lugares de integração, à sua importância, à riqueza de seu conteúdo (BOURDIN, 2001, p. 56).

Para Bourdin, a carência de um exame dos vários pressupostos que, em geral, se assume na definição do local, reconhecidos, muitas vezes, como naturais ou admitidos por serem amplamente difundidos, desemboca numa “vulgata localista”. Assim, ideias como a de pertencimento a um grupo, o interacionismo¹², o naturalismo geográfico e as alusões a uma forte influência da herança do passado, uma vez radicados, podem se enquadrar nessa *vulgata*. Nessa perspectiva, ao supervalorizarem ora a força de evidências etnológicas, ora históricas, a antropologia e a história podem ser vítimas de um salto irrefletido da constituição de uma *vulgata* para a elaboração de uma teoria de análise. Portanto, cuidados devem ser tomados para não se cair na armadilha de transformar crenças em verdades sociais, pautando-as na força da base do local, nas relações de proximidade e na força passado.

É nesse âmbito que a expressão identidade localista se apresenta como uma noção adequada para se pensar o processo de construção da Catedral de Maringá, bem como entender a sua força simbólica na cidade. A opção por identidade localista pretende diferenciar-se dos discursos acerca da existência de uma possível identidade local¹³. Assim, a expressão localista expressa e denuncia uma espécie de leitura da realidade local, amplamente

¹² Para Bourdin (2001, p. 34), um local interacionista “parte da afirmação que nossa identidade, até a mais individual, é construída a partir de um grupo de pertença. Esse último, ainda que afetado por fatores macrossociais, é ou se torna sua própria origem, neste sentido grupo nativo ou auto-referente, que pode, por exemplo, definir o termo ‘etnia’”. Ideia da qual o autor discorda.

¹³ Em relação ao conceito de identidade, segundo Stuart Hall (2007, p. 103): “Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a idéia de uma identidade integral, originária e unificada”.

aceita pelos seus agentes, que procura engessar e substantificar o local, a partir da construção de um discurso descolado da dinâmica da construção social dessa realidade.

Cabe destacar que a pesquisa não investiga acerca da existência de uma identidade do local, pois aqui não se considera tal possibilidade como real. Trata-se, na verdade, da coleta e análise de material que ofereça elementos que permitam a compreensão do que seja a representação que os agentes sociais dão ao local em que vivem que é, de fato, uma identidade fictícia (localista). Essa ficção pode ser verificada ao se levar em consideração que o local se define por meio da ação permanente de seus agentes sociais, o que descortina a dimensão fabril da sociedade que se faz a si própria cotidianamente. Diante das ponderações de Bourdin, é necessário evitar qualquer entendimento substancialista ou hiper-dimensionado acerca dessa construção do local, que fuja do caráter contingente a que todo agir humano está sujeito.

Pretende-se pautar as indagações relativas à força da Catedral como construção social, como resultado da feitura social de segmentos da sociedade maringaense. Tal objetivo implica em fazer uma leitura das interpretações do processo de construção da Catedral e de seu lugar na cidade, sem cair nas armadilhas das determinações e pressupostos que facilmente dão ao local um caráter intrínseco às suas características naturais e históricas, naturalizando, inclusive, essas últimas. Dessa forma, questionar-se acerca de uma identidade localista corresponde a analisar os interesses dos grupos sociais na transmissão de uma imagem de si, verificar as representações produzidas e reconhecidas pelo grupo social focado, bem como da cidade em que habita. Nesse sentido, os olhares dos agentes sociais sobre o processo de construção da Catedral expressam um determinado conjunto de valores, como também a legitimação de determinadas estratégias e práticas sociais.

Levando-se em conta a relevância da construção da Catedral para Maringá, é possível fazer um questionamento acerca da relação entre a construção da obra e a constituição do local. A Catedral é vista como um monumento que atrai públicos diversificados: religiosos, turistas, empresários, meios de comunicação social, adultos, jovens e crianças, o que a vincula aos contextos de ação da vida social da cidade. Isso posto, faz-se necessário apresentar o questionamento que orienta esta pesquisa, qual seja, evidenciar se a construção da Catedral realmente contribuiu para compor e reforçar a constituição de uma identidade localista para a cidade.

A contextualização histórica da construção da Catedral foi possível graças ao contato direto com os arquivos da Cúria Metropolitana de Maringá¹⁴. No entanto, para o aprofundamento dos questionamentos acerca das relações entre a constituição de uma identidade localista e a construção da Catedral, paralelamente ao crescimento da cidade de Maringá, foi imprescindível a realização de trabalho de campo. A via justificável para esse trabalho é a utilização metodológica da memória oral, pautada na prática da entrevista como técnica de pesquisa. A recuperação da memória de sujeitos imersos no processo de construção da obra foi fundamental no processo, pois durante o ato de lembrar, as pessoas tiveram de reelaborar o passado com vistas no presente. Com os pés no presente, o memorialista se lembra de seu passado, pois: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Portanto, a questão norteadora é: considerando a coleta, o registro e a análise da memória oral dos indivíduos entrevistados, é possível estabelecer pontos de análise que demonstrem que o processo de construção da Catedral corroborou com a configuração de uma identidade localista para Maringá? Se memória e identidade estão fortemente correlacionadas, há, na oralidade acerca desse processo de construção, elementos que permitam tal interpretação.

De acordo com Bourdin (2001), se a constituição de uma *vulgata* localista pressupõe o pertencimento a um grupo, a interação social, o naturalismo geográfico, a força do passado, entre outros, é possível encontrar nas narrativas dos entrevistados a naturalização de processos que são socialmente construídos? Em caso positivo, estaria confirmada a constituição de uma identidade localista nas narrativas. Memória, identidade e local se correlacionam nesta pesquisa e podem ajudar no entendimento acerca de determinada fabricação do social, que põe em relação de consonância e complementaridade os fatores Igreja Católica e cidade. Assim, considerando a existência da identidade localista, qual é o seu conteúdo? De que maneira ela se manifesta nas narrativas orais?

Há uma versão da história da Catedral de Maringá que frequentemente é veiculada por líderes da Igreja Católica e para a qual não faltam menções honrosas, como se verifica, por exemplo, no livro *A Igreja que brotou da mata*, do padre Orivaldo Robles, que foi amplamente divulgado, bem como no documentário *Jaime: uma história de fé e*

¹⁴ Infelizmente, tais arquivos não se encontram em um bom estado de organização, o que dificultou a datação correta dos documentos. Nas pastas, muitos recortes de jornais parecem pretender deixar um legado acerca da visibilidade de dom Jaime Luiz Coelho e da Igreja Católica em Maringá.

empreendedorismo, produzido pela TV Terceiro Milênio, da Arquidiocese de Maringá. Além disso, ao que tudo indica, a Catedral ocupa um lugar de destaque na vida da cidade, como já foi mencionado. Contudo, penetrando na densidade da memória social maringaense, por meio da memória oral de alguns entrevistados, é possível fazer afirmações mais consistentes sobre as relações entre a Catedral e a fabricação de uma identidade localista. Assim, este estudo busca analisar, no processo de construção do templo, a constituição de formas sociais que lhe garantiram a sustentação e a visibilidade no cenário urbano.

3 NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA ORAL

O trabalho com a utilização da memória oral pode apresentar nuances e revelar caminhos de análise bastante diferenciados daqueles disponíveis nas fontes oficiais encontradas em arquivos consultados. Por meio dela, é possível ir ao encontro das subjetividades no tempo presente, as quais são importantíssimas na reelaboração das lembranças e interpretações do passado vivenciado. Segundo Le Goff (2003, p. 419): “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Ademais, propor-se ao estudo das memórias de um grupo social gera um compromisso político em favor da democratização da memória, uma vez que: “Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica” (LE GOFF, 2003, p. 471).

O estudo da memória ganhou relevância para as ciências sociais, principalmente, a partir das contribuições de Maurice Halbwachs (2004) que, a partir da tradição fundada por Émile Durkheim, evidenciou o peso da sociedade na constituição da memória do indivíduo, privilegiando a memória coletiva. O respectivo autor defendeu a tese de que a memória do indivíduo sempre está ligada a um grupo, daí a importância de considerar que:

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 2004, p. 55).

O estudo da memória individual se justifica porque a mesma está ligada à sociedade e depende dela para existir. É nesse prisma que se busca entender a importância de todo o processo de construção da Catedral, em Maringá, para a coletividade, visto que se trata de um evento cercado por celebrações públicas e campanhas diversas, além de grande impacto nos meios de comunicação social. A proeminência da Catedral para a vida social maringaense também se apresenta no comprometimento de autoridades políticas e empresariais com o seu

projeto de construção, na sua potencialidade para o turismo e na trama social estabelecida a partir dos interesses artísticos, religiosos, políticos e comerciais. Daí, a relevância da discussão acerca do estudo da memória para adentrar nessa gama de significados, bem como da utilização da memória oral nesta pesquisa.

O estudo da memória social tem favorecido a queda de barreiras interdisciplinares, o que vem enriquecendo as pesquisas de historiadores, psicólogos sociais, antropólogos e sociólogos, pois: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Na área de psicologia social, as pesquisas de Ecléa Bosi demonstram como a sensibilidade do pesquisador, unida ao propósito de um ouvir autêntico, pode desvendar sutilezas das histórias humanas que, por meio da memória, flexibilizam as estruturas formalizadas da história social, política e econômica das cidades, bairros, ruas e casas: “A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15). Além disso, se a apropriação da memória e do esquecimento sempre fez parte das preocupações daquelas pessoas que dominaram e dominam as sociedades históricas (LE GOFF, 2003, p. 422), apostar na memória oral dos indivíduos abre possibilidades para o entendimento acerca dos processos sociais que envolvem a luta pelo controle da memória coletiva.

Para o historiador Paul Thompson, defensor irredutível da história oral e do reconhecimento da subjetividade nas pesquisas, a força desse método de pesquisa traz consigo o que pode ser entendido como uma democratização da memória, das fontes para a história. De acordo com o autor:

Única, muitas vezes candidamente simples, epigramática e, contudo, ao mesmo tempo representativa, a voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente. E sua utilização altera não só a textura da história, mas seu conteúdo. Desloca o centro de atenção, das leis, estatísticas, administradores e governos, para pessoas. Altera-se o equilíbrio: a política e a economia podem agora ser encaradas – e, pois, julgadas – a partir da extremidade receptora, tanto quanto a partir do alto (THOMPSON, 1992, p. 334).

Thompson é bastante assertivo, evidenciando sensibilidade e compromisso com o entrevistado e com o conteúdo das entrevistas, em um resgate importantíssimo da força da oralidade. No entanto, é necessário não perder de vista que dar vazão a vozes e lembranças faz parte de um processo que não elimina as relações de poder já solidificadas na trama social

cotidiana¹⁵. Uma das preocupações de um trabalho, seja por meio da história, seja por meio da memória oral¹⁶, deve ser o de considerar as relações entre passado e presente. Dessa maneira, cabe mencionar que: “produzir novos documentos através de história oral é um processo incontestavelmente rico e importante na medida em que tem em vista o presente ou considera que o usuário potencial desse material está locado no futuro” (DEBERT, 1986, p. 152). De modo similar, em se tratando de memórias que se revelam, é necessário entendê-las em um contexto que considere a situação presente do indivíduo, da sua ocupação, das hierarquias e das relações sociais que intermedeiam o tipo de narrativa que estabelece.

Afora essa ressalva, cabe reconhecer as limitações impostas pela supremacia dos documentos oficiais, uma vez que: “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade” (LE GOFF, 2003, p. 538). Assim, vencer a unilateralidade de muitos documentos, partindo da memória oral, significa, em muitos momentos, ampliar a flexibilidade no entendimento dos processos históricos, políticos, sociais e religiosos.

Nas análises, faz-se necessário considerar que os processos de construção da vida social são heterogêneos, respeitando os limites da própria pesquisa, grupos e coletividades: “Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade” (BOSI, 2003, p. 65). Para tanto, faz jus reconhecer o direito que o outro tem de falar e, nesse ínterim, saber ouvi-lo é condição fundamental para uma relação respeitosa, em que a inexatidão do entrevistado não invalida o seu testemunho (BOSI, 2003, p. 66).

A memória é uma construção social, um fenômeno que se traduz de forma não só consciente, mas também inconscientemente, na reformulação das experiências de vida. Ecléa Bosi (1994, p. 54), ao interpretar o pensamento de Halbwachs, admite: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola,

¹⁵ Nesse sentido, Guita G. Debert (1986, p. 151), apresenta uma crítica a Paul Thompson, em relação à força transformadora que atribui ao método de história oral, ao afirmar que “seria ingênuo supor, como faz P. Thompson, que a história oral, pela própria força do método, é uma prática transformadora e ‘dá de volta ao povo a história em suas próprias palavras’ [...] Se, por um lado, coloca com razão, claramente o caráter ideológico da documentação tida como oficial, por outro, colocar os relatos populares como um ponto de vista alternativo é subestimar as relações de poder nas quais essas camadas estão inseridas” (DEBERT, 1986, p. 151).

¹⁶ Meihy (1996, p. 76) faz uma distinção entre os trabalhos de história oral e os de memória: “Na história oral, busca-se o registro da experiência vivencial ou informações. Com elas, prepara-se um documento objetivo que vale por si, e neste caso dispensa análise, ou é equiparado com outros discursos ou documentos. [...] A memória, por ser variável e desfocar o centro da reflexão sobre o discurso da entrevista, difere da história oral, que está atenta à inserção do indivíduo na sociedade e não à relação do depoente com suas lembranças”.

com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Mediante o conteúdo das memórias individuais, é presumível que se encontrem conflitos na interpretação de episódios marcantes da vida social de um grupo: “Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados* em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 204, grifos do autor). Semelhantemente, Bosi (2003, p. 15) chama a atenção dos pesquisadores para a importância da memória oral, pois “longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”.

Ao mesmo tempo, a memória oral possibilita ao pesquisador lidar abertamente com a dimensão subjetiva presente na sua pesquisa. O intuito é sempre o de se afastar das ilusões que alimentam o cientificismo de muitas abordagens, baseadas exclusivamente nas regularidades do coletivo. O recurso à memória oral não nega, mas sim privilegia o valor fundamental da intersubjetividade para auferir resultados na pesquisa, pois: “Memória coletiva é algo subjetivo e implica compromissos fiados ao longo de um passado comum e que persiste independentemente de registros escritos, de monumentos ou qualquer outra referência objetiva, material” (MEIHY, 1994, p. 58).

No entanto, há que se ressaltar outra dimensão presente no processo constitutivo da memória de um grupo, o chamado enquadramento da memória. Segundo Pollak (1989), sentimentos de pertencimento podem ser reforçados por meio de acontecimentos e interpretações do passado que são salvaguardados em partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, entre outras instituições ou agremiações. Além da organização de discursos em torno dos acontecimentos, também “os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas, etc. A memória é, assim, guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros” (POLLAK, 1989, p. 10).

Nesse caso, haveria duas veredas a serem trilhadas no decorrer do processo de construção da memória: a primeira homogeneiza os processos históricos em torno de uma versão consensual e vitoriosa (ou, ao menos, dominante) da história, já a segunda faz permanecer viva a heterogeneidade das experiências e singularidades de cada sociedade, grupos e indivíduos. Dessa tensão, emergem elementos de rupturas que:

[...] fazem aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais (POLLAK, 1989, p. 12).

Assim, trabalhos pautados em memória oral, independentemente dos pontos de vista do pesquisador, devem oferecer oportunidades para que os entrevistados revelem, sem censura, seus posicionamentos políticos, suas crenças e pensamentos frente aos fatos que marcaram o coletivo.

Após esse breve balanço, com algumas possibilidades analíticas e interpretativas no campo da memória oral, cabe refinar e apresentar a opção adotada para esta pesquisa, de acordo com um processo de investigação que busca analisar as marcas deixadas pela construção da Catedral na vida de antigos moradores de Maringá. Busca-se entendê-lo a partir da vivência *da* e *na* cidade, nas suas transformações ao longo do tempo, representadas na própria edificação do templo.

3.1 NOS CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA

As críticas de Alain Bourdin (2001), que considera uma parcela da produção antropológica refém da naturalização do ponto de vista do nativo, tornando-o expressão única de verdade e de realidade, numa espécie de relativismo sem estranhamento, como um salto irrefletido de uma *vulgata* localista rumo a uma teoria antropológica,¹⁷ são pautadas em ponderações razoáveis. É aceitável que a crença de muitos antropólogos na força das estruturas antropológicas, atravessando a história e radicando em explicações para os estudos atuais, deva ser flexionada em favor de uma interpretação dinâmica dos *objetos* de estudos, de seu caráter mutável e interdependente às variáveis que não se resumem à sua auto-referência, formação e história. O mesmo se aplica aos estudos que, por vezes, apontaram para uma essencialização das identidades grupais ou para o engessamento das representações que os grupos têm de si. Nesse sentido, Stuart Hall (2007, p. 109) observa que:

¹⁷ A crítica de Bourdin (2001, p. 44) é a de que nesse tipo de antropologia “a herança do passado é fundadora, portadora de estruturas (ou de traços de identidade) imutáveis que constituem a referência do *aquí e agora*; essas estruturas ou traços de identidade se transformaram e se transformam após acidentes equiparados a operações cirúrgicas, amputações ou enxertos: estas podem ter pleno êxito, podem deixar seqüelas ou causar a morte. Qualquer mudança, mesmo quando considerada posteriormente como positiva, é uma agressão que incrimina uma totalidade e uma permanência”.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’.

Assim, críticas a estas concepções de identidade sugerem novas roupagens que dizem respeito às estratégias e iniciativas específicas dos grupos sociais, das relações de poder e das características (móveis e flexíveis) que os diferenciam, em relação a outros, em vários contextos. O que entra em jogo são as formas de sua auto-representação e, nesse sentido, as identidades são construídas no interior de um discurso, a partir de processos sociais vivenciados cotidianamente.

É nesse âmbito que se pode trabalhar com a ideia de identidade localista, entendendo-a como resultado da estratégia de organização da vida social de um grupo, centrando-se na análise das construções de discursos locais e nas representações que um grupo social faz do lugar em que vive. De acordo com esse processo, entende-se a formação de uma identidade localista como uma construção social que põe em evidência a imagem da auto-representação de um grupo social e da sua diferenciação em relação aos outros e aos locais diferentes do seu¹⁸.

Assim, o exercício de estranhamento e desnaturalização, próprio das ciências sociais, embasando as reflexões acerca dos estudos do que seja o local e do que significa a produção de discursos acerca dessa realidade, é uma tarefa da qual o estudo antropológico das realidades urbanas não pode esquivar. A força das contribuições de Bourdieu está justamente em propor enfaticamente a relativização das delimitações e definições que são apresentadas acerca do que é entendido como expressão das peculiaridades do local, considerando as mudanças que vêm ocorrendo nas sociedades atuais.

Para a antropologia contemporânea, o trabalho de campo, nas atuais realidades urbanas, continua sendo uma ferramenta metodológica fundamental para o desenvolvimento

¹⁸ Um exemplo desse tipo de construção social trata-se do regionalismo, que Oliven (1998, p. 72) define como “um fenômeno que é essencialmente político em sua definição e que se caracteriza também por desigualdades sociais, mas se articula mobilizando sentimentos coletivos e veiculando identidades e ideologias associadas a memórias sociais. Passamos, pois, do campo do político e do econômico para o da cultura, no qual a dimensão simbólica desempenha um papel preponderante”.

teórico da disciplina. Ao adentrar a dinâmica da vida social, por meio do trabalho de campo, definem-se novos parâmetros, novos horizontes, pois “o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas” (PEIRANO, 1992, p. 8), isso porque a própria dinâmica do trabalho de campo imprime novas perspectivas para a teoria antropológica, despertando novas questões. Daí, a importância de elementos tão aparentemente prosaicos como o olhar, o ouvir e o escrever se transformarem em importantes instrumentos de trabalho, quando bem afinados pelos pesquisadores. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 18, grifos do autor), esses três elementos são fundamentais para a pesquisa, quando:

[...] marcado por nossa inserção nas ciências sociais – essas ‘faculdades’ ou, melhor dizendo, esses *atos cognitivos* delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber.

A condição do estar em campo, desde os estudos das populações tribais, é muito cara à antropologia, tratando-se de um dos fundamentos que a consagrou no interior das ciências humanas. Foi na experiência de campo que o relativismo antropológico ganhou corpo e consistência, assumindo de vez um lugar central para o trabalho do antropólogo. Segundo Eliane Sebeika Rapchan (2002, p. 261), ao avaliar a importância do relativismo para a disciplina, entre o final do século XIX e início do século XX:

[...] não é raro encontrar relatos etnográficos em que a narrativa pautada no reconhecimento da legitimidade, da razoabilidade ou do sentido das práticas culturais descritas e analisadas pelos antropólogos parece tecer pontes entre eles mesmos, a disciplina e a alteridade longínqua que sua pesquisa se dispôs a desvendar.

Essa é uma das razões pelas quais o impacto da célebre obra de Bronislaw Malinowski, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de caráter essencialmente etnográfico, marcou fortemente os trabalhos antropológicos posteriores. Malinowski estava ciente da importância de se elaborar um trabalho sistemático, no qual o olhar disciplinado e o contato direto com o nativo poderiam render um entendimento mais específico, livre de preconceitos e de interpretações alheias acerca dos habitantes das ilhas Trobriand. Dessa maneira, procurou cunhar um estatuto científico para o trabalho etnográfico, diferenciando-o do que considerava a produção de trabalhos amadores. Contudo, e ao mesmo tempo, nota-se que o exercício relativista de Malinowski não é “neutro”:

Como geralmente acontece quando o interesse científico se volta para um campo explorado apenas pela curiosidade de amadores, a etnologia trouxe leis e ordem àquilo que parecia caótico e anômalo. Transformou o extraordinário, inexplicável e primitivo mundo dos 'selvagens' numa série de comunidades bem organizadas, regidas por leis, agindo e pensando de acordo com princípios coerentes (MALINOWSKI, 1978, p. 23).

Nota-se que o empreendimento de Malinowski representa um grande avanço para o entendimento da alteridade, dando um duro golpe nas representações etnocêntricas que sustentavam uma visão preestabelecida acerca do outro, no caso, o nativo. Graças a Malinowski, o estatuto do trabalho de campo recebeu a responsabilidade de se comprometer com o pesquisado, de entendê-lo em virtude do que ele fala e produz acerca de si e de seu grupo. De representá-lo a partir de um mergulho do etnógrafo em sua realidade.

No entanto, ao mesmo tempo em que o trabalho de Malinowski foi de extrema relevância no combate às produções antropológicas evolucionistas, dada a sua aproximação e familiarização com os nativos que estudou, bem como a maneira como os descreveu, ele também se enveredou por uma visão bastante engessada pela interpretação funcionalista da cultura dos habitantes das ilhas Trobiand. Segundo François Laplantine (2003, p. 83), o resultado de uma teoria muito rígida, de um Malinowski muito preocupado com o caráter científico da antropologia, rendeu uma interpretação segundo a qual:

[...] as sociedades tradicionais são sociedades estáveis e sem conflitos, visando naturalmente a um equilíbrio através de instituições capazes de satisfazer às necessidades dos homens. Essa compreensão naturalista e que postula que toda sociedade é tão boa quanto pode ser, pois suas instituições estão aí para satisfazer a todas as necessidades, defronta-se com duas grandes dificuldades: como explicar a mudança social? Como dar conta do disfuncionamento e da patologia cultural?

Em uma linha tênue, o avanço das contribuições de Malinowski, para uma produção antropológica antievolucionista também se deu em oposição a uma compreensão histórica do social, prezando por uma investigação fortemente atrelada ao presente dos nativos¹⁹.

Foi no esforço em relativizar o olhar sobre o outro, fazendo valer princípios comuns de cunho disciplinar, para a pesquisa etnográfica, que a realidade sociocultural do nativo muitas vezes se tornou petrificada, constituindo-se numa autoridade que se impunha ao antropólogo. É claro que, durante o trabalho de campo, tais esforços não estavam destituídos

¹⁹ Na visão de Laplantine (2003, p. 98), tal aspecto é uma das características da antropologia britânica, no período colonial.

de uma relação sempre tensa, proveniente do encontro entre a cultura do pesquisador e a do pesquisado. É nesse sentido, por exemplo, que um antropólogo da envergadura de Evans-Pritchard (1978, p. 85) fez questão de explicitar, em sua obra *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, a preocupação em como adentrar no mundo dos nativos:

Tentei adaptar-me à sua cultura, levando a vida de meus anfitriões, tanto quanto fosse conveniente, e partilhando suas esperanças e alegrias, apatias e sofrimentos. Sob muitos aspectos, minha vida era igual à deles: sofri de doenças, usei de suas fontes de alimento e adotei ao máximo possível seus próprios padrões de comportamento, com as resultantes amizades e inimizades. Mas foi na esfera da bruxaria que tive mais sucesso em ‘pensar como negro’, ou melhor dizendo, ‘sentir como negro’. Acostumei-me a reagir aos infortúnios no idioma da bruxaria, e foi com esforço que mantive essa queda no irracional.

Por vezes, o desejo de se aproximar da cultura do outro, de compreendê-la da maneira mais aproximada possível, levou antropólogos a cultuarem as crenças, costumes e tradições das comunidades pesquisadas, num prisma extremamente respeitoso, mas que, em alguns casos, contribuiu para uma cristalização das identidades dos grupos estudados. Evans-Pritchard (1978, p. 302) parece ter percebido essa problemática, pois defendia que de nada valeria um trabalho de campo se ele não rendesse frutos que ultrapassassem as meras evidências da estadia com o nativo:

Tenho tido a triste experiência de ver muitos estudantes voltarem para casa para escreverem apenas mais um livro sobre apenas mais uma sociedade, sem terem a menor idéia sobre o que fazer com o grão que tão penosamente colheram. Nunca é demais repetir que, em ciência, para que a observação empírica tenha validade, é preciso que ela seja guiada e inspirada por alguma visão geral sobre a natureza dos fenômenos estudados. Só assim as conclusões teóricas aparecerão como implicitamente contidas em uma descrição exata e exaustiva.

O desabafo de Evans-Pritchard é revelador dos riscos de uma análise que, uma vez encerrada estritamente nas observações do trabalho de campo, contenta-se com um simples relato descritivo, num empirismo raso, incapaz de problematizar o conteúdo da pesquisa.

Em nome do relativismo, do fim das ideias preconcebidas e do julgamento do “outro” por parâmetros etnocêntricos, muitas vezes, na verdade, corre-se o risco de engessar o entendimento acerca da alteridade, quando ela é entendida e representada como exclusivamente “em si” e cristalizada. Nestes casos, é comum o pesquisador cair nas armadilhas de uma interpretação localista, contentando-se com uma análise estritamente

reservada às especificidades daquilo que estuda e isolando os seus resultados de uma análise mais ampla. Nessas circunstâncias, falta ao pesquisador relativizar o próprio procedimento adotado pela perspectiva relativista da disciplina antropológica. Daí, a importância de se ter em mente que, embora primordial, o valor do trabalho de campo será minimizado se o antropólogo não for capaz de embeber-se das mais diversas contribuições teóricas para problematizar os estudos locais ou as chamadas realidades microssociológicas.

Fugir das tentadoras idealizações, do que se estuda em campo, é uma importante e sutil norma de conduta para que o pesquisador se previna dos riscos de substantificar as especificidades presentes nas diversas condições em que se dão as práticas sociais. Tal sutileza, Max Gluckman (1990, p. 70) percebeu no trabalho sobre os Azande, ao afirmar que:

Evans-Pritchard também se interessava pelos modos de pensamento em relação a seu pano de fundo econômico e social. Ele deixou claro que a feitiçaria explicava a particularidade dos infortúnios, mas não a totalidade de suas causas.

Não se trata, portanto, de abrir mão da centralidade dos dados etnográficos, mas sim, de não os considerar como a única referência para a produção do conhecimento antropológico.

Longe de buscar causas fechadas que, durante a estadia em campo, expliquem-se somente pelas especificidades do conteúdo etnográfico, além de familiarizar-se com o exótico ou o distante, talvez seja necessário manter um estado de alerta em relação aos limites do potencial explicativo de suas variáveis. É assim que, para Geertz (1978, p. 32): “O *locus* do estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias”. Prosseguindo, o autor reconhece que:

Os achados etnográficos não são privilegiados, apenas particulares: um outro país do qual se ouve falar. Vê-los como qualquer coisa mais (*ou qualquer coisa menos*) do que isso distorce a ambos e às suas implicações para a teoria social, muito mais profundas que o simples primitivismo (GEERTZ, 1978, p. 33, grifos do autor).

Contudo, no interior do pensamento antropológico produziu-se tanto o essencialismo que Bourdin (2001) o considera uma produção localista, quanto sua crítica. No entanto, mesmo considerando este aspecto, é possível afirmar que, ao longo do processo de auto-reflexão da disciplina antropológica, a forma como se define e se lida com o grupo, a comunidade e o local estudados têm passado por uma série de refinamentos, numa pluralidade

de perspectivas²⁰ que também avançam paralelamente com as transformações da sociedade em que a própria disciplina está inserida:

Nesse sentido, o exercício etnográfico, fornecedor de dados e promotor de auto-crítica e reflexões metodológicas constantes, orienta o exercício de coleta e análise de diversas formas de produção, preservação e reprodução de saberes e conhecimentos em sociedades tribais e não tribais, obedecendo a métodos e princípios determinados, apesar de distintos, segundo escolas ou paradigmas adotados (RAPCHAN, 2002, p. 263).

A teoria antropológica, associada à etnografia, segue, assim, sendo “uma possibilidade valiosa de reflexão sobre fenômenos sociais, um modo de conhecimento que se caracteriza por levar sempre em conta contexto e comparação, em constante referência às dimensões da cultura e da linguagem” (PEIRANO, 2006, p. 7).

No caso deste trabalho, em particular, para a interpretação das narrativas recolhidas através de um exercício antropológico, a respeito do processo de construção da Catedral, fez-se necessário aproximar-se dos trabalhos que abarcam a memória em sua metodologia, especialmente em contextos urbanos. Nessa perspectiva, o trabalho de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert (2005) trouxe uma relevante contribuição, expressa na organização do livro intitulado *O tempo e a cidade*, onde a cidade é compreendida como um fenômeno temporal, com seus espaços de contradição, de diversidade e de convivência pautados em diversidade cultural. As autoras dão relevância à abordagem dos itinerários urbanos, à memória coletiva e às formas de sociabilidade no mundo contemporâneo²¹.

A leitura da obra possibilitou o refinamento dos propósitos desta pesquisa, pois mesmo com o encaminhamento do trabalho de campo, com as entrevistas em andamento, restavam algumas barreiras a serem superadas. Embora a sensibilidade do pesquisador e algumas pistas provenientes das pesquisas exploratórias nos arquivos da Cúria Metropolitana de Maringá indicassem a intrínseca relação entre a construção da Catedral de Maringá e a cidade, restava ainda pensar sobre as relações entre o templo e a cidade, mediadas pela memória, a partir de uma pesquisa em meio urbano.

²⁰ Segundo Laplantine (2003, p. 103): “seria o cúmulo se a antropologia não fosse ela mesma ‘plural’. A pluralidade é pelo contrário para mim, uma das garantias (não a única evidentemente, pois pode haver pluralidade de dogmatismos e ortodoxias) de que nossas pesquisas aceitam sujeitar-se a críticas recíprocas e passar por processos de invalidação (Cf. POPPER, 1937 apud LAPLANTINE, 2003, p. 103), cada um dos modelos teóricos sendo apenas uma perspectiva sobre o social e não o próprio social”.

²¹ Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert desenvolveram um projeto de pesquisa, integrado ao CNPq, com o título: *Estudo Antropológico de Itinerários Urbanos, Memória Coletiva e Formas de Sociabilidade no Meio Urbano Contemporâneo*.

No tocante à análise da cidade, vale destacar que a realidade urbana já rendeu estudos que se tornaram clássicos, em que os fenômenos relacionados às formas de expressão cultural e organização social das cidades, produzindo grandes conglomerados urbanos, transformaram-se em alvo das preocupações a respeito das modernas formas de o homem viver em sociedade. No Brasil, o livro organizado por Otávio Guilherme Velho, intitulado *O fenômeno urbano*, tornou-se uma referência para os estudos urbanos, pois reúne textos memoráveis de grandes pensadores da temática, tais como: *A metrópole e a vida mental*, de Georg Simmel; *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, de Robert Ezra Park; *Conceito e categorias da cidade*, de Max Weber, e *O urbanismo como modo de vida*, de Louis Wirth. O sucesso de tais análises, provavelmente, remete ao esforço intelectual e à sensibilidade de seus autores, no sentido de descortinar o que é a cidade, esse espaço dinâmico, plural, singular e determinante para a sociabilidade do homem moderno.

Max Weber, por exemplo, preocupou-se em definir sociologicamente os elementos que caracterizam a composição das cidades. Assim, no âmbito econômico, a cidade pode ser classificada como:

[...] ‘um local de mercado’, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou de artigos de comércio ou de ambos e, como é natural, os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades (WEBER, 1976, p. 69).

A categorização do que é o fenômeno cidade está ligado à apreensão de seus elementos comuns, na criação de quadros que explicitem o seu processo de formação, partindo de seus elementos principais. Segundo Barbara Freitag (2006, p. 24), para Max Weber, a cidade “Trata-se de um assentamento grande e suas características são: tamanho, troca regular de bens e serviços, diversificação de funções”.

A Escola de Chicago se afirma entre os destaques no estudo das realidades urbanas. Ainda de acordo com Freitag (2006, p. 106), autores como Robert Park (1864-1944), Ernest Burgess (1886-1966), Roderick McKenzie (1885-1940) e Louis Wirth (1897-1952), “criaram e consolidaram um núcleo especializado em estudos e pesquisas e ensino na área de sociologia urbana”, estabelecendo condições favoráveis à efetivação de uma sólida reflexão a respeito do mundo urbano e de suas nuances. Conforme Wirth (1976, p. 96): “Para fins

sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”. É no desvendamento desse mundo heterogêneo que tais pesquisas se concentraram. Por exemplo, para um melhor entendimento da realidade urbana americana, Park (1976, p. 28) assinala para a importância de uma rigorosa observação, medindo-se pelo que os antropólogos já haviam feito com as sociedades chamadas primitivas:

Os mesmos pacientes métodos de observação despendidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneira do índio norte-americano deveriam ser empregados ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais, e concepções gerais de vida que prevalecem em Little Italy, ou no baixo North Side de Chicago, ou no registro dos folkways mais sofisticados dos habitantes de Greenwich Village e da vizinhança de Washington Square em Nova York.

O desenvolvimento do método de observação nas realidades urbanas contribuiu sobremaneira para o avanço nos estudos acerca dos mais variados tipos de grupos e de sociabilidades manifestas nessa realidade plural que é a cidade. Ainda em relação à Escola de Chicago, segundo Freitag (2006, p. 134), a introdução do estudo empírico, pautado na observação e na pesquisa participante, apontada pela mesma escola, influenciou o pensamento de antropólogos brasileiros, como, Juarez Brandão Lopes, e Gilberto e Otávio Velho.

Na diversidade de suas pesquisas, tais autores, tidos como clássicos para os estudos urbanos brasileiros, seguem como uma referência para o desenvolvimento dos trabalhos atuais. Embora esta pesquisa não esteja diretamente influenciada por tais contribuições, há que se reconhecer que elas são os pilares que ainda sustentam os constantes esforços dos pesquisadores para interpretar as especificidades da vida em cidade. Muito do que foi sugerido, por suas pesquisas, penetrou o universo de conhecimento compartilhado por aqueles que desejam pensar sobre as cidades. Há muito de suas contribuições filtrando o olhar do pesquisador para o modo de vida urbano, no intuito de interpretá-lo.

Pode-se afirmar que tais influências encontram-se presentes no trabalho antropológico de Rocha e Eckert (2005). Em particular, a leitura do livro destas pesquisadoras, *O tempo e a cidade*, contribuiu para a superação de uma série de inseguranças próprias do exercício desta pesquisa, estimulando a observação de uma série de concatenações como, por exemplo, as relações entre memória da cotidianidade e memória coletiva, estabelecidas a partir de certos lugares na cidade de Porto Alegre. No transcorrer desse processo, tal como ocorre em um filme, uma série de imagens dos momentos das entrevistas,

do lugar da Catedral e do cotidiano da vida de Maringá também passaram a sanar muitas das inquietações resultantes da pesquisa, integrando os conteúdos apreendidos no trabalho de campo, que puderam ser pensados como elementos integrantes da teatralidade da vida cotidiana na cidade (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 99). No exercício da escuta, frequentemente, este pesquisador era tomado por uma certa estranheza, provocada pela narrativa dos sujeitos, já que as pessoas construía uma verdadeira colcha de retalhos, carregada de significados, ligando suas vidas à história da construção da Catedral de Maringá²².

Tendo como base a construção da Catedral, os cruzamentos dos itinerários dos entrevistados apresentaram as dinâmicas de uma história partilhada, em que a vida de cada entrevistado é tocada pela história do templo e dos momentos fortes de mobilização coletiva em torno da sua construção. De acordo com as antropólogas, tal se deve ao fato de que:

É através do estudo dos itinerários urbanos e das formas de sociabilidade, das intrigas e dos dramas que se configuram o teatro da vida cidadina, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do movimento da vida, que se pode, nos dias de hoje, refletir sobre a complexidade sociológica das estruturas espaço-temporais sob as quais se assentam os fenômenos da alteridade e da experiência humana no mundo (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 83).

Como se pode notar, essa abordagem não menospreza a presença contínua de uma dinâmica na organização da vida social urbana, ao contrário, enfatiza as produções simbólicas influentes no cotidiano da vida das pessoas. Nesse sentido, o estudo da memória relativa à construção da Catedral de Maringá não se desvincula das tramas sociais atuais, atuando como uma espécie de canal que pode ajudar a entender o teatro da vida urbana maringaense. Tal teatralidade pode, por conseguinte, ser parcialmente entendida a partir das narrativas cuja construção fundamenta a experiência pessoal de cada entrevistado acerca de si mesmo e da sociedade.

Ao retratar as lembranças sobre a construção da Catedral de Maringá, os entrevistados faziam opções interpretativas, vinculavam suas narrativas às suas estratégias de vida, aos seus sonhos e desejos, escolhiam termos e imagens, produzindo uma narrativa pautada em determinadas motivações simbólicas. Eles se inseriam em múltiplas gamas emocionais, vinculando-se a episódios que os marcaram. Tudo isso ocorria no mesmo cenário

²² Segundo as pesquisadoras, “A história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios, e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação, para ele, de reinvenção de suas tradições” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 30).

urbano, narrado e vivido. Esses contextos atuavam “como suportes de tradições e biografias de seus habitantes cujas narrativas expressam uma linguagem coletiva que comunica uma pluralidade de identidades e memórias, remetendo seus territórios aos pretextos e às manipulações urbanas” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 87).

Em suas narrativas, as formas como os indivíduos organizam a reelaboração dos fatos vivenciados estão vinculadas aos arranjos sociais e posições ocupadas no cenário urbano. Se toda obra humana é uma produção simbólica:

[...] a cidade em sua polissemia, torna-se o testemunho dos jogos da memória de seus ‘agentes’, espaço fantástico onde eles podem ‘colar’ sua existência a certos momentos de interação social em seus territórios e investi-los do próprio ritmo construído no corpo da duração de biografias de vida (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 88).

Devido a esse motivo, o trabalho de campo realizado na cidade, ao explorar os conteúdos da memória oral, ganha força e legitimidade, ao mesmo tempo em que se torna fundamental para o entendimento da forma pela qual os indivíduos atribuem significado aos momentos que perfizeram suas vidas. No caso da história de antigos moradores de Maringá, a construção de uma obra como a Catedral, certamente, compôs o cenário da cidade por meio da dinâmica vida social da qual participaram.

Pensar a cidade como um local dinâmico, vivo, onde as relações sociais entre os habitantes são plurais e estabelecidas de diferentes modos, faz lembrar, novamente, as contribuições de Bourdin acerca do local visto como uma construção permanente, sujeita às instabilidades próprias de sua constituição.

Portanto, o estudo da memória oral, no caso do desenvolvimento deste trabalho, vai ao encontro das pessoas que constroem este local chamado cidade, um espaço em que as mais variadas formas de convívio se dão. E é nesse local que os sujeitos constroem discursos e significados para as próprias escolhas diárias. Assim:

[...] o estudo das memórias individual e coletiva é a chave para se elucidarem indivíduos e grupos que geram, produzem e transmitem conjuntos de significados sobre os territórios urbanos em que habitam, mediando projetos sociais e culturais como referência de sentido para sua ação no contexto das complexidades dos processos de trocas e interações sociais (ROCHA, ECKERT, 2005, p. 92).

Ao se voltar para a importância da memória, na resposta aos propósitos desta pesquisa, faz jus indagar-se a respeito da construção social de uma identidade localista na

cidade de Maringá. Por meio dos depoimentos de um grupo social, inserido na dinâmica da vida urbana maringaense, é possível, portanto, discutir o significado da Catedral e de sua construção para a cidade, por meio da sua força simbólica e relevância social na memória dos entrevistados.

4 PERCALÇOS E SAÍDAS: A OPÇÃO PELAS ENTREVISTAS

Os contatos estabelecidos inicialmente com membros da hierarquia e da comunidade católica, em Maringá, possibilitaram a elaboração de um inventário com os possíveis nomes de candidatos para as entrevistas. Ainda por meio dos relatos informais emitidos por alguns deles, entre aqueles que participaram do processo de construção da Catedral, reforçou-se a necessidade do estudo da memória oral como o método mais adequado para responder às inquietações desta pesquisa. Como o interesse da pesquisa esteve focado na apresentação de tal processo de construção sob o olhar e a interpretação do grupo de entrevistados, buscou-se um melhor entendimento a respeito da proximidade entre o significado do templo e as relações sociais estabelecidas por esses entrevistados, o que, em parte, esteve expresso nas narrativas orais. Nesse percurso, a técnica de entrevista se desenhou como a ferramenta mais acessível e clarividente para os objetivos da pesquisa.

Durante a etapa de pesquisa exploratória, realizada nos arquivos da Cúria Metropolitana, verificou-se a existência de uma grande quantidade de cartas e documentos oficiais que guardam uma significativa parte da memória da Igreja Católica da região. Entre os documentos, o amarelado das fontes relacionadas ao processo de construção da Catedral, cheio de recortes de jornais, com a seleção de assuntos e o silêncio total da sala de arquivos, trouxe ao pesquisador um total estado de incômodo. Era marcante a sensação de que, se utilizasse exclusivamente aquelas fontes, os resultados da pesquisa tangeriam apenas os discursos oficiais sobre a construção da Catedral. Obviamente, tal acervo, sendo propriedade da Igreja Católica, destaca a figura de dom Jaime, bispo emérito, como seu grande idealizador.

De fato, em Maringá, o bispo tem sido frequentemente associado a eventos e fatos históricos, que o interpretam como um dos principais protagonistas nos caminhos venturosos do município. Como já citado, o lançamento do recente documentário, *Jaime: uma história de fé e empreendedorismo*, é prova consistente desse tipo de abordagem. Reunindo vários depoimentos e contando com a contribuição de jornalistas, historiadores, empresários, pioneiros e familiares de dom Jaime, o filme apresenta uma versão ufanista da história religiosa, política e social do bispo na vida maringaense. Tal documentário enfoca a ideia que também está presente nos arquivos e nas imagens oficiais ou turísticas da cidade: o importante lugar ocupado pela Catedral na história de Maringá. Boa parte do documentário enfoca a

presença do templo na cidade, associando a história da Catedral à do bispo, fundindo ambos em uma expressão comum.

O discurso homogêneo e consensual, desprovido de conflitos ou sutilezas, reforça a oficialidade do filme, em favor das representações dominantes. E, ao invés de surgir como uma grande ilusão - dado que não há relações sociais ou de poder desprovidas de conflito - o discurso fílmico torna-se surpreendentemente real à medida em que se vai apresentando a construção social do local como resultado de um grande acordo coletivo. Por exemplo, os já mencionados documentos arquivados e amarelados ganharam vida por meio do documentário. No entanto, não se deve perder de vista que é um equívoco:

[...] imaginar o arquivo como ‘memória’, em estado bruto, de seu titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira. Esta perspectiva é alterada quando percebemos que estes conjuntos documentais estão sujeitos a múltiplos processos de seleção e reordenamento interno, decorrentes do caráter mutável e polissêmico da memória, (re)atualizável a cada momento (HEYMANN, 1997, p. 44)

Se os documentos são insuficientes para dar conta de representar a memória de um indivíduo, igualmente, é inaceitável que a história de uma sociedade seja contada a partir do protagonismo desse indivíduo e dos que sustentam tal discurso. Diante de implicações dessa ordem, ao buscar entender o quanto a Catedral favoreceu a constituição de uma identidade localista, emergiu a preocupação de não estancar, por meio da pesquisa, o movimento cotidiano da vida social maringaense²³. Dessa maneira, o uso das entrevistas, no intuito de recuperar, analisar e discutir a memória oral do processo de construção da Catedral, apresentou-se como possibilidade de coletar dados sobre o processo, os quais escapam do controle oficial e personalista dos arquivos encontrados. Por meio dos relatos coletados durante as entrevistas, é possível empreender esforços no intuito de analisar a maneira como os entrevistados reinterpretem o passado e lidam com as diferenças entre as suas percepções individuais e as versões consagradas pelo grupo social de que fazem parte. Se a memória é polissêmica, significa que as pessoas fazem escolhas, adaptam suas histórias aos acontecimentos e apresentam versões acerca do passado, tendo como base suas experiências de vida na cidade, considerando seus medos, seus valores e mesmo os momentos e contextos em que os depoimentos são recolhidos. No entanto, esses que parecem retalhos de história,

²³ Nesse sentido, a contribuição de Ana Luiza da Rocha e Cornélia Eckert foi fundamental.

uma vez costurados, podem expressar a escolha da imagem que a sociedade produz e faz para si.

O formato reconhecido como o mais apropriado para o tipo de entrevista a ser realizada por esta pesquisa implicou na adoção de um roteiro para que o tema central – a construção da Catedral – não escapasse no processo. Ao mesmo tempo, todos os cuidados foram tomados para criar condições possíveis para que as pessoas pudessem expressar suas lembranças, afinal, a meta era atingir as memórias sobre o processo de construção da Catedral de Maringá. Sendo assim, procurou-se respeitar a disponibilidade dos entrevistados, suas dificuldades físicas, em função da idade avançada e do estado de saúde, e mesmo as recusas em conceder as entrevistas.

Em princípio, a elaboração do roteiro pautou-se na ideia de propor apenas uma pergunta genérica que abrangesse a temática, bem como na adoção, por parte do pesquisador, de uma postura que não interferisse nas respostas dos entrevistados. No entanto, esta pesquisa se filia a um tipo de produção do conhecimento que não quer negar os valores e as emoções do pesquisador (GHUNTER, 2006), presentes em todo o processo de pesquisa. Seria um contra-senso negá-los, uma vez que a pesquisa se inscreve como qualitativa e pretende ao menos se esquivar ao máximo das raízes positivistas que ainda rondam a vida de tantos pesquisadores.

Diante de tal prerrogativa, optou-se pela entrevista semi-estruturada, seguindo um roteiro que pode ser utilizado pelo pesquisador, porém, sem nenhuma rigidez. No processo, foi possível adotar uma definição adequada do que seja a entrevista semi-estruturada:

As **entrevistas semi-estruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha ‘fugido’ ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75, grifos da autora).

Dessa forma, foram garantidas as condições para que o entrevistado relatasse todas as suas lembranças relacionadas ao processo de construção da Catedral. Durante as entrevistas, as intervenções realizadas pelo pesquisador não visaram direcionar o conteúdo, mas sim, contribuir com o entrevistado na sua tarefa de evocar e narrar suas lembranças²⁴. O

²⁴ Encontra-se, no Apêndice - B, o roteiro utilizado para as entrevistas.

desenho original da pesquisa contemplava a iniciativa de, em outra possibilidade, complementar a esta, realizar entrevistas com grupos focais, uma estratégia favorável à busca de resultados diferenciados em relação à entrevista individual, o que pode possibilitar ao pesquisador a compreensão dos processos de negociação entre as memórias individuais e a coletiva. Porém, como o público entrevistado é formado predominantemente por pessoas da terceira idade, sendo que algumas delas apresentavam problemas de saúde, abriu-se mão de tal intento. Ao todo, foram realizadas vinte e seis entrevistas, sendo que em duas delas houve participação conjunta de marido e mulher. Esta é a relação dos entrevistados:

Entrevista	Nome	Nasc. (ano)	Tempo em Maringá (anos)	Profissão exercida ou em exercício
1.	Ademar Schiavone	1939	64	jornalista
2.	Antenor Sanches	1927	63	corretor de terras
3.	Emílio Germani	1917	60	empresário
4.	Alcides Siqueira Gomes	1947	63	advogado
5.	Franklin Vieira Silva	1942	56	empresário – jornalista
6.	Geraldo Altoé	1926	63	professor
7.	Sivio Iwata	1932	50	empresário – imobiliária
	Eiko Sugumoto Iwata	1931	50	diretora - escola
8.	Edgar Werner Osterroht	–	60	arquiteto
9.	Jorge Fregadolli	1938	58	jornalista – publicitário
10.	Antonia L. Ramalho	1933	54	professora – SESC
11.	Juvenal Fusinato	1930	59	comerciário
	Polonia Altoé Fusinato	1938	57	professora universitária
12.	Arnoldo R. de Campos	1934	50	cirurgião dentista
13.	Maria H. C. Cantadori	1934	46	professora
14.	Lia Therezinha Sambatti	1943	42	pedagoga
15.	Ivan Neves Pedrosa	1923	60	advogado
16.	Lourdes Orlandi Messias	1927	58	professora
17.	Antonio Mário Manicardi	1925	58	funcionário público
18.	Laércio Nickel F. Lopes	1928	59	cirurgião dentista
19.	Gerhard Schneider	1936	48	padre
20.	Antonio Almir dos Santos	1928	59	engenheiro
21.	Elza Perito da Silva	1934	65	professora – primário
22.	Antonio da Mata Vaz	1946	59	retificador de motor
23.	Cezar Augusto de Lima	1945	57	jornalista e empresário
24.	Kenji Ueta	1927	59	empresário – fotógrafo
25.	Rosária Arrias Pelizari	1931	58	do lar
26.	Maria de Lourdes Fornaziero	1945	41	secretária – aposentada

Quadro 1: Relação dos entrevistados.

Se no início, como já mencionado, o contato com membros da hierarquia e da comunidade católica possibilitou estabelecer um inventário com o nome de potenciais entrevistados, foi durante o trabalho de campo que se estabeleceu uma rede de indicações, em que os entrevistados sugeriam novos contatos para a pesquisa. Essa prática, inclusive, foi uma constante, acontecendo, por vezes, indicações recíprocas que evidenciaram a existência de um círculo de antigos moradores que se auto-referenciam como testemunhas oculares dos fatos históricos relacionados à cidade. Entre as características desses entrevistados, nota-se a predominância de pessoas de classe média ou classe média alta, profissionais especializados, salvo raríssimas exceções.

Durante o processo de formação do grupo de entrevistados, envidou-se esforço no sentido de buscar outros grupos sociais, inclusive trabalhadores da construção civil que participaram diretamente da construção. No entanto, não foi possível localizá-los, prevalecendo a opção por um grupo que permaneceu no centro da cidade, em termos sociais e geográficos, e que oferece possibilidades mais amplas de explorar a pergunta desta pesquisa. Afinal, estes homens e mulheres acompanharam o crescimento da cidade e vivenciaram o brotar de um dos maiores símbolos da cidade, a Catedral. Quanto aos operários que carregaram o peso das pedras e do cimento, suas contribuições permanecem guardadas no silêncio. É provável que muitos já tenham falecido, como se ouviu de alguns dos entrevistados durante o trabalho de campo. A invisibilidade social dos operários²⁵ foi ressaltada à medida em que os contatos com tais sujeitos escapavam e se abriam os caminhos de acesso ao grupo que, gentilmente, dispôs-se a participar.

Além da prontidão e atenção despendida ao pesquisador, todos os entrevistados aceitaram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, em que autorizam a citação de seus nomes e das narrativas orais, que foram coletadas durante as entrevistas, com o objetivo de elaborar este trabalho. Assim, o projeto desta pesquisa foi aprovado e está registrado junto ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP), na Universidade Estadual de Maringá (UEM)²⁶.

Durante o percurso das entrevistas, a utilização de um gravador digital foi primordial e facilitou imensamente o trabalho de registro. Feitas as entrevistas, houve um longo trabalho de

²⁵ As *Perguntas de um operário que lê*, feitas por Bertold Brecht, continuam válidas e necessárias: “Quem construiu Tebas, a de sete portas? Nos livros, ficam o nome dos reis. Os reis arrastaram os blocos de pedra / Babilônia, muitas vezes destruída, Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casa de Lima auri-radiosa moravam os obreiros? Para onde foram, na noite em que ficou pronta a Muralha da China, Os pedreiros / A grande Roma Está cheia de arcos de triunfo. Quem os erigiu?” (BRECHT apud COSTA, 1995, p. 164).

²⁶ Encontra-se no *Apêndice – C, o Termo de consentimento livre e esclarecido*, que foi assinado pelo pesquisador e pelos entrevistados.

transcrição, que resultou num documento de 159 páginas, com o título *Entrevistas: Memórias sobre a construção da Catedral de Maringá*. Segundo Ghunter (2006, p. 206): “A transcrição de material verbal pode tomar as mais variadas formas. A maneira mais detalhada é a transcrição literal de uma entrevista gravada com a inclusão de sinais indicando entonações, sotaques, regionalismos e ‘erros de fala’”. Nessa direção, a transcrição literal das vinte e seis entrevistas se constituiu em um intenso momento de aprendizado e de reflexão. Certamente, surgiram limitações ao longo das transcrições, porém, todo o trabalho se pautou no firme intuito de se alcançar em grau máximo a fidelidade para com as narrativas. De qualquer modo, a transcrição resultou também em um intenso processo de reflexão sobre os depoimentos, bem como na elaboração de uma memória da pesquisa, para o próprio pesquisador.

Outra decisão, muito importante, diz respeito à delimitação do número adequado de entrevistas que atenda aos requisitos da pesquisa e, simultaneamente, seja factível em relação aos prazos de realização e conclusão do trabalho. E a especificidade deste trabalho, que está na análise do conteúdo das memórias, faz lembrar que não é possível dimensionar antecipadamente a extraordinária capacidade das pessoas em narrarem suas lembranças. Na imensidão dos conteúdos da memória, sempre existem surpresas e impactos para o trabalho, os quais podem ser encontrados em uma nova informação, um detalhe ou na vivacidade de uma nova abordagem da narrativa de um fato já conhecido. No entanto, o momento de cessar as entrevistas se impõe como necessário. Ele pode ser entendido, também, como o ponto de saturação, que leva o pesquisador a se decidir pelo estabelecimento de um ponto final diante da predominância de algumas repetições nas narrativas, mesmo considerando, aqui, o caráter polissêmico da memória. Dessa maneira, com a realização das vinte e seis entrevistas, e sob a perspectiva do ponto de saturação, tomou-se por encerrada essa etapa da pesquisa.

Por fim, cabe ressaltar que mesmo se voltando para os resultados obtidos por meio da pesquisa em memória oral, as fontes documentais, principalmente a utilização dos arquivos da Cúria Metropolitana, constituíram-se como dados importantes para o delineamento do *objeto* de pesquisa. Tais arquivos contribuíram diretamente na contextualização histórica do período de construção da Catedral, conforme foi apresentado no início deste trabalho.

4.1 UMA CATEDRAL DE PESSOAS: DOS ENCONTROS ENTRE ENTREVISTADOR E ENTREVISTADOS

Durante a preparação para o início de uma pesquisa, emergem expectativas, ansiedades e angústias. No caso desta pesquisa, configurou-se uma situação peculiar, uma vez que o pesquisador partilha com os pesquisados a mesma vivência urbana. Ao mesmo tempo, o pesquisador se conscientiza de que precisará estabelecer novos contatos, entrar no mundo de pessoas que não fazem parte, diretamente, do seu espaço de convivência, embora partilhe da mesma experiência de viver na cidade. Gilberto Velho (1980, p. 16) salienta tal situação quando discute a pesquisa do antropólogo em sua própria cidade:

A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos deve iludir a respeito de inúmeras discontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas.

Depois de adentrar em casas, apartamentos e escritórios do centro de Maringá, de fato, esse ambiente se tornou menos indiferente. À medida em que os contatos e entrevistas se foram estabelecendo, um novo mundo, que antes passara despercebido, acerca do centro da cidade, descortinou-se. Após a realização das entrevistas, ao passar pelas ruas em que residem entrevistados, tais endereços foram somados a vidas e rostos, agora, conhecidos. Nem mesmo toda a pesquisa que já desenvolvida, nos arquivos da Cúria Metropolitana, conseguiu imprimir no pesquisador a mesma emoção dos diálogos estabelecidos com as pessoas que, de maneira geral, foram prontamente receptivas.

Os entrevistados estão, predominantemente, vivenciando a fase da velhice, ou terceira idade, conforme se convencionou chamar. São homens e mulheres que vivem há anos em Maringá, e seus cabelos brancos denunciam os diversos momentos das vidas compartilhadas na cidade.

Durante os contatos sistemáticos com esses idosos, no período das entrevistas, também foi possível experimentar momentos muito agradáveis de enriquecimento pessoal, em que emergiu uma representação muito positiva da velhice. Silvia Maria Azevedo dos Santos (2003, p. 48) aborda esse aspecto subjetivo das experiências com os idosos, ao afirmar que: “quando pensamos sobre a velhice, o que nos vêm à memória são os velhos que trazemos dentro de nós desde a mais tenra idade, nossos avós, avós de nossos amigos de infância, aquele velhinho que morava em nossa rua ou o que era dono do bar da esquina”. Nesse sentido, o grau de empatia com os entrevistados em muito também esteve associado a tais elementos que remetem a um passado de relações generosas com idosos.

Entre os entrevistados, com exceção de alguns, que estão em plena atividade profissional, a maioria já está aposentada. Pôde-se sentir o contentamento de muitos deles em falar sobre o processo de construção da Catedral, pois carregam consigo um mundo de lembranças a serem reveladas, uma vez solicitadas. Tais lembranças revelam muito mais acerca do tempo presente do que, talvez, pudessem supor os filhos e bisnetos desses entrevistados. Ouvi-los, atentar para os seus gestos, entrando em sintonia com as tramas narradas, foram atitudes que aproximaram pesquisador e entrevistado. Esses encontros se constituíram em momentos em que se tem acesso, quando concedido, ao mundo interior e pessoal do entrevistado. A porta de uma casa ou do local de trabalho, quando aberta ao pesquisador, pode também destrancar, simultaneamente, hábitos e costumes, crenças e sentimentos, apresentando elementos da cultura de um indivíduo e de uma sociedade que são filtrados por suas subjetividades. Deve-se, portanto, considerar que a cultura:

[...] transcende o tempo presente e individualizado do mundo moderno, constitui a memória do vivido pelos indivíduos, antes e depois deles próprios. Resulta da vida em acontecimento e, também, do já acontecido, que envolve a história pessoal e coletiva, envolve a rotina de todos os dias e também as rupturas que lhes são próprias (GUSMÃO, 2003, p. 24).

O fato de o pesquisador ter de lidar com pessoas carregadas de valores cultuados ao longo de suas trajetórias repercute diretamente nos resultados das entrevistas, pois, além das expectativas da pesquisa, existem as expectativas dos entrevistados. Por meio da forma como narram os acontecimentos, eles transmitem o conteúdo que esperam gravar na história presente. E na dinâmica do mundo moderno, em que os mais jovens estão muito ocupados com seus trabalhos e atividades cotidianas, esses homens e mulheres de idade, ao serem ouvidos por um jovem pesquisador, veem a perpetuação do que construíram como ideal para suas vidas e para sua cidade. Por meio da descrição imagética da construção da Catedral, podem driblar o tempo e reconstruir, pela via de sua narrativa no presente, a história que mais se adapta a suas posturas, valores e posicionamentos políticos assumidos ao longo do tempo.

Os primeiros contatos com os entrevistados se iniciaram em dezembro de 2009. Inicialmente, este pesquisador teve a oportunidade de ir até ao apartamento da senhora Maria de Lourdes Fornaziero, ex-secretária de monsenhor Sidney Luiz Zanettini, durante os anos em ele que era cura da Catedral de Maringá. Zanettini assumiu os trabalhos na comunidade da Catedral em 1969 e, conseqüentemente, participou das decisivas etapas finais da construção da obra. Só deixou Maringá dezoito anos depois. O contato com Maria de Lourdes possibilitou o acesso a mais pessoas, surgindo daí uma rede de indicações. Porém, o que mais

surpreendeu nessa mulher foi a sua dedicação em guardar e defender a memória de monsenhor Zanettini, já falecido.

Na parede da casa da Maria de Lourdes, há um quadro de um Zanettini jovem e robusto. Ela falou com brilho nos olhos sobre os anos em que o sacerdote se dedicou à comunidade maringaense. Durante um dos encontros com a entrevistada, ela chegou a propor sua co-autoria nesta pesquisa, pois queria contar a *história real* de como fora o processo de construção da Catedral e do papel desempenhado por monsenhor Zanettini. Parecia muito magoada pelo que considera como não reconhecimento, por parte de alguns pares, do trabalho de Zanettini, por tudo o que ele fizera pela Catedral e pela comunidade. Apresentar a ela as razões que a impossibilitavam de ser co-autora desta pesquisa foi um exercício delicado, mas necessário.

No mesmo período de contatos com Maria de Lourdes, houve um contratempo, a triste notícia de um problema de saúde, recebida às vésperas da sua entrevista, passou a impossibilitar o seu depoimento. Para respeitar o seu momento de dor, interromperam-se as visitas. Antes dessa pausa, o pesquisador recebeu o seu cartão com endereço e telefones de contato. Poderia ser um simples cartão, mas despertou a atenção por apresentar uma foto da Catedral de Maringá gravada ao fundo, indicando o lugar especial que o templo ocupa em sua vida. Felizmente, depois de transcorrido certo período, já se sentindo um pouco melhor, Maria de Lourdes concedeu sua entrevista, além de permitir o acesso ao seu arquivo de fotos, demonstrando grande zelo por este material.

O primeiro contato com Maria de Lourdes, bastante detalhado aqui, foi primordial para o encorajamento pessoal em levar adiante a pesquisa. Os indícios eram claros de que muito haveria de se encontrar no trabalho de campo ao fazer uso dos recursos da memória oral para realizar a pesquisa entre esses senhores e senhoras. O cartão pessoal de visitas, recebido de Lourdes, foi só o primeiro objeto de identificação de imagens da Catedral, entre muitos outros que as visitas proporcionaram.

O senhor Antonio Almir dos Santos, um dos engenheiros responsáveis pela construção da obra, por exemplo, possui uma réplica da Catedral, uma homenagem recebida da Sociedade Rural de Maringá. Já o senhor Laércio Nickel F. Lopes, um dos mais antigos cirurgiões dentistas de Maringá, mora num apartamento com uma visão ímpar da Catedral. Sendo apaixonado pela arte de fotografar, possui uma grande quantidade de fotos do templo, fotos essas de qualidade extraordinária. Muitas delas foram registradas de seu apartamento, dando destaque ao aspecto monumental do templo. Particularmente, uma delas chamou a atenção, tendo sido registrada em dia de muita cerração, a Catedral aparece por entre nuvens. Do apartamento da senhora Lia Sambatti, tem-se, também, uma visão privilegiada da

Catedral, que só não é melhor devido ao incômodo da placa do famoso *McDonald's*, na badalada e caríssima Avenida Tiradentes. Muito hospitaleira, Sambatti fez questão de registrar o momento da entrevista com uma foto, tirada da sacada do seu apartamento. Na sua dissertação de mestrado, mais uma surpresa, ela registrou a sua admiração pela Catedral ao imprimir um desenho da obra na página inicial de seu trabalho.

Os encontros com os entrevistados proporcionaram ao pesquisador o acesso a muitos detalhes e histórias referidos às relações afetivas, memoriais e simbólicas dos pesquisados com a Catedral. Chamam, também, a atenção, as inúmeras publicações, livros, jornais e revistas que circulam pelas mãos desse grupo que reside na área central da cidade.

Do professor Geraldo Altoé, o pesquisador recebeu como lembrança o livro de sua autoria: *O Rádio em Maringá: o pioneirismo, o alcance e a bela trajetória do mais ágil meio de comunicação social*; do arquiteto Edgar Werner Osterroht, um alemão que foi funcionário da CMNP, coube comprar um de seus livros e ser presenteado com outro, cujos temas são: *Edgar Werner Osterroht: homenagem ao cinquentenário de Maringá. Década de 1950-60 e Maringá: Passado e Futuro*. Em ambos, os textos são acompanhados de rélicas de pinturas que retratam a história da cidade de Maringá. São obras do próprio autor, sendo que a capa de seu último livro é um desenho da Catedral, no momento atual, cercada por cinco pequenos quadros com pinturas da antiga paisagem urbana maringaense, quando ainda contava com a maioria das ruas sem asfalto. Nesses quadros, a cor avermelhada retrata a realidade inicial de uma cidade que conviveu, ora com o pó, ora com o barro da terra roxa.

No encontro com o advogado Alcides Siqueira Gomes, este pesquisador recebeu outro livro: *História da Música na Cidade Canção*, cujo autor é Luiz Carlos Assumpção Neves. Siqueira é citado nesse livro, ao lado de muitos outros antigos moradores da cidade, comumente chamados, no círculo dos entrevistados, de pioneiros²⁷. Ele fez questão de mostrar, orgulhoso, a citação de seu nome no livro, antes de entregá-lo ao pesquisador.

Na entrevista com o conhecido *Nhô Juca*, apelido do tempo em que fora radialista, cujo nome é Antonio Mário Manicardi, o pesquisador foi agraciado com o recente lançamento: *Maringá: meu bom dia para você!*. Trata-se de uma obra que coleciona homenagens para personalidades empresariais, políticas e religiosas da cidade. A maioria

²⁷ É necessário retomar, novamente, a contribuição de Tomazi (1999, p. 65), que faz uma crítica à própria construção do cidadão norte-paranaense. Como sustentar o discurso desse pioneirismo? Uma vez que, segundo o autor, a criação desse “personagem diferente e especial” se fez “afirmando que a terra está vazia (vazio demográfico) e a mata está virgem (intocada), silenciando e excluindo a presença de indígenas e caboclos como povos e pessoas presentes neste espaço”.

deles recebe as homenagens em virtude da condição de pioneiros de Maringá²⁸. Além de ser composta por mensagens e poesias, seria quase uma redundância informar que o livro possui a imagem e informações sobre a Catedral. Em uma de suas poesias, intitulada *Quando cheguei a Maringá*, Manicardi (2010, p. 13) revela o seu amor à cidade, referindo-se à aura de prosperidade que experimenta na mesma. No que tange à sua relação com a cidade, a poesia declara: “O nosso amor foi crescendo/Crescendo barbaridade!/E juntos fomos vivendo/Sentindo prosperidade”.

No apartamento do jornalista Cezar Lima, o pesquisador recebeu a revista *Maringá, Em fatos e fotos*, acompanhada de um disco *laser*, onde estavam gravadas imagens da cidade e de sua Catedral, que ilustra a capa da revista. O jornalista tem grande orgulho de ser filho do senhor Ary de Lima, responsável pela composição da letra do hino a Maringá, cuja música é de Aniceto Matti, e que também está apresentada na revista. Já no escritório da residência do senhor Antenor Sanches, vereador por vários anos e atualmente presidente da Associação dos Pioneiros, a oferta foi de um singelo postal com uma trova de sua autoria: “Maringá tem como Padroeira, a Santa Poderosa e Altaneira/Nossa Senhora da Glória, ilustrando a sua história”. Antenor apresentou-se como um entusiasta da preservação da história da formação de Maringá.

Todo esse material sinaliza a existência de uma grande divulgação e circulação de informações, de mensagens alusivas ao histórico glorioso da cidade e das rápidas transformações pelas quais passou o cenário urbano. Traço comum a todos é a ênfase nos grandes feitos e nas condições adversas que essas pessoas tiveram de enfrentar para poder usufruir do privilégio de ver Maringá se tornar o modelo de cidade sonhada por seus agentes sociais. Na mesma direção, as narrativas se deixam marcar por um estranho fascínio em fundir as trajetórias individuais e a história da cidade, o que leva os entrevistados a, constantemente, desviar o foco do discurso da memória sobre a construção da Catedral para a história da cidade. Aos poucos, foi possível perceber que, para essas pessoas, as duas histórias caminham juntas e ambas se associam, de modo geral, com a trajetória individual de cada um.

Os contatos com o empresário e fotógrafo Kenji Ueta trouxe uma grande contribuição para o debate acerca da forte ligação entre cidade e Catedral. Esse senhor chegou a Maringá em 1951, e vem registrando, por meio das fotos, a paisagem urbana maringaense

²⁸ Dentre os pioneiros, homenageados por Manicardi (2010), incluem-se nomes, como: dom Jaime Luiz Coelho, Joaquim Romero Fontes, Antonio Almir dos Santos, Felizardo Meneguetti, Francisco Feio Ribeiro, Annibal Bianchini da Rocha, Antonio Facci, Silvino Fernandes Dias, Hermann Moraes Barros, Verdelírio Barbosa, Emilio Germani, Geraldo Altoé, Franklin Silveira da Silva, Wilson Saenz Surita, Ivan Neves Pedrosa, Silvio Magalhães Barros, Jorge Fregadolli, Kenji Ueta, Ademar Schiavone, Laércio Nickel Ferreira Lopes, Antenor Sanches, Angelo Planas, etc.

desde os primeiros anos de sua fundação²⁹. Entre as fotos, destacam-se registros primorosos das etapas de construção da Catedral de Maringá. Nota-se, no entorno da Catedral, o gradual crescimento da cidade, *pari passu* com as paredes que vão sendo erguidas. Ueta é mais um desses pioneiros que associam a história da cidade com a predestinação do sucesso, para ele evidente. Com frequência, ele afirma, em suas histórias, que quando chegou a Maringá já sabia que a cidade “teria futuro”.

Do encontro com Ueta, tornou-se realidade, no período compreendido entre os dias 01 a 31 de maio de 2010, uma exposição de fotos, realizada no Museu da Bacia do Paraná, intitulada: *A Catedral de Maringá ou a Maringá de sua Catedral? Cimento e pedra, memória e registro. As fotos de Kenji Ueta em destaque*. O evento foi organizado por este pesquisador e por sua orientadora, a professora doutora Eliane Sebeika Rapchan, por meio de uma parceria estabelecida entre Kenji Ueta e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Para a ocasião, foram selecionadas vinte fotos, sendo que a primeira destaca o jovem Kenji Ueta, em 1951, segurando a sua velha e companheira máquina fotográfica; nas demais, por sua vez, vão sendo reveladas as várias etapas da construção da Catedral, até se chegar às fotos mais atuais³⁰.

**A catedral de Maringá ou a Maringá de sua catedral?
Cimento e pedra, memória e registro. As fotos de Kenji Ueta em destaque.**

Organizadores: Dra. Eliane Sebeika Rapchan e Jonas Jorge da Silva



CONTATO: (44) 3011-4294

**Local: Museu da Bacia do Paraná
Av. Colombo, 5790 - Bloco Q02
Maringá - PR**

**Período: 03 a 31 de maio de 2010
Visitas: Segunda a Sexta-feira
8hs às 11hs e 13hs às 17hs.**



Apoio: Universidade Estadual de Maringá, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Diretoria de Cultura, Museu da Bacia do Paraná, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Figura 1: Convite para exposição no Museu da Bacia do Paraná.

²⁹ O japonês Kenji Ueta veio para o Brasil ainda criança. Na comemoração dos cem anos da imigração japonesa (1908-2008), foi homenageado por meio do documentário *As lentes de Kenji*, cuja direção é de Antonio Roberto de Paula.

³⁰ Destaque para a foto da Catedral enfeitada como uma árvore de Natal, sendo muito visitada nas festas dos finais de ano, em virtude da beleza de sua iluminação.

O impacto da exposição, nos meios de comunicação local, revelou, ao pesquisador, novas facetas do objeto de pesquisa. A TV Cultura, afiliada à Rede Globo de Televisão, escolheu a data do aniversário da cidade para transmitir uma reportagem sobre a Catedral, aproveitando-se da exposição para ressaltar a importância do monumento para a cidade. A Arquidiocese de Maringá também fez a divulgação do evento. Um dos jornais local, *O Diário do Norte do Paraná*, destacou, em edição de capa de um de seus cadernos, dedicado aos eventos culturais da cidade, uma matéria completa sobre a exposição. Ademais, alguns *blogs* também deram destaque ao evento. Embora tenham enfatizado a exposição, nenhum desses meios sequer refletiu sobre o título da exposição, não houve interesse neste tipo de discussão. Parece que a força da imagem da Catedral se impôs como a maior motivação para que os meios de divulgação focassem a exposição. Afinal, divulgar a Catedral desperta interesse na população que, quase irrefletidamente, ao se referir ao templo, adiciona a expressão *de Maringá*.

5 A CIDADE E O TEMPLO: UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL

É interessante notar como as pessoas narram as suas trajetórias e descrevem o mundo que as circunda. Arraigadas em modos peculiares de expressar suas emoções, convicções e pontos de vista, elas buscam situar-se no mundo a partir de seu lugar social, revelando, no cotidiano da vida urbana, dinâmicas próprias, que dão continuidade à feitura social que perpassa o tempo: “A cidade anima-se assim, com o esforço dos habitantes de continuarem no tempo, de viverem concretamente suas memórias pensadas: as sociabilidades e as dinâmicas cotidianas vão desenhando mapas afetivos de pertencimento territoriais dos sujeitos” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 27).

Assim, a cidade é muito mais do que um amontoado de pessoas. A velha expressão *cada cabeça, uma sentença*, presente em conversas de botequim, falseia, em parte, o que há de congruente no exercício de viver em sociedade. A análise da memória individual revelou que um mundo de significados partilhados socialmente e modulados subjetivamente pode se apresentar ao pesquisador.

Nesse sentido, a análise das narrativas³¹ que se referem à memória oral é capaz de apresentar os mapas afetivos de determinado grupo social, bem como a forma pela qual se efetiva o pertencimento a uma comunidade e a uma cidade. Em se tratando das narrativas que foram coletadas e registradas acerca do processo de construção da Catedral, há que se reconhecer que nas singularidades individuais e na pessoalidade de suas relações sociais, apresentam-se disponíveis elementos do mundo social maringense. Não há separação radical entre indivíduo e sociedade, uma vez que essas não são instâncias totalmente distintas e, por isso, sobrevivem numa relação de dependência recíproca.

Raymond Williams (2000), grande expoente do materialismo cultural, formulou o conceito de *estrutura de sentimento* para interpretar a vivência social dos valores e significados culturais, no intuito de não encerrar as interpretações acerca dos estudos culturais em estruturas fixas e institucionalizadas. Trata-se de fugir das interpretações já dadas como prontas e acabadas, que colocam uma camisa de força nos processos sociais, que não podem ser encaixados numa visão fechada e determinística sobre o mundo, prática frequente na

³¹ De acordo com Rapchan (1997, p. 338): “Narrar é uma ação que pretende expor, contar, relatar, referir; que resgata a memória, permite o registro, a história e, assim, garante que estes adquiram uma forma – a própria narrativa”.

utilização indiscriminada do conceito de ideologia³², cujos limites nem sempre respondem às inquietudes da dinâmica vida social. Para Williams (2000, p. 153, tradução nossa):

Com efeito, precisamente porque toda consciência é social, seus processos têm lugar não só entre, mas dentro da relação e do que é relacionado. E esta consciência prática é sempre algo a mais do que uma manipulação de formas e unidades fixas. Existe uma frequente tensão entre a interpretação aceita e a experiência prática³³.

Nessa perspectiva, as narrativas que enfocam o processo de construção da Catedral podem ser entendidas a partir da inserção desse processo na experiência prática dos entrevistados, sem necessariamente reportar tais narrativas a uma interpretação alheia ao próprio modo como os agentes interpretam os acontecimentos, seus valores, sua visão de mundo³⁴. Durante o ato de interpretação, ao serem convidados a entrar no mundo da memória, os sujeitos se valem de seus valores e significados culturais, em uma ação que atualiza a dimensão simbólica da vida social. Eles retratam dimensões essenciais da experiência que integra a vivência social:

Trata-se de que estamos interessados nos significados e nos valores tais como são vividos e sentidos ativamente. E as relações existentes entre eles e as crenças formais ou sistemáticas, na prática são variáveis (mesmo historicamente variáveis), numa escala que vai desde um assentimento formal, com uma dissensão particular, até uma interação mais matizada, existente entre as crenças, selecionadas e interpretadas, e as experiências efetuadas e justificadas (WILLIAMS, 2000, p. 155, tradução nossa)³⁵.

³² Sobre a noção de ‘estrutura de sentimento’, Ridenti (2005, p. 82) pondera que: “Williams reconhece que ‘o termo é difícil, mas ‘sentimento’ é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’, os quais se referem a crenças mantidas de maneira formal e sistemática, ao passo que uma estrutura de sentimento daria conta de ‘significados e valores tal como são sentidos e vividos ativamente’. A estrutura de sentimento não se contrapõe a pensamento, mas procura dar conta ‘do pensamento tal como sentido e do sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada’ [...]”

³³ Cf. a citação no original: "En efecto, precisamente porque toda consciencia es social, sus procesos tienen lugar no sólo entre, sino dentro de la relación y lo relacionado. Y esta consciencia práctica es siempre algo más que una manipulación de formas y unidades fijas. Existe una tensión frecuente entre la interpretación admitida y la experiencia práctica".

³⁴ Para tanto: “O objetivo é buscar os sentidos, os significados da narrativa e da situação narrativa (interpretar não somente *o que foi dito*, mas *o que foi dito nesta situação precisa*), buscando inseri-los no contexto amplo de itinerários pessoais e coletivos” (MALUF, 1999, p. 75, grifos do autor).

³⁵ Cf. a citação no original: "Se trata de que estamos interesados en los significados y valores tal como son vividos y sentidos activamente; y las relaciones existentes entre ellos y las creencias sistemáticas o formales, en la práctica son variables (incluso históricamente variables) en una escala que va desde un asentimiento formal con una disensión privada hasta la interacción más matizada existente entre las creencias seleccionadas e interpretadas y las experiencias efectuadas y justificadas".

Sendo assim, as construções de narrativas acerca da construção da Catedral não são meras lembranças de um passado vivido, mas sim, processos sociais dinâmicos. Não se trata, portanto, de dissecar um corpo de fatos mortos, ao contrário, trata-se de lidar com o palpitar de corações e de mentes em ação³⁶. Embora durante as sessões de entrevistas as pessoas tenham se apresentado sob certa visão de mundo, não o fizeram como meros receptáculos do conteúdo social, mas sim, como indivíduos que também fazem suas escolhas, que participam ativamente do teatro da vida social maringense. Portanto, ao abarcar essas narrativas em *estruturas de sentimentos*, compreende-se que são frutos dinâmicos da vida social e que se associam às escolhas e preferências individuais e grupais dos entrevistados³⁷. Ao falarem sobre a construção da Catedral de Maringá, as pessoas também falam acerca do mundo social em que vivem.

5.1 A CATEDRAL DA CIDADE NA CIDADE DA CATEDRAL

Conforme já foi mencionado, em sua maioria, os entrevistados são moradores da área central de Maringá. Também se apresentam como formadores de opinião, pois, de modo geral, possuem formação de nível superior, sendo que muitos deles atuaram em profissões de destaque, lidando com muitas pessoas, o que amplia o espectro de divulgação de suas ideias. São também indivíduos bem relacionados em seu meio social, possuem amigos em comum, compartilham os mesmos espaços. Nem todos são católicos, mas todos demonstraram uma profunda admiração pela história da Igreja Católica na cidade. Eles apresentaram, de maneira vívida, um sentimento de orgulho pelo pioneirismo, demonstrado em narrativas que vinculam o desenvolvimento e o progresso da cidade, sinalizados pela presença do monumento Catedral, aos resultados de um árduo trabalho, realizado nos primeiros anos da fundação de Maringá. Esse contexto, compartilhado pelos entrevistados, pode ser interpretado como a constituição de uma *estrutura de sentimento*, que agrega uma maneira de pensar e sentir em relação à cidade em que vivem.

³⁶ Nesse sentido: “Nossa vida pessoal, nossa interioridade, não se recorda em um antes e um depois ontológico, mas num amálgama vivo, ficcional, no qual aquilo que entendemos como antes está inteiro naquilo que sou eu, naquilo que me identifica e me diferencia, num *processo criativo intermitente, múltiplo e espesso*, conceito ao mesmo tempo de mim, do presente e do passado” (CALDAS, 1999, p. 56, grifos do autor).

³⁷ Assim: “Desde una perspectiva metodológica, por tanto, una “estructura del sentir” es una hipótesis cultural derivada de los intentos por comprender tales elementos y sus conexiones en una generación o un período, con permanente necesidad de retornar interactivamente a tal evidencia” (WILLIAMS, 2000, p. 155).

Aos poucos, as narrativas coletadas foram se cruzando e formando um discurso marcado por um lugar comum, demonstrando a força da Catedral como um ponto de convergência das várias histórias dos entrevistados e da cidade. Antenor Sanches, por exemplo, expõe, na parede de seu escritório, as homenagens recebidas ao longo dos anos. Cidadão benemérito da cidade, atualmente, é presidente da Associação dos Pioneiros de Maringá. Foi radialista durante 26 anos, apresentando o programa *A Voz do Povo*, e vereador por 30 anos (1956-1998). Denominando-se católico participante, já foi congregado mariano³⁸. Em seus relatos, a Catedral aparece como tema central e, através deles, Antenor realçou elementos que fortalecem a imagem de uma cidade predestinada ao sucesso. Eis a menção que faz às expectativas dos pioneiros de Maringá:

Os pioneiros chegavam em Maringá e não achavam que Maringá tivesse um progresso rápido porque era uma verdadeira boca de sertão, isto aqui. Entretanto, eles confiavam que Maringá viria a ser uma grande cidade, uma cidade grande em futuro, que ia ter muito progresso. Eu, inclusive, coloquei isso aí, em meu novo livro que estou lançando: de que Maringá é um sonho tornado realizado. É um sonho dos pioneiros que se tornou realidade. Por quê? Exatamente porque eles viram uma terra promissora, terra roxa pra plantio de café, que era o ouro verde do Brasil, na ocasião, naquele tempo. Eles acreditavam num futuro glorioso, mas, não tão rápido. E vaticinaram uma cidade grande. Inclusive, tem uma outra passagem, que dizia que esse vaticínio dos pioneiros, dizia, assim, eles, que no futuro, de longe os visitantes que viriam a Maringá, veriam o clarão das luzes de Maringá. Então, você vê, esse povo acreditava numa cidade grandiosa, desde o início, e teve a ajuda da Companhia de Terras. Maringá foi a única cidade loteada pela Companhia de Terras, que teve um cuidado especial, e por isso ela tornou-se realmente uma cidade muito grande, uma cidade projetada para ser grande. Então, tudo isso aí entusiasmava o povo de Maringá a trabalhar pelas coisas da cidade (SANCHES, 2010, p. 13).

Trabalhar pelas coisas da cidade significou, também, trabalhar e se dedicar em prol da construção da Catedral. Repetidamente, o monumento Catedral remete as lembranças dos entrevistados ao passado da cidade, passado este que se apresenta como causa de um presente entendido como o sucesso de um povo, de um grupo de pessoas que acreditaram nesta terra. Nessas narrativas, há uma simbiose entre Catedral e cidade. O discurso dos pioneiros aponta a Catedral como o sinal vivo da força de seus moradores. Para Ademar Schiavone, a construção do templo representa:

³⁸ Os congregados marianos foram aliados importantes da Frente Agrária Paranaense, movimento liderado por dom Jaime, com o objetivo de sindicalizar os trabalhadores em oposição aos sindicatos comunistas presente na região norte do Paraná (SILVA, 2006).

[...] uma belíssima conquista para nós que somos maringaenses, ou por opção, ou por nascer aqui ou porque viemos antes da cidade ser criada: o meu caso. Eu cheguei aqui antes de Maringá ser fundada (SCHIAVONE, 2010, p. 3).

A imagem do maringaense, descrito de forma genérica, contribuiu para que os indivíduos ilustrassem e elucidassem suas histórias pessoais, vinculando-as ao contexto de formação da cidade e, por conseguinte, de construção da Catedral. A força de tal associação se manifesta, por exemplo, nas palavras de Maria Helena C. Cantadori, paulista, que mora há 46 anos em Maringá:

[...] você vê, a Catedral é um monumento. Todo mundo que vem de fora, fica encantado, né? Porque nós... Eu que não sou maringaense, nem paranaense eu sou, mas eu adotei essa terra como minha. Então, eu tenho orgulho de morar aqui. Eu tenho orgulho de ser maringaense, né? Só... Tenho só três netos que nasceram aqui, que são realmente maringaenses. Tenho cinco netos, mas, dois... Minha filha morava em São Paulo, na época. Então, eu tenho muito orgulho de tudo isso! Isso tudo, a gente cresceu com isso (CATADORI, 2010, p. 133).

O conteúdo dessas narrativas está perpassado por uma carga sentimental que organiza uma maneira de pensar o templo e a cidade. Lia Therezinha Sambatti, viúva do ex-prefeito Sincler Sambatti, revelou sua grande paixão pela Catedral. Diariamente, da sacada de seu apartamento, pode avistar a Catedral. Ela atua em um projeto social denominado *Bom Aluno*. Eis seu comentário acerca da importância que atribui à organização da visita dos alunos ao templo:

[...] a nossa criançada do *Bom Aluno*, todas as turmas a gente já levou: ‘Ô pessoal! Turistas vêm de fora pra ver e vocês nunca subiram na Catedral? Não viram a cidade lá de cima? Como você pode amar a sua cidade, se você não a conhece?’ Andar no chão é uma coisa, ver lá de cima, dá, assim, uma satisfação, né?! Empolga! Você fica feliz, você identifica as coisa (SAMBATTI, 2010, p. 113)

Novamente, cidade e Catedral se apresentam associadas, de tal modo que, para Lia, é do ponto de vista da Catedral que se conhece verdadeiramente a cidade. A entrevistada prima pela apresentação da cidade, destacada em seu valor estético, sugerindo que, do mirante da Catedral, melhor se depara com sua beleza, experiência que é capaz de fazer aflorar e intensificar as emoções e o amor por Maringá.

Laércio Nickel F. Lopes³⁹, que mora em um apartamento próximo e também possui uma visão privilegiada do templo, destacou a importância da presença da Catedral no cenário da cidade:

[...] foi um marco, como foi um marco para a Igreja, foi um marco pra cidade. Marcaram, estaquearam e marcaram uma bandeira altíssima, chamando a população, que aqui é um lugar bom pra ficar. Um alicerce. Aqui você forma uma pirâmide com uma base fantástica, né? Mostrando isso: que a cidade é uma base e o futuro tá lá em cima (LOPES, 2010, p. 110).

A metáfora empregada por Laércio estabelece uma familiaridade simbólica entre o templo e a cidade. Avistando a Catedral como uma pirâmide, ele imagina a cidade de Maringá como uma grande base de sustentação. Ao mesmo tempo, o mirante da Catedral se constituiu como uma meta para a cidade, que caminha rumo ao futuro, em busca do lugar mais alto, reforçando a concepção de que a cidade está trilhando um caminho bom, de sucesso e de glória. Vista ainda como uma bandeira altíssima, a Catedral se torna um símbolo do que seja essa *base fantástica*, que tem o poder de convocar, de chamar a atenção, atraindo as pessoas. Essa descrição sobre o lugar da Catedral em Maringá remete ao comentário de Márcia Metran de Mello (2006, p. 61), baseando-se nas ideias de Manuel Castells, para quem “há uma profunda vinculação entre o sistema de formas do espaço e o campo das práticas sociais e que os conteúdos simbólicos não podem ser dados apenas pelo primeiro, minimizando-se a influência do segundo”. Ademais, sendo bandeira, a Catedral representa o grupo, o coletivo. Representação legítima, diga-se de passagem, porque está enraizada no solo urbano da cidade, como expressão simbólica de sua história.

A força dos argumentos desses moradores acerca da relação entre a Catedral e o local se constitui como um discurso altamente otimista e triunfal sobre o lugar que escolheram para viver. Segundo o diretor e editor da *Revista Tradição*, principal revista da elite maringaense, Jorge Fregadolli (2010, p. 78):

Quando dom Jaime chegou aqui, em 1957, ele logo vislumbrou que esta cidade crescerá violentamente e será uma grande urbe.

Tal discurso, conforme se pode se verificar, em muito contribuiu para a idealização da cidade, como resultado de uma promessa que se cumpriria. Igualmente, o jornalista e

³⁹ Laércio Nickel F. Lopes é apaixonado por fotos, em seu apartamento, possui uma coleção de máquinas fotográficas raríssimas, preservadas ao longo do tempo. Suas fotos são muito belas, e não por acaso, parte delas são fotos da Catedral.

empresário Franklin Vieira da Silva, do jornal *O Diário do Norte do Paraná*, um dos principais da imprensa escrita maringaense, fez questão de ressaltar sobre a Catedral:

[...] quer sejamos católicos ou não, é um monumento da cidade, que é um marco, né? Que sem dúvida nenhuma, eleva Maringá a todos os quadrantes do mundo (SILVA, F., 2010, p. 71).

Assim, vão-se desenhando os diversos discursos convergentes, que enfatizam uma versão vitoriosa da história elaborada pelo grupo, concomitantemente às suas próprias histórias de vida. Para Emílio Germani⁴⁰, que foi empresário, presidente da ACIM e fundador do Rotary Clube na cidade, a Igreja no município representou a síntese daquilo que motivou a indústria e o comércio maringaenses. Para ele, a Catedral é um símbolo para Maringá:

[...] a Catedral, um ícone de Maringá, era ao mesmo tempo... Ao mesmo tempo um símbolo de Maringá. Não um símbolo imaginário, é um símbolo que tá aí. Que ela parada, sem fazer nada e sem dizer nada, ajudou a fazer isso aqui. O pessoal vendo isso aí, uma obra desta, não tinha quem não se entusiasmasse... Se entusiasmasse de trabalhar, de fazer... Muita coisa... Muitas vezes, gente capaz ia embora dizendo: 'Não agüento mais'. Não agüentava o ritmo que era imposto. Que trabalhava-se dia e noite (GERMANI, 2010, p. 65).

Em tal narrativa, a Catedral é interpretada como um símbolo vivo, com força de ação no meio social, alimentando as esperanças, os sonhos, os desejos e a motivação dos moradores para o trabalho. O templo, nessa narrativa, impõe ritmo para as atividades dos maringaenses. O mesmo sentimento, nas palavras de Jorge Fregadolli, reveste-se de uma singular riqueza imaginativa e metafórica, ao comparar a Catedral a uma artéria:

Eu acho que a cidade de Maringá ganhou um presente. O maior presente que ela podia ter é a Catedral. Porque hoje é um símbolo mundial. A Catedral, hoje, representa para a cidade uma veia de sangue, vamos supor. Que pulsa, alimenta o povo, alimenta a fé e é respeitada. A Catedral é um símbolo respeitado e todo mundo adora. Todo mundo gosta da Catedral. Até muitas religiões vem aqui pra ver a obra, né? É o símbolo universal. Eu acredito que pra cidade é um ponto turístico muito importante (FREGADOLLI, 2010, p. 82).

A Catedral, símbolo que alimenta o povo, a sua fé e que conquistou o respeito de todos, é a mesma que o jornalista Cezar Augusto de Lima, filho de Ary de Lima, o compositor do hino a Maringá, define como a vanguarda do progresso e desenvolvimento da cidade:

⁴⁰ Infelizmente, quinze dias após a entrevista, no dia 02 junho de 2010, o senhor Emílio Germani faleceu, aos 92 anos.

[...] a Catedral veio trazer modernidade pra cidade, porque com a Catedral começou chegar o asfalto, chegou as ruas calçadas com paralelepípedos, né?... Então, a Catedral foi o marco de desenvolvimento, de modernização de Maringá (LIMA, 2010, p. 48).

Percebe-se como o discurso dos entrevistados está impregnado pelo papel que a Catedral exerce sobre a construção social do imaginário de cidade vivida e reproduzida por eles. A opção pela construção de um discurso narcisista acaba sendo justificada pela autoridade pioneira dos entrevistados que, em geral, apresentam-se como testemunhas oculares das origens e do crescimento da cidade. A Catedral assume um valor afetivo e constitutivo da construção social da pertença a Maringá, bem como dos caminhos venturosos dessa história de convivência.

Todas essas narrativas a respeito da importância da Catedral para a cidade se revelam como uma construção social aprovada e confirmada reciprocamente pela maioria absoluta dos entrevistados. No entanto, na entrevista com o advogado Ivan Neves Pedrosa, esse elemento quase mágico, da preponderância do templo no desenvolvimento da cidade, é relativizado. Tal depoimento contribui para a sinalização do caráter constitutivamente fabril dos discursos e práticas sociais presentes na vida de qualquer sociedade. Em relação ao significado da Catedral para a cidade, ele afirmou:

Maringá é uma cidade onde se constrói tanta coisa. Ao mesmo tempo foi se construindo aqui e ali, que a Catedral era um detalhe só. Não posso dizer que impacto teve, né? Que influência teve no desenvolvimento, na formação da cidade. Que a cidade ainda tava se formando, né? Quando eu cheguei, não tinha rua asfaltada, tudo isso... Às vezes um pedaço de asfalto chamava mais a atenção do que a construção da Catedral (risos), mesmo que fosse a Catedral (PEDROSA, 2010, p. 77).

Ao emitir um discurso que destoa daquele expresso pelos demais entrevistados, mesmo sendo um dos mais antigos moradores da cidade, a narrativa do advogado denuncia que se há uma tendência à homogeneização dos discursos, aqui, refletida na maneira como interpretam o lugar do templo na vida social, é porque o seu contrário também é válido. Mais do que a análise do conteúdo, é importante atentar para as opções narrativas dos entrevistados. Nesse caso, no nível das escolhas, os acontecimentos passados não estão engessados, pois podem ser reelaborados. Na verdade, ao elaborar suas narrativas, os entrevistados o fazem movidos por um profundo desejo, consciente ou não, de perpetuar um sentido histórico para as suas histórias.

A maioria das pessoas entrevistadas não nasceu em Maringá, mas, por viverem a maior parte de suas vidas na cidade, consideram-se maringaenses. Nesse prisma, as palavras do cirurgião dentista Arnaldo Ribeiro de Campos, parecem sintetizar eficientemente o sentimento do que é, para essas pessoas, ser maringaense. Ele assim se expressa ao definir o adjetivo *maringaense*, após exaltar o espírito solidário desses pioneiros, nas campanhas assistenciais:

O maringaense nesse ponto! Não é o que é nascido. É o povo que escolheu viver em Maringá. Esse é o maringaense. Essas são palavras do Bento Munhoz da Rocha: 'Vocês que escolheram viver aqui, então, vocês são os maringaenses, são os paranaenses'. Aquele que escolhe é o que veste a camisa (gargalhada). Então, o maringaense, nesse ponto, ele contribui. Não tenha dúvida. Ele não diz não (CAMPOS, 2010, p. 42).

A primeira evidência da visão localista dos entrevistados foi observada durante a fase de constituição dos discursos que entrelaçam as trajetórias individuais com a história de construção coletiva da cidade. Para os entrevistados, o projeto e a execução da construção da Catedral de Maringá é interpretado como uma das formas mais salutares da demonstração de força da comunidade maringaense, de seus desígnios e do sucesso dos que construíram a cidade em que vivem⁴¹. É o que frisou Ademar Schiavone sobre a pujança do povo maringaense, referindo-se ao significado da Catedral para a cidade:

Olha, eu diria que foi o marco mais importante que aconteceu na história da cidade. Então, se Maringá tem uma velocidade grande... Hoje, tem uma Universidade extraordinária, pública. Tem várias particulares. Maringá, hoje, se tornou um grande centro educacional do país, um dos melhores do país. Tem um grande centro médico. Maringá, hoje, como centro médico, não perde pra ninguém, no Brasil inteiro. Tem tudo que o Brasil todo tem. Isso se deve a pujança da sua gente. E essa pujança é demonstrada na Catedral Basílica Nossa Senhora da Glória. Com certeza, ela é o símbolo da força, da pujança, da determinação da nossa gente. Da gente de Maringá (SCHIAVONE, 2010, p. 6).

Conforme se constatou por reiteradas vezes, a presença inconfundível da Catedral no cenário urbano da cidade, como um marco responsável pela criação da imagem de uma cidade predestinada para o sucesso, efetiva-se nas narrativas dos entrevistados. Esse fator sugere elementos para se pensar sobre a extensão do alcance que um templo religioso pode ocupar no lugar comum da vida das cidades. A estrutura do templo acaba sendo sintetizada como o sinônimo da força da *gente de Maringá* e de sua pujança, uma leitura muito forte nas

⁴¹ Dessa maneira: “A arquitetura dos vínculos sociais e coletivos na urbe reveste-se, assim, dos significados que ela tem para os seus diversos atores sociais” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 96).

entrevistas. Esse selo do sucesso se resume nas palavras de Antenor Sanches acerca da adequação do processo de construção da Catedral com o estilo da cidade:

[...] tinha gente que achava que era uma obra, é, avançada para a nossa época, né? Uma obra faraônica, como eles chamam. Mas, não. Ela acompanhou aquele desejo de se ver uma cidade grande, cidade planejada. Inclusive, a Companhia de Terras era chamada madrinha de Maringá. Por quê? Porque ela projetou, que Maringá era chamada menina dos olhos da Companhia de Terras. Então, ela projetou uma cidade grande, aqui. Ruas largas, amplas, porque já estava projetado uma cidade para ser a maior, aqui, da Região do Norte Novo. Nós temos Londrina que é... A Londrina, também, é uma grande cidade, mas, a gente, tanto na forma da arquitetura... Maringá, no seu plano de obras, de ruas largas, praças largas, arborização, tudo isso aí, ela ultrapassou Londrina. Nós temos uma cidade que ela para o Brasil, ela se tornou um exemplo na arborização, em tudo, enfim (SANCHES, 2010, p. 15).

Tal discurso é sintomático das mais diversas manifestações emitidas pelos entrevistados, que endossam uma visão predominantemente veiculada no município acerca dos caminhos venturosos da cidade. Esses discursos que se intercalam, ora ressaltando a presença da Catedral na cidade, ora desembocando em declarações de vínculos sentimentais com a cidade, apontaram como referência, nas narrativas, três dimensões principais: a do templo, a da cidade e a do entrevistado. De tal modo, é possível integrá-los na constituição de um projeto social compartilhado, que não anula as diferenças e expectativas particulares de cada entrevistado ou as específicas do grupo em relação aos outros, resultando numa intensa e confluyente riqueza simbólica⁴². Está aí refletido o próprio entendimento que o grupo social tem de si e do local em que vive. O processo de construção da Catedral apresentou-se, portanto, como um *objeto* adequado para se pensar tais questões, estabelecendo um vínculo direto com a implementação de um projeto de cidade, aqui apresentado.

5.2 ADMIRÁVEL TEMPLO NOVO

As expressões de admiração pela construção da Catedral de Maringá foram constantes durante as entrevistas. A beleza do templo religioso foi sendo reforçada, durante as

⁴² Para Gilberto Velho (1981, p. 33): “A possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados, como já foi mencionado – classe social, grupo étnico, grupo de status, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político, etc.”

conversas, quase como a descrição de um acessório de luxo, de privilégio único da *gente de Maringá*. Substituindo a antiga Catedral de madeira, o novo templo conquistou, de acordo com o discurso dos entrevistados, a hegemonia dos corações e das opiniões. Se ainda restam algumas lembranças saudosistas, em relação à antiga Catedral, logo parecem ser superadas pela emergência da força do novo, do que eles veem como a representação do progresso e da modernidade na nova Catedral.



Foto 1: A Catedral e a cidade de Maringá.
Fonte: Kenji Ueta.

5.2.1 A demolição da Catedral Velha: a emergência do tempo da modernidade na superação da madeira

Embora alguns entrevistados tenham atentado para o caráter aconchegante da antiga Catedral⁴³, o templo de madeira foi apresentado por meio de lembranças pouco apreciativas, ressaltando-se o desgaste físico e estrutural da antiga construção. As contraposições entre o

⁴³ Durante o período que antecedeu a criação da Diocese de Maringá, antes de ser Catedral, a Igreja era a sede da Paróquia Santíssima Trindade, criada em 18 de abril de 1950. Depois, mais especificamente em 15 de agosto de 1953, passou a se chamar Paróquia Nossa Senhora da Glória, denominação conferida pelo então bispo de Jacarezinho, dom Geraldo de Proença Sigaud, numa menção ao dogma católico da Assunção de Maria ao céu, em corpo e alma.

velho e o novo, o antes e o depois, o passado e o presente favoreceram a organização das narrativas dos entrevistados.

Os depoimentos não hesitaram em reconhecer a feiúra do antigo templo e a necessidade da nova construção. Segundo o arquiteto Edgar Werner Osterroht, a Catedral de madeira realmente tinha de desaparecer. Sua situação estava insuportável:

[...] a velha (*Catedral*) (*risos*), ela tava tão podre, tão perigoso, compreendeu? Que eles quase não... Não podia fazer os... Porque ela era de madeira, né? Era velho. Ela foi... Foi feito nos anos 50, né? E isso aqui foi 20, 30 anos atrás, né? Então, essa Catedral é de, vamos dizer, de madeira. Ela foi diversas vezes modificado, aumentado e modificado e muito mal ventilado, também, né? Porque muitas moças, lá, desmaiaram lá, dentro da Catedral de madeira, né? Vamos dizer, era Igreja de madeira, né? Porque era muito mal ventilado, quando tinha muitas pessoas dentro, lá, né? Então, é, vamos dizer, ela não tinha mais jeito, né? Ela tinha desaparecer mais rápido com o possível (OSTERROHT, 2010, p. 56).

A imagem de moças desmaiando faz pensar num ambiente insalubre, inadequado e ultrapassado, que precisaria mesmo ser substituído por um prédio novo. Assim, a Catedral Antiga passa a ser a representação do velho e do antiquado que, pensando nos padrões de uma cidade que sempre primou pelo planejamento e pela estética moderna do seu espaço urbano, estava “fora do lugar”.

Foi no dia 03 de janeiro de 1973, após ter sido sede do bispado e das celebrações religiosas da comunidade por aproximadamente 15 anos, que o antigo templo foi inteiramente demolido. Digno de um encontro público, o início da demolição foi registrado por Kenji Ueta, que fotografou monsenhor Sidney Zanettini, que naquela época era cura da Catedral, retirando a primeira telha do antigo templo, entregando-a solenemente para dom Jaime. O fotógrafo apresentou um pouco das suas impressões pessoais a respeito daquele dia:

Aquele (*alguém*) fala que hoje vai ter uma cerimônia do demolição do Catedral. Falou assim, né? Demolição do... Madeira. “Olha, isso (*eu*) não pode perder.” Eu correu logo, foi vê já tava juntando gente e subiu no *Maria Tereza* (*edifício*), então, eu falei pra vê dois juntos assim pra, né? Deixar no último, a lembrança, né? Aí, eu tirei um... Eu vi chegando gente, eu correu lá embaixo, aí já começou a cerimônia, tudo. Padre Sidney, né? Pegou primeira telha de demolição, pra simbólico, entregou pra dom Jaime. Tem, aqui, fotografia, né? Então, até cerimônia, achei tão interessante, né? Todo mundo usou aquele Igreja, um casou, bastante. Muita gente, né? Até choram (*choraram*) de olhar: “Puxa! Eu casei aqui.” Outro: “Eu batizei nesse aqui.” Né? Esse lembrança é muito bonito, que a gente deixa, né? Mas, o quê que vai fazer, né? (UETA, 2010, p. 102).

Em cena pouco comum, solenizou-se o fim de um templo religioso, palco de uma diversidade de encontros religiosos, rituais de passagem e confraternização da comunidade local. Foram momentos marcantes que o fotógrafo registrou não somente com as suas lentes, mas também no seu íntimo, ao relembrar o momento de emoção vivenciado pelas pessoas que acompanhavam o evento, que se transformou em motivo de lágrimas para algumas pessoas⁴⁴.



Foto 2: Celebração pública da demolição da Catedral Velha.
Fonte: Kenji Ueta.

Segundo Maria de Lourdes Fornaziero, com as madeiras e telhas foram feitas casas para as famílias pobres do Município. A ex-secretária da Catedral relatou a respeito das condições em que monsenhor Zanettini e ela encontraram o antigo templo:

[...] quando a gente chegou em Maringá, achava que a Catedral Velha, de madeira, tivesse até mais ou menos, não tão velha como ela tava, né? Porque mexia na parede, ela balançava e, aí, no saí dela que se livramos do medo. Que quando chovia e dava vento, o pessoal saía da missa e saía correndo... Quando chovia ou começava ventar, o pessoal largava de assistir a missa e ia embora de medo que a Catedral caísse. Que ela não era uma catedralzinha, não. Na foto, a gente olha, assim, a gente pensa que era uma Catedral pequena... Mas, ela era muita madeira. Foi dado pra construir quinze casas. Não grandonas, né? Mas, quinze casinhas boas, né? E com as madeira boa porque, também, nem toda madeira prestou. E as telhas também. Então, não tinha mais como. Fazia um casamento, as noivas tinham medo de entrar na Igreja. Elas iam... Às vezes, quantas que foram casar lá na São José (*Igreja de outra paróquia*) por que... Eles iam casar lá, de medo que se viesse um

⁴⁴ Segundo Rocha e Eckert (2005, p. 26): “Não se pode compreender, portanto, a singularidade do ato de destruição e reconstrução de um espaço existencial sem se remontar a uma multidão de atos, volições e sentimentos que engendram seus territórios no domínio do vivido de seus habitantes”.

dia de chuva, de temporal, na hora do casamento, como é que ia fazer? (FORNAZIERO, 2010, p. 131).

O depoimento de Lourdes reforça a dimensão dramática que os entrevistados deram à situação decadente do templo. Juntamente com a narrativa de Edgar, que destacou a imagem de moças desmaiando no interior do templo, pensar em pessoas correndo do templo no meio de uma celebração litúrgica, além da imagem de noivas teimosas em não entrar e temerosas com a situação do templo, faz emergir uma situação calamitosa, em que a existência do antigo templo passa a ser um despropósito naquelas condições. Assim, as narrativas descortinam cenas mirabolantes da precariedade do templo:

Nós vimos, lá, a Catedral Velha caindo e a outra subindo. Só tinha que falar bem da nova, né? (*risos*) Pra nós, principalmente, que ensaiávamos lá no coro. Tinha... Era uma Catedral de madeira, toda alta, e a parte da frente era onde tava... A gente chamava de cantoria. Era uma parte, uma espécie de um mezanino, mais alto. Não era tão baixo, não. Devia ter, assim, uns cinco metros do chão ou seis. E lá, em cima, a gente cantava. Lá tinha o órgão e ensaiávamos lá. E tinha uma torre cada lado (*risos*). Às vezes, a gente tava ensaiando, dava uma ventania à noite, esse negócio balançava assim, que a gente saía correndo de lá. A gente tinha medo que caísse, né? (FUSINATO, P., 2010, p. 97).

Dessa maneira, a Catedral Velha foi sendo representada como um espaço inapropriado e inadequado, frágil e instável, que realmente precisava ser demolido. Assim, nota-se uma regularidade nas narrativas, no entanto, mais interessante ainda, é o acentuado drama presente nesses discursos.

Para Lia, o antigo templo já não atendia mais às necessidades da comunidade:

[...] a Catedral de madeira, ela tava muito feia, inclusive, era aquele modelão, assim, do começo, né? Assim. Em termos... Sei lá. De estilo. Sei lá se tinha estilo. É o estilo das casas daquela época, né? Da década de 50, de 60. De 50 que tinha sido feito, né? O pessoal queria mesmo, queria uma Catedral nova. Queria e uma coisa que ficou assim bem marcante. Ela foi o anseio, assim, da população. Porque se... Tinha alguns outros lugares. O pessoal tem feito igrejas melhores. Aquela era, assim, muito precária, mesmo, né? Nem lembro... Como é que se chama? Não se o chão era de vermelhão. Sei que ela era de madeira. E até, ela já tava assim, meio inclinada porque ela tinha uns telhados, assim, pra dentro, né? Ela tava muito feia. E não abrigava mais o povo. Sempre ficava gente pra fora. (SAMBATTI, 2010, p. 117).

A construção em madeira aparece como algo pejorativo, associada a uma etapa superada da história da cidade. Assim como a maioria das primeiras habitações de madeira do

município, que não receberam tombamento histórico, a Catedral de concreto substituiu a Catedral de madeira, numa mudança de forma e de matéria-prima, apagando na paisagem a arquitetura anterior da cidade. Sua destruição parece estar ligada à própria superação de um tempo passado, vivido pela comunidade dos entrevistados nos primeiros anos de fundação de Maringá. Em sua fotografia, intitulada como *O tempo e o templo*, o cirurgião dentista Laércio Nickel Ferreira Lopes destacou alguns dos elementos que o fazem pensar no resultado final de seu registro:

O tempo e o templo porque sabia que um ia substituir o outro, né? Um tempo com o templo e o tempo, um o tempo tinha passado e o tempo construindo o futuro. Ficou bonito o nome. Esse é que foi o elã (*risos*). Foi o nome, né? Mas, a fotografia, realmente, você vê hoje, fui muito feliz na fotografia, né? Agora, o quê que... É uma construção moderníssima com uma antiqüíssima, quer dizer, uma toda pregada de prego, né? A cruz caindo, né? Que tá aí, pregada, quebrada, coberta com tabuinha, a torre, e uma de concreto, moderníssima, né? Entrando no espaço, né? Com o marco, né? É isso daí (LOPES, 2010, p. 110).



Foto 3: *O tempo e o templo*.
Fonte: Laércio Nickel F. Lopes.

A foto de Laércio foi escolhida para acompanhar o livro da história dos cinquenta anos da arquidiocese, *A Igreja que brotou da mata*, como uma lembrança que é ofertada a cada pessoa que adquire o livro. Esse fato contribuiu para a divulgação da mesma. Ela sinaliza a liminaridade entre a madeira e o concreto na história do crescimento urbano maringaense, além de ajudar a visualizar como os entrevistados lidam com dois momentos distintos ao falar do que significou a presença do novo templo, em concreto, substituindo o antigo, de madeira.

Ao serem contrapostos tais elementos, a vitória do concreto sobre a madeira apresenta a superação dos obstáculos que esses antigos moradores de Maringá destacam como um tempo de muito trabalho e dedicação em prol da cidade.

A imagem do novo em contraste com o velho tornou-se muito forte na interpretação acerca das suas trajetórias pessoais e das transformações do cenário urbano. Tal aspecto fica expresso nas diferenças entre o templo de madeira e a nova construção. Numa das visitas ao local de trabalho de Kenji Ueta, ficou perceptível também em seu trabalho, esse interesse em expressar por meio das fotografias o que denomina de *o Antes e o Depois*. Ele tem fotos da cidade e de pessoas da sociedade maringaense, retratadas lado a lado, em fases distintas do tempo, mostrando as transformações sofridas. Foi o que fez também com propriedade em relação a algumas fotos da Catedral. Trata-se de uma chave de leitura bastante presente nos discursos dos entrevistados ao retratarem suas lembranças.



Foto 4: Ao lado da antiga Catedral, a construção do novo templo.
Fonte: Kenji Ueta.

O advogado Alcides Siqueira Gomes, embora sempre tenha sido membro da Igreja Adventista, possui, desde outrora, boas relações com a Igreja Católica. Ele lembrou, inclusive, que durante seu processo de formação, foi aluno de alguns padres católicos. Questionado a respeito do impacto da nova Catedral sobre o antigo templo de madeira, descreveu a liminaridade entre os dois templos:

[...] uma das coisas que me marcou muito, que a gente estava acostumado com aquela Catedral de madeira. E a gente, como falamos sempre, a gente tava ali presente, estudando nos Colégios ao redor, praticando esporte ao redor da Catedral, mas, sim, eu me lembro, como hoje, em 1972 (1973), quando é... Quando eu vi aquelas paredes da Catedral Antiga serem derrubadas. Aquilo me parecia um... Ao mesmo tempo que você via uma construção vislumbrosa, uma construção moderna, uma construção até arrogante, para a nossa religiosidade, de Maringá, não é verdade? Aparente arrogância, entre aspas, se via, assim, com saudade, aquela primeira madeirinha sendo derrubada, não é verdade? Então, a gente tem essa lembrança vívida ainda, porque eu estava presente quando caiu a última tábuca, a última madeira da Catedral Antiga... Ao mesmo tempo que você via uma imensa construção (*a Catedral Nova*), que representava aquilo que de ego, para nós maringaenses, se via a nossa Catedralzinha Antiga, construída, também, com muita madeira, muito suor, sendo derrubada e fazendo parte do passado (GOMES, 2010, p. 10-11).

Essa experiência, elaborada pelo entrevistado, sintetiza um momento peculiar em que a demolição da Catedral Velha efetivava uma nova percepção visual do espaço urbano. Mais uma vez, também esse relato faz pensar nas rápidas mudanças que a cidade sofreu, fazendo com que a era da madeira cedesse espaço à era do concreto, representado na Catedral Nova.

No entanto, é bom não perder de vista que a Catedral Velha foi um ambiente muito importante na vida dos entrevistados. E embora não tenha se manifestado com predominância nos relatos, algumas lamentações acerca da demolição do antigo templo puderam ser percebidas. É o que relatou o Presidente da Associação dos Pioneiros de Maringá:

[...] a única coisa que o pessoal reclamou um pouquinho é que a nossa Catedral Velha, não deveria ser demolida. Ela deveria ser é... Como se diz? É... Tombada ao Patrimônio Histórico da cidade. Então, são as pessoas que conviveram, casaram naquela Catedral de madeira, que fizeram os batizados naquela Catedral. Então, isso não foi preservado, mas, esta ideia de tomar coisas antigas de Maringá, ela surgiu um pouquinho depois (SANCHES, 2010, p. 15).

A percepção da Catedral Velha como um prédio histórico da vida social maringaense e do catolicismo parece não se sustentar perante a ênfase positiva na emergência do tempo e das transformações sofridas no espaço urbano, aceitas pelos entrevistados como necessidades iminentes. E mesmo reconhecendo o valor das antigas paredes de madeira, as narrativas enfraqueceram a necessidade de preservação do antigo templo:

Eu acho que isso tem que substituir como o meu filho vai me substituir amanhã, o teu filho vai substituir. A vida é sempre assim. É sempre... Você não pode ficar com uma Catedral daquela, cair. O que a gente acha é que poderia ter sido feito um esforço pra que ela fosse desmanchada e montado

num bairro, num outro local, uma coisa, falo, mas, eu não critico, nem nada. É só uma opinião pessoal, né? (LOPES, 2010, p. 111).

A força implacável do tempo, do qual não se pode ter o controle e que transforma vidas e espaços ocupados pelo seres humanos, em um movimento contínuo, é a justificativa utilizada nessas narrativas. Na mesma direção, monsenhor Gerhard apresentou as suas razões para a demolição do antigo templo:

É, de um lado, a gente fica triste, ver um monumento que deu início à Diocese, depois, foi Arquidiocese de Maringá. Mas, sempre foi assim na história, né? É como nós. Um dia temos que partir pra eternidade, somos substituídos por outros. Assim, também, a Catedral Nova substituiu a Velha. Então, dá um ar de tristeza, ver um monumento... Mas, era tão pobre, tão de madeira e coisa e tal. E tinha que ceder porque acompanhar o progresso de Maringá, a cidade é tudo conjunto, lógico (SCHNEIDER, 2010, p. 142).

Dessa maneira, o relato do sacerdote procurou sintonizar o fim do templo de madeira com o movimento natural da vida, no ciclo biológico do nascimento e da morte. Já o empresário e jornalista Franklin Vieira Silva justificou que a Catedral Velha foi fruto de um determinado período da vida da cidade, que esteve sujeita às mudanças e transformações de uma cidade ao longo do tempo:

[...] era pra atender a comunidade maringaense, naquela época. Como eu falo assim? Do crescimento da cidade, pra abrigar, evidentemente, os católicos, principalmente, né? E que cumpriu a sua meta, de madeira, tudo. Quer dizer, evidentemente, ela não teria suporte, nem conseguiria, me entende? Pelo crescimento da própria cidade, aglutinar o número de pessoas que aglutina hoje, a própria Catedral atual... Não é que nem as *Pirâmides*, né? Se fosse feita assim, que nem aquela Igreja, lá, de Guadalupe, no México (SILVA, F., 2010, p. 72-73).

Ao comparar a Catedral Velha com as Pirâmides do Egito, bem como com a Igreja de Guadalupe, Franklin descredencia o valor histórico do templo de madeira maringaense, diante de outras construções de renome e reconhecimento histórico. Já para a nova Catedral, escolhe representações favoráveis. Assim como as Pirâmides e a Igreja de Guadalupe, ela é descrita como mundialmente conhecida.

A construção da nova Catedral se tornou a medida das transformações sofridas na jovem cidade, integrada ao que os entrevistados compõem como o presságio do caminho para o desenvolvimento local, tornando-se um símbolo perene que evidencia o crescimento de Maringá.

Maria Helena Cantadori, assim como a quase totalidade dos entrevistados, antes de chegar a Maringá já convivia em uma cidade que possuía instalações mais solidificadas. Foi dessa maneira que descreveu a sua experiência ao comparar a Igreja Matriz da cidade de onde veio com a Catedral Velha de Maringá:

Eu vim do interior, então, tem essas matrizes, né? Toda cidade tinha a sua Matriz. Era uma... Era de concreto, de tijolos, né? E toda Matriz é muito bonita. Então, a Matriz da minha cidade é linda. Por dentro, então, ela é um... Tem obras de arte, sabe? E a nossa Catedralzinha aqui, de madeira, ela era tão simplesinha, então, tinha que ser feito alguma coisa. Então, tinha que ser feito uma coisa grandiosa e ficou ótimo. Valeu apena, né? Foi um orgulho pra... Para o maringaense, a Catedral é um orgulho. É um orgulho! (CANTADORI, 2010, p. 138).

O projeto de construção da nova Catedral se manteve em sintonia com os anseios dos entrevistados na constituição de uma cidade que vencesse os obstáculos de sua juventude, crescendo de forma planejada e tornando-se uma referência no interior do Paraná. Dessa forma, as narrativas relacionadas à demolição da Catedral de madeira se transformaram em uma chave para o entendimento das relações entre passado e presente na cidade de Maringá, estabelecidas pelos entrevistados.

As lembranças da antiga Catedral desvendam um passado recente da cidade, envolto num discurso que enfatiza o ritmo de transformações em seu cenário, prevalecendo a constituição de uma imagem de cidade bela, desenvolvida e moderna. O antigo templo, que esteve estacado no cenário urbano, embora tenha perdido sua materialidade, continua vivo nas memórias desses homens e mulheres, mas como uma fase superada. Trata-se de um passado que não existe mais e que, contraposto com a Catedral e a cidade de hoje, acusa a forte convicção que os entrevistados possuem acerca do progresso e do sucesso da cidade.

5.2.2 A Catedral Nova: na força do concreto a emergência do tempo

Durante as conversas, emergiram vários adjetivos para o novo templo. Entre as principais características, a obra foi qualificada como “bonita”, “diferente”, “majestosa”, “belíssima”, “moderna”, “grandiosa”, “maravilhosa”, “suntuosa” e “vislumbrante”, com o acréscimo de comentários que a descrevem como “uma epopéia”, “um monumento”, “um marco”, “uma bênção”, “um motivo de orgulho”, “um arrojo”, “um gigante de concreto” e

“um progresso para a cidade”. Por fim, é igualmente definida como “atração turística”, “símbolo mundial e universal”, “casa de oração”, “energia positiva” e “representação de força”. Ao associarem todas essas qualificações à Catedral, os entrevistados não deixam de refletir a própria autoimagem que possuem de si mesmos, dos que os cercam e da cidade que habitam.

Toda a admiração pela Catedral expressa o reconhecimento, por parte dos entrevistados, do esforço e do trabalho dos quais participaram com seus pares ao longo do tempo. Na interpretação acerca da orquestração dessas narrativas, em um exercício de estranhamento, verifica-se que elas admitem pouco espaço para uma leitura alternativa sobre a Catedral. Aqui, não se trata de questionar a veracidade das preferências estéticas dos entrevistados e nem de investigar a real concordância entre o que pensam e o que narram, mas sim, de apontar para um discurso fortemente unificado e triunfal, que não permite contradições. Tal discurso revela, basicamente, a peculiaridade do olhar desses moradores do centro de Maringá para a realidade social em que estão inseridos. Esse tipo de construção social remete ao trabalho da antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (1993, p. 25), que na parte introdutória de seu livro, apresenta a problemática relacionada à identidade:

[...] a identidade não é algo dado, que se possa verificar, mas uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais, sua eficácia enquanto fator que instrumentaliza a ação é momentânea e será tanto maior quanto mais estiver associada a uma dimensão emocional da vida social.

No bojo da dimensão emocional da inserção dos entrevistados na vida social maringaense é que as narrativas foram tecidas. Nas entrevistas, por meio da associação das trajetórias individuais com a história da cidade, bem como na sua relação com o processo de construção da Catedral, é que se nota uma gama de razões, sentimentos e emoções intermediando as memórias que se revelam. Na ânsia pela exposição de suas lembranças e vivências, essas pessoas explicam a execução do projeto de construção da Catedral como um fio elucidativo do que vislumbram como o próprio sucesso da trajetória urbana de Maringá⁴⁵.

Em contrapartida ao que os entrevistados descreveram acerca da Catedral de madeira, vista como um templo condenado pelo tempo, altamente deteriorado, a nova

⁴⁵ Na Revista ACIM (COCAMAR, 2010, p. 25), no mês do aniversário de Maringá, a propaganda da empresa COCAMAR revelou muito bem o espírito triunfante presente na cidade. Com o *slogan* *É felicidade. Mas pode chamar de Maringá*, segue o texto: “Talvez seja o clima gostoso, talvez sejam as origens marcadas pela força e alegria dos pioneiros. Talvez seja a beleza da cooperação entre as pessoas ou só o nosso orgulho maringaense falando mais alto. Talvez seja tudo uma feliz coincidência. Mas basta andar pelas ruas que a gente nota: viver aqui estampa no rosto um sorriso fácil, daqueles que só quem é feliz de verdade é capaz de sorrir. Pelos nossos sorrisos e conquistas, obrigado e PARABÉNS Maringá!”.

Catedral passa a ser sinônimo do orgulho maringense. As narrativas se concentram em elogios ao templo, no fortalecimento de sua imagem e da sua presença na paisagem urbana:

[...] a nossa Catedral quando foi inaugurada, ela teve, assim, uma repercussão mundial. Nós tivemos, assim, uma reportagem, não somente regional, não somente no Brasil, mas, mundial. Porque todas as pessoas enaltecem o projeto do arquiteto José Augusto e ele deixou bem claro a respeito da intenção dele, que ficou como ponto marcante (GOMES, 2010, p. 10).

A estrutura da nova construção, seus detalhes, imponência e a força de sua imagem passam a diferenciar a cidade e ela passa a ter o reconhecimento de fora, dos que não são de Maringá. A Catedral se impõe nesse tipo de abordagem como um elemento muito importante de diferenciação e de propaganda do local em que se vive. A obra passa a chamar a atenção para além dos limites territoriais de uma simples cidade do interior do Paraná. Nessa perspectiva, Arnaldo Ribeiro de Campos descreveu uma de suas experiências fora do país, em que pôde exprimir esse sentimento que nasce de sua íntima relação com a cidade e sua Catedral. Ele narrou um fato que ocorreu quando estava em Óbidos, Portugal:

[...] nós encontramos um casal com os filhos. Ela brasileira e ele sueco. E ela traduzindo para ele no sueco. Aí, ele citava: 'Não, mas, Maringá tem uma Igreja, assim'. Aí, então, eu ia falar do meu peixe, né? Lógico, aonde fui, se falar em Maringá, se cai na Igreja, eu tenho que falar. Eu tenho que falar porque eu conheço minha... Nossa Maringá. Eu... E sou obrigado e tudo que eu tenho e recebo, é que o povo de Maringá é muito bom. Que retribuiu a mim, muito mais do que eu retribuí (CAMPOS, 2010, p. 39).

Ao mesmo tempo em que o entrevistado reforça, em seu comentário, a influência da Catedral como fonte de divulgação da cidade no exterior, também enfatiza a dívida social e afetiva que possui com o povo de Maringá. Na sua concepção, uma das grandes qualidades desses moradores é a bondade que, no caso, ele mesmo tem experimentado ao longo dos anos. Na mesma entrevista, em outro momento, ele voltou a ressaltar a imagem da Catedral, interpretando os possíveis impactos da obra sobre os visitantes, o não maringense, aquele que só conhece a cidade, mas não reside nela:

[...] o povo através deste monumento, assim pode dizer, ele se orgulha de dizer que... Qualquer profissão de fé: 'Não. Lá em Maringá tem uma Catedral'. Como nós temos um templo budista que é uma maravilha. E nós temos a Catedral. Por quê? Porque está no centro de Maringá e se faz presente na vista de todo mundo. Então, a pessoa chega lá, olha, etc. E se tiver alguém pra explicar aquilo ali, ele vai com um marco melhor ainda.

Que a pessoa vai se recordar e vai contar que Maringá tem uma Catedral de tantos metros, isso e aquilo e tá. Ele vai. Vai contar aí, mundo afora. Quer dizer, uma cidade do interior do Paraná tem uma belíssima Catedral que o povo construiu. Isso é fundamental (CAMPOS, 2010, p. 42).

Para Arnoldo, como resultado da dedicação do povo maringaense, a construção do templo na paisagem urbana da cidade se torna uma marca indelével para a cidade. Assim, a nova Catedral, em concreto, passa a adquirir, nas entrevistas, uma força social predominante sobre a cidade, influenciando a maneira como as pessoas de fora olham para a cidade. Monsenhor Gerhard trabalha na Catedral, principalmente, no atendimento das confissões, é, portanto, um frequentador assíduo do templo. Ele procurou enfatizar o impacto que a obra causa nos seus visitantes. Na narrativa do sacerdote eclode a dimensão do espetacular, da experiência de assombros que o monumento proporciona aos seus visitantes:

Olha, para a cidade de Maringá e eu diria até para o mundo, é um sinal de Deus. Afinal das contas, quem chega à Maringá e fica, aqui, na Praça, entrando na Catedral, ele fica espantado! Ele abre a boca, os olhos, não sabe nem o que dizer. São as impressões dos turistas, né? Uma coisa (*risos*) dessas, né? É um significado de amor a Deus e sempre quer erguer o espírito do povo que, às vezes, está preso nas coisas do mundo, mas, um monumento, deste, acho que ergue o espírito, a mente e toda a alma do povo em direção a Deus (SCHNEIDER, 2010, p. 143).

A cena de pessoas com os olhares e bocas abertas, com os juízos interrompidos diante da beleza e do sentimento de espanto no encontro pessoal com a Catedral, desperta a atenção para a força imagética da obra, o que pode provocar, segundo o sacerdote, um despreendimento das coisas materiais e uma elevação plena do ser humano para Deus⁴⁶. Tal interpretação também remete ao pensamento de Santo Agostinho, nas suas incansáveis reflexões acerca da plenitude de Deus e a contingência do mundo terreno. Nas *Confissões*, ele realça o que considera como fundamental nas obras artísticas, ou seja, aquilo que ultrapassa as dimensões da imediata percepção do homem. Na experiência e palavras de Agostinho (1999, p. 295), “as belezas que passam da alma para as mãos do artista procedem daquela Beleza que está acima das nossas almas e pela qual a minha (sua) alma suspira de dia e de noite”. Portanto, nessa aproximação entre o depoimento do sacerdote e o pensamento de Agostinho, é

⁴⁶ O depoimento de monsenhor Gerhard sobre a disposição dos visitantes, com bocas e olhos abertos diante da Catedral, remete, novamente, a Le Goff (2009, p. 23), que comenta sobre a categoria maravilhoso na Idade Média: “ela introduzia no território terrestre e humano belezas de certa forma roubadas de Deus pela indústria dos homens”.

possível interpretar a Catedral como uma obra artística de inspiração divina. Interpretação cabível, diante das ponderações de monsenhor Gerhard, em relação ao templo.

Esse aspecto simbólico se une às interpretações que os entrevistados fazem acerca da dinamicidade em torno do templo, transformando-o em força viva e atuante no meio social. Para Antonio da Mata Vaz, por exemplo, a Catedral é propulsora do crescimento de Maringá, o que a tornou conhecida para além da região:

Eu acredito que aquela construção, ali, ela ajudou muito Maringá. Essa, a Catedral, a construção dessa Catedral, desse... Monumento, né? Vamos, assim, dizer. Ele ajudou muito porque a cidade se tornou uma cidade conhecida, né? Que até, talvez, alguém conhecia, mas, fora da região, aqui, também, ninguém... Mas, através desse... Dessa construção, ela se tornou conhecida mais longe. Então, isso trouxe muito benefício para a cidade. Eu, particularmente, eu acho que através dessa construção, que a Igreja Católica fez, na época, ela fez com que a cidade crescesse. Eu vejo assim (VAZ, 2010, p. 29).

A Catedral foi sendo associada a funções que a tornam central para este grupo de entrevistados. Edgar elaborou uma explicação para esta visibilidade que a Catedral tem na cidade. Ele ressaltou o exclusivismo da Catedral num cenário urbano onde não se apresentam muitas opções turísticas sem, no entanto, deixar de ressaltar a centralidade e a dimensão extraordinária da obra:

Porque todo mundo quer ver a Catedral. Porque o quê que tem mais pra mostrar aqui, em Maringá, de extraordinário? Não tem nada. Então, a Catedral, realmente, todos os ônibus que vem pra Maringá, primeira coisa, eles para na Catedral. Pra ver a Catedral porque aqui, em Brasil, não existe outra Catedral desse porte, desse jeito, lá, né? Vamos dizer, ela... De um aspecto, ela é... É lindo, né? Compreendeu? Por dentro, também. Mesmo com todo esse... É... Paredes rústicas e tudo que tem lá dentro, lá, né? E pra força, também. Ela... Ela chama a atenção, né? Então, ela é hoje, um monumento católico e turístico, né? (OSTERROHT, 2010, p. 55)

Durante a realização da entrevista com o jornalista Jorge Fregadolli, surgiu uma das expressões que põem em evidência o caráter de grandiosidade da Catedral. Ele cunhou a expressão *gigante de concreto* ao se referir à estrutura da Catedral. Em nenhum momento hesitou em destacar os qualificativos da obra que, segundo ele, deixa extasiado o visitante:

[...] hoje é uma obra respeitada no mundo inteiro. É o décimo monumento da América Latina (*do mundo*) e um dos mais bonitos do mundo. Quiçá até uma maravilha do mundo. Pra nós, aqui, é o ponto, eu acredito, o ponto de turismo mais importante que nós temos. Porque diariamente a Catedral é

visitada por milhares de pessoa e quem vem de fora fica extasiado de ver aquele monumento, aquele gigante de concreto no centro da cidade. A cidade é uma das mais bonita do mundo (FREGADOLLI, 2010, p. 78).

De fato, observando a diferença de tamanho entre a nova Catedral e a anterior, construída em madeira, a expressão *gigante de concreto*, parece caracterizar bem o impacto visual do novo templo na vida da cidade. É importante observar que essa edificação gigantesca, tão agraciada pelos entrevistados, é por eles associada às próprias estratégias de vida do grupo social, seus sonhos, desejos e a maneira como organizam seu território.



Foto 5: O *gigante de concreto* versus a singela Catedral Velha.
Fonte: Kenji Ueta.

À medida em que o processo de construção da nova Catedral avançava, no centro da cidade, a presença do novo prédio deflagrava um contraste impactante diante da singeleza do antigo templo, definindo um novo olhar sobre o templo religioso católico. Isso tudo, num prisma que leva os entrevistados, hoje, a estabelecer uma relação direta entre a grandeza e beleza do templo e da cidade em seu desenvolvimento.

Os entrevistados foram definindo o significado do monumento ao mesmo tempo em que estabeleciam um sentido de cidade. O templo, em certa medida, referencia a vida desses moradores ao se incorporar em seu imaginário e em seu cotidiano. Trata-se de um entendimento acerca do espaço urbano que permite a erupção, nas lembranças dos entrevistados, de uma rica fonte de motivações simbólicas. Esse é um desafio proposto nos estudos urbanos das pesquisadoras Rocha e Eckert (2005, p. 87):

[...] recolocar-se, pela via dos estudos antropológicos sobre o mundo contemporâneo, a Cidade, enquanto objeto temporal, sob a perspectiva de uma sociologia figurativa de seus espaços, matéria das ações de grupos/indivíduos e territórios de projeção e de enraizamentos de suas motivações simbólicas.

O intitulado *gigante de concreto* enraíza-se na vida da cidade. Torna-se uma referência para os sentimentos, as justificativas e as expressões da vida social dos entrevistados e, ao mesmo tempo em que transforma as concepções sobre o urbano, reforça os padrões do novo e da modernidade. Destaque para o sentimento de orgulho de Kenji Ueta, acerca da importância da Catedral como vitrine para a cidade. Ele destacou que Maringá foi homenageada por Kakogawa, cidade japonesa, por meio da colocação de uma réplica da Catedral na cidade japonesa. Ela fica numa Avenida da cidade, chamada Maringá:

Então, esse construção de Catedral, um que bem diferente da outros Catedral, que interessou bastante deixar gravado. Então, eu quando vai... É... Passear outra cidade: 'Como que é Maringá?' 'Gente, como que eu vou contar?' Eu sempre carrego a fotografia: 'Bom, Maringá é isso, né?' Tem muita, ainda, gente que não conhece Maringá. O pessoal de São Paulo. Pensa que Maringá é... Então: 'O quê que é esse lugar, então?' 'Essa é Catedral'. 'Catedral!' Né? Aí, então, Japão mesmo, acha tão diferente esse Catedral, na co-irmã, Kakogawa; cidade de Kakogawa, Maringá, são cidades irmã, né?... Então, eles fizeram um dos melhor Avenida de Kakogawa, bem em frente Estação, fez um símbolo desse... É... Tipo de... Tipo de Catedral. Só que redonda, né? Bem... Um, a, símbolo de Maringá (UETA, 2010, p. 101).

A comunidade japonesa está presente em número considerável em Maringá, que possui uma estreita relação com a cidade de Kakogawa, tanto que, em Maringá, a cidade japonesa também nomeia uma das avenidas da cidade. Embora seja um templo católico, na cidade japonesa de Kakogawa, escolheu-se a imagem da Catedral para representar a amizade com Maringá, o que demonstra a transcendência simbólica do templo. Como bem disse o fotógrafo:

Ah, independente de religião. Pra nós, esse Catedral, eu acho é de católico, mas, é um símbolo da cidade. É muito bonito, tudo, por isso que Kakogawa, sem religião, ele ainda fez o... Esse monumento de treze metros de altura, no Avenida Maringá... Bonito, símbolo Catedral. Vista de Maringá se não tem o Catedral parece que não é vista de Maringá. Cartão, pra você vê, maioria, algum lugar tem esse Catedral (UETA, 2010, p. 105).

Assim, difunde-se a imagem do templo como elemento essencial na paisagem de Maringá, e apresentam-se narrativas com um alto teor de aprovação do projeto de construção

da obra. Para Elza Perioto da Silva, o sucesso da construção da Catedral se revela no grau de contentamento dos maringaenses:

Olha, é um monumento tão grande, tão grandioso que... Como eu poderia dizer? Nada. Na época, como eu disse pra você, ninguém acreditava que ia chegar ao término, né? Porque era uma coisa muito fabulosa, muito... Muito grandiosa pra época, mas, eu acho que, agora, o maringaense tá com um sorriso dum canto ao outro porque o maringaense adora essa Catedral. O maringaense... Olha, tem gente que vem, aí, dos bairros, de longe. Que eu freqüento a Catedral, gente que vem de longe pra Catedral... Mas, agora... Agora, o pessoal tá agradecido. Agradecido e muito feliz. Inclusive, eu, essa pobre coitada, aqui, que já mora há 65 anos, aqui. Eu adoro essa Catedral, aí. Essa Catedral é o que é de bom na cidade, de maravilhoso. Você fala da Catedral, né? É uma coisa suntuosa. É uma coisa muito bonita. Muito bonita! (SILVA, E., 2010, p. 60-61).

O sentimento de empatia e confraternização com a obra demonstra a sintonia de discursos que exaltaram o monumento. Ficam praticamente invisíveis as dimensões contraditórias nas narrativas. Na imagem do maringaense ostentando um sorriso que vai de um canto ao outro, há uma representação do contentamento exacerbado com a construção da Catedral, transmitindo a imagem de um povo realizado, feliz e unido.

O *admirável templo novo* é, portanto, do principal cartão de visitas da chamada sociedade maringaense. Esse papel foi, aliás, enfatizado pela Sociedade Rural de Maringá, ao inscrever numa miniatura da Catedral, entregue ao engenheiro Antonio Almir dos Santos, responsável pela fase final da construção da Catedral. Ele foi homenageado em outubro de 1999, pelos seus atuais pares na área da pecuária⁴⁷, com a seguinte epígrafe: “Dr. Antonio Almir dos Santos, nosso eterno tesoureiro e construtor do cartão de visitas da nossa querida Maringá”. Certamente, mensurar a intensidade da incorporação dessa obra pela sociedade maringaense não é tarefa fácil, mas, pelo que se pôde ouvir no decorrer das entrevistas, a Catedral pode ser considerada o prédio mais benquisto da cidade.

5.3 A OBRA DA SOCIEDADE MARINGAENSE: ATORES E COADJUVANTES

As lembranças acerca da mobilização da sociedade maringaense, para a construção da Catedral, foi uma das questões mais difíceis para os entrevistados. Possivelmente, os laços

⁴⁷ Atualmente, Antonio Almir dos Santos não trabalha mais como engenheiro, ele se dedica à pecuária.

de compromisso afetivo e social interno ao grupo social, ao longo dos anos, levam ao constrangimento pessoal, no momento em que se exige uma avaliação do grau efetivo de participação pessoal de membros da comunidade, ao mesmo tempo em que se revivem conflitos internos. Exceto a unanimidade do nome de dom Jaime, seguido das citações dos nomes do empresário Joaquim Romero Fontes e de monsenhor Sidney Zanettini, não há uma preponderância considerável na citação de outros nomes. Além disso, há um evidente incômodo, da parte de algumas das pessoas entrevistadas, em reconhecer a participação direta de políticos na construção da Catedral. No entanto, um traço marcante nas narrativas foi a definição da obra como o resultado da mobilização de toda a sociedade, sendo fruto coletivo da vontade e do esforço dos diversos segmentos.

Nesse sentido, ao colocar no centro das entrevistas o processo de construção da Catedral e seus desdobramentos, a temática se apresentou como um elemento, um símbolo que se alargou, nas narrativas, para os diversos campos da vida social, desde as questões mais introspectivas até as mais exteriores em relação ao indivíduo. Percebe-se, facilmente, nas narrativas que esse é um tema que atravessa as mais variadas instâncias da sociedade, contemplando uma diversidade de atores sociais, de diferentes grupos sociais, envolvidos nas mais diferenciadas formas de participação. A Catedral se constitui como uma obra vista como resultado da força coletiva de uma sociedade sem, ao mesmo tempo, deixar de consagrar individualidades e especificidades no tipo de participação das pessoas.

Para a análise de tal fenômeno, a experiência de fato social total, contribuição de Marcel Mauss (1974) à antropologia, apresenta-se como referência legítima, muito embora possa parecer ousadia tal uso, devido à amplitude e densidade das pesquisas etnográficas interpretadas por ele. No entanto, é na interpretação de Lévi-Strauss (1993), discutindo o campo da antropologia, que se percebe que para Mauss a noção de totalidade não antecede a experiência, pelo contrário, importa primeiramente a vivência concreta dos homens. Quer dizer, a totalidade não se trata de um postulado, ela é fruto de um tipo de observação, para a qual os dados etnográficos são imprescindíveis. Segundo Lévi-Strauss (1993, p. 14):

[...] a totalidade do social se manifesta na experiência: instância privilegiada que pode ser apreendida no nível da observação, em ocasiões bem determinadas, quando se 'agita a totalidade da sociedade e de suas instituições'. Ora, esta totalidade não suprime o caráter específico dos fenômenos, que permanecem 'ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos, e até estéticos, morfológicos', diz Mauss no *Essai sur le don*; de tal modo que ela consiste, em suma, na rede de interrelações funcionais entre todos estes planos.

Ao apresentar-se como uma experiência de fato social total, o processo de construção da Catedral e seus desdobramentos se expressam, nas entrevistas, sob o prisma da inter-relação de fatos, pessoas, instituições, etc. Nesse sentido, na perspectiva dos entrevistados, abrange a totalidade do social, caso contrário, os conteúdos das narrativas não renderiam tamanha inserção na dimensão histórica, religiosa, social e também psíquica dos diversos relatos. É como fruto da experiência vivida e narrada pelos entrevistados que a Catedral se coloca no âmbito de um fato social total. Segundo Marcel Mauss (1974, p. 181):

Nós observamos reações completas e complexas de quantidades numericamente definidas de homens, de seres completos e complexos. Descrevemos também aquilo que eles são em seus organismos e em suas *psychai*, ao mesmo tempo que descrevemos esse comportamento de massa e as psicoses que a elas respondem: sentimentos, idéias, volições da multidão ou das sociedades organizadas e de seus subgrupos. Também nós vemos corpos e reações desses corpos, cujas idéias e sentimentos são de ordinário interpretações e, mais raramente, os motivos. O princípio e o fim da sociologia é perceber o grupo inteiro e seu comportamento global.

Observam-se que, nesse caso, os elos que apontam ou abrangem elementos comuns da vida social estão nas partes, nos fragmentos e nos pequenos detalhes. Ao apresentarem a construção da Catedral de Maringá como uma conquista e como resultado do trabalho de todos, os entrevistados o fazem a partir de uma gama de sentimentos e razões que aglutinam o social através dos símbolos relacionados ao templo. A experiência da participação no processo de construção da Catedral faz com que ela seja vista como uma obra de todos, o que não exclui as especificidades desse processo, ao contrário, reforça-as.

O símbolo da Catedral permanece vivo na experiência de totalidade, realçando a força coletiva e, simultaneamente, distribuindo prestígio social em escala pessoal ou grupal. Sem perder a noção de totalidade, os conteúdos das entrevistas expressam as especificidades, participam e constroem a experiência, sendo costuradas pela trama que traz inscrito: *todo mundo ajudou, todo mundo participou*. Para apresentar esses elementos e evidenciar o modo como esses dados da pesquisa foram organizados, convém iniciar com algumas observações sobre o emplacamento oficial da Catedral.

5.3.1 As placas: as homenagens pela obra

O visitante atento perceberá, assim que entrar na Catedral, algumas placas que fazem referência a datas, fatos e nomes que envolvem o histórico do templo. Faz jus apresentá-las aqui, pois se trata do que a hierarquia eclesiástica, principalmente, representada nos anos de atuação de dom Jaime, conserva como a memória da Igreja de Maringá e da construção de sua Catedral. Na primeira placa à esquerda, tendo como referência a porta central, se inscreve:

Catedral Metropolitana “Basílica Menor” Nossa Senhora da Glória. Maringá
Histórico:

01/02/1956 – Bula da Criação da Diocese de Maringá – Papa Pio XII.

24/03/1957 – Instalação canônica da diocese e posse do 1º Bispo Diocesano – Dom Jaime Luiz Coelho.

15/08/1958 – Pedra Fundamental da Catedral – Pedaco de Mármore retirado das escavações da Basílica de São Pedro – Roma – Vaticano – Benta pelo Papa Pio XII – presença de Dom Manuel da Silveira D’Elboux – Arcebispo Metropolitano de Curitiba.

10/05/1972 – Término da Construção em concreto da Catedral.

16/10/1979 – Elevação da Diocese de Maringá à Categoria de Arquidiocese de Maringá – Posse do 1º Arcebispo Metropolitano – Dom Jaime Luiz Coelho – Presença do Senhor Núncio Apostólico – Dom Carmine Rocco.

03/05/1981 – Dedicção da Igreja Catedral Metropolitana.

21/01/1982 – Papa João Paulo II concede a Catedral o título de “Basílica Menor”.

07/11/1982 – Inauguração da “Praça da Catedral” – 8º Prefeito Municipal Dr. Sincler Sambatti.

25º Aniversário da Instalação Canônica da Diocese de Maringá.

- Jubileu de Prata –

1957 – 24 de março – 1982

“Cristo seja tudo em todos”.

Entre os aspectos que podem ser observados na placa, nota-se a fixação de datas comemorativas, além da forte evidência do nome de dom Jaime. Há destaque para a transcendência simbólica associada à pedra fundamental, retirada das escavações da Basílica de São Pedro, registrada em detalhes na placa, fato que reforça também a autoridade e a ligação do bispo e da Igreja local com a Cúria Romana. Além disso, aparece a gravação de uma sequência de acontecimentos que permeiam a trajetória de dom Jaime, sua posse como primeiro bispo e como primeiro arcebispo. Em relação ao templo, a cronologia das datas assinaladas também marca o seu processo de reconhecimento, tendo como ponto forte o título recebido pelo papa João Paulo II, tornando-se Basílica Menor Nossa Senhora da Glória⁴⁸. Por fim, a menção ao nome do prefeito Sincler Sambatti, pois a Praça da Catedral foi inaugurada durante sua gestão, no ano de 1982.

⁴⁸ Basílica Menor é um título honorífico concedido para um templo pelo Papa, seja pelo seu valor histórico, pelo fluxo e devoção de fiéis em seu interior ou pela beleza artística da obra. No caso da Catedral de Maringá, é bem provável que o último elemento tenha sido um dos motivos do reconhecimento papal.

Do lado direito, outra placa rende homenagem aos benfeitores da Catedral, com a citação de mais alguns nomes:

Catedral “Basílica Menor” Nossa Senhora da Glória. Maringá
Homenagem

Papa Pio XII.

Papa João Paulo II.

Dom Jaime Luiz Coelho – 1º Bispo Diocesano de Maringá.

Pe. Germano José Mayer, SAC – 1º Cura da Catedral.

Mons. Sidney Luiz Zanettini, Pároco atual e Reitor da Catedral Basílica.

João Amélio Coelho e Guilhermina Cunha Coelho – Genitores de Dom Jaime.

Dr. José Augusto Belluci – Arquiteto.

O Bom Povo – Benfeitores anônimos, cujos nomes Deus conhece.

Ênio Pipino – Presidente da Comissão de Construção da Catedral.

Américo Dias Ferraz – 2º Prefeito Municipal.

Dr. Luiz Moreira de Carvalho – 4º Prefeito Municipal

Operários Construtores da Catedral – ENORPA

25º Aniversário da Instalação Canônica da Diocese de Maringá

Jubileu de Prata

1957 – 24 de março – 1982.

“In Omnibus Christus”.

Nessa placa, encontram-se detalhes relevantes como, por exemplo, a hierarquia na citação dos nomes. Primeiramente, citam-se os papas; depois, o bispo maringaense; em seguida, os padres, e assim por diante. Chama a atenção do observador mais atento a referência aos nomes dos pais de dom Jaime, logo após os nomes dos sacerdotes e dispostos antes da referência ao arquiteto, ao povo, ao presidente da Comissão de Construção, aos prefeitos e aos operários. Vale ressaltar que apenas os nomes de dois prefeitos são homenageados nesta placa: Américo Dias Ferraz e Luiz Moreira de Carvalho, apesar de a construção da Catedral ter-se estendido por aproximadamente vinte anos até a sua conclusão, considerando todos os seus acabamentos finais, o que correspondeu a cinco diferentes gestões municipais. Aos benfeitores anônimos, ironicamente, as homenagens são entregues ao conhecimento de Deus, fato que, em certa medida, desobriga qualquer demérito aos inúmeros benfeitores que não fazem parte do seletivo grupo citado nas placas. Entre os membros da sociedade, como empresários, líderes comunitários ou pessoas com uma atuação orgânica na Igreja, somente aparece o nome de Ênio Pipino, como presidente da Comissão de Construção da Catedral. Por fim, nas homenagens, ocupando o último lugar na hierarquia simbólica e social, estão os operários.

As placas podem parecer simples, mas expressam uma versão acerca do processo social de construção da Catedral. Alguém fez uma opção seletiva ao registrar naquelas placas

uma memória que, necessariamente, não é capaz de medir com justeza a participação dos atores, homens e mulheres, num monumento como a Catedral. Ao contrário, o emplacamento da obra colabora com o processo de enquadramento da memória social (POLLACK, 1989). O que está inscrito nas placas é expressão do enquadramento da memória segundo a perspectiva da hierarquia católica de Maringá, mais especificamente, do ponto de vista de dom Jaime. Prova maior dessa evidência segue numa terceira placa, em que o bispo recebe a homenagem familiar, após seus 40 anos à frente da Igreja de Maringá:

Dom Jaime Luiz Coelho
1º Bispo Diocesano de Maringá
1º Arcebispo Metropolitano de Maringá
1957 – 24 de março – 1997
Nós, Irmãos e Irmãs de Dom Jaime,
Henrique Jupira
Amélio Odila
Sylvio Alice

Wanda

Queremos, com muito orgulho e um beijo fraterno, render homenagem ao nosso querido irmão, que, durante 40 anos como zeloso Pastor, nesta ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ evangelizou com sua palavra, edificou com sua vida e enriqueceu com suas obras, entre as quais esta majestosa CATEDRAL METROPOLITANA BASÍLICA MENOR NOSSA SENHORA DA GLÓRIA.

IN MEMORIAM

João Amélio Coelho – pai
Guilhermina Cunha Coelho – mãe
Waldomiro Arlindo
José Augusto
Geraldo Maria

“Cristo seja tudo em todos”.

Conforme se pode depreender por meio da leitura, nessa placa, os familiares de dom Jaime se sentem à vontade para citar seus nomes, assuntos que dizem respeito à vida particular da família Coelho, num templo de uso público, construído num ajuntamento das forças da sociedade. Tal homenagem deixa transparecer o forte apego de dom Jaime à tradição familiar e aos seus laços sanguíneos, bem como pela Catedral, à cuja história vincula-se e é vinculado. O mesmo pode observar quem visita o Seminário Maior Nossa Senhora da Glória, cuja construção foi liderada por dom Jaime. Nesse prédio, há uma foto da mãe do bispo, dona Guilhermina Cunha Coelho⁴⁹, exposto na parede do saguão de entrada. Aliás,

⁴⁹ Sempre apaixonado pela mãe, dom Jaime (2007, p. 96) escreveu-lhe uma declaração de amor, após sua morte, no dia das mães: “Foi o amor a Deus que a acompanhou nos seus 92 anos de existência, sendo para todos nós aquela força catalisadora para a nossa união. Foi o amor a Deus que, agora amando-O no céu por toda a

Guilhermina também nomeia o anfiteatro da Igreja Católica, na Avenida Tiradentes, próximo à Catedral. O culto à mãe e essa forte ligação com a família, parece estender-se à própria atuação de dom Jaime na Diocese, sempre defendendo a conservação dos valores da Igreja Católica e colocando-se como pastor e pai em sua condição de bispo⁵⁰.

O nome de dom Jaime foi, certamente, o mais citado nas entrevistas, embora tenha sido possível encontrar um número razoável de referências que contribuem com a relativização da supervalorização da sua ação individual. No entanto, cabe ressaltar, primeiramente, os aspectos que reforçam a centralidade de dom Jaime e a importância que lhe é atribuída pelo grupo de entrevistados.

5.3.2 O homem síntese: os laços de comprometimento com o legado de dom Jaime

Dom Jaime Luiz Coelho nasceu no dia 26 de julho de 1916, na cidade de Franca. Sua ordenação sacerdotal se deu na Catedral de São Sebastião, em Ribeirão Preto, no dia 7 de dezembro de 1941. Era Cura da mesma Catedral quando foi eleito o primeiro bispo da então Diocese de Maringá, criada pelo papa Pio XII, com a Bula *Latíssimas Partire Ecclesias*, de 1º de fevereiro de 1956, desmembrando-a da Diocese de Jacarezinho. Em 20 de janeiro de 1957, também em Ribeirão Preto, foi sagrado bispo. No dia 24 de março de 1957, foi acolhido com grande festa na cidade de Maringá, onde esteve durante quarenta anos à frente da Igreja, tornando-se uma das personalidades mais destacadas no meio social maringense, com uma forte atuação junto às lideranças locais.

Na história do processo de construção da Catedral, seu nome é reconhecido pelos entrevistados como o principal em grau de importância para o sucesso da obra. Dom Jaime se tornou uma espécie de homem síntese e modelo do protagonismo de toda uma comunidade local, uma interpretação que enfatiza os caminhos venturosos da cidade. A imagem de um bispo jovem, que aos 40 anos já assumia o desafio de organizar uma Diocese, no início, precária nas suas instalações, também se reflete nas muitas histórias e trajetórias de pessoas

eternidade, ainda nos conserva unidos – os irmãos e todos de nossa querida Família em torno de sua lembrança e do querido Papai”.

⁵⁰ Em Carta Pastoral, quando de sua chegada em Maringá, dom Jaime (2007, p. 37) assinalou: “Dentro da Diocese, na beleza da paternidade espiritual, embora haja aqueles que, juridicamente não se subordinam ao Bispo Diocesano, no entanto, considerada a vontade salvífica de Deus, ninguém está excluído das minhas solitudes, Católicos ou não, basta saiba terem sido remidos pelo Sangue de Cristo, a todos quero fazer chegar o afeto paternal do meu coração, para que ‘Cristo seja tudo em todos’. Pois sou o vosso Bispo”.

que vieram de outras cidades, naqueles anos, para Maringá, tais como, paulistas, mineiros, catarinenses, gaúchos, nordestinos, etc. Muitos desses indivíduos são hoje chamados “pioneiros”.

O bispo, que propagava em seus discursos a moralização da sociedade, sempre supervalorizando a importância dos valores familiares, do respeito às autoridades e do compromisso do cristão com a dinâmica da vida social, não tardou a conquistar uma grande aprovação social. Reconhecido como homem de personalidade forte, que se impõe na defesa dos valores que professa, a figura de dom Jaime é significativa nesta construção social do local. Quando se completaram os 50 anos de sua ordenação episcopal, em 2007, houve uma reedição da sua primeira Carta Pastoral. Em anexo, encontram-se congratulações ao seu jubileu de ouro. Entre elas, destaca-se a carta de seu irmão Sylvio Coelho, por reforçar elementos que vêm sendo retomados nas narrativas dos entrevistados. Ele destaca o caminho de superação e de sucesso da trajetória do religioso:

Dom Jaime trilhou os caminhos virgens, respirou o pó seco, pisou no barro vermelho destas terras dadivosas, que deram ricas recompensas a todos os que trabalharam com amor e com ardor, e mais, com esperança, esperança num futuro de realizações e de vitórias. E este futuro aconteceu. Hoje, os cidadãos de Maringá se orgulham de sua pujança, dos seus encantos, das suas belezas. E Dom Jaime também se orgulha, humildemente, do sucesso alcançado, e se enternece de carinho por todos os que o ajudaram, ajuda que foi decisiva na concretização das conquistas da Igreja Católica aqui radicada, conquistas que integram o Patrimônio de Maringá, fazendo-a mais rica em História e mais afortunada em realizações (COELHO, S., 2007, p. 93).

Tais marcas, que remontam aos anos iniciais de uma cidade que estava por ser construída, aliam-se à presença atuante do bispo, balizado na ideia de prosperidade social. Conforme já exposto, o grupo dos entrevistados apontou elementos que reforçam a liderança e a atuação de dom Jaime, destacando a construção da Catedral como o ponto forte de sua presença na cidade.

A chegada de dom Jaime a Maringá foi um momento expressivo para Ademar Schiavone. Ao lembrar esse fato, o jornalista o destaca como um marco na história da cidade:

Eu me lembro que eu era criança, ainda, eu já trabalhava em jornal, quando dom Jaime chegou, em 1957, março de 1957. Eu tava lá no meio daquela multidão enorme esperando dom Jaime, na praça, ali, quando ele chegou. É uma cena que você não esquece nunca e, realmente, eu nunca esqueci... Uma cidade com dez anos de fundação, não tinha, ainda, dez anos, nove anos, foi criado um bispado, então. De fundação, não. Era de criação de

Comarca. Com nove anos foi criado o bispado, dom Jaime assumiu antes de completar os dez anos. Isso era um marco histórico na religião, de muita importância para a cidade, também. Aliás, Maringá supera recordes, né? Foi fundada em 47, em 51 teve eleição pra eleger o seu prefeito, 52, né? Já elegeu o primeiro prefeito. Em 53, já era Comarca. Então, isso tudo numa velocidade muito grande (SCHIAVONE, 2010, p. 5).

A nomeação de dom Jaime para a nova Diocese, em Maringá, foi motivo de mobilização na cidade. Além de uma multidão à sua espera na sua chegada, Emílio Germani também destacou a organização de um grupo de pessoas influentes, que se deslocaram até Ribeirão Preto, para participar da ordenação episcopal do primeiro bispo para Maringá:

A cidade (*Maringá*) era grande, já tinha muita coisa que antes não tinha. Eu não vou descrever as coisas, mas, coisas essenciais a uma cidade, né? Aí, surpreendentemente, nomearam um bispo, aqui. Nós fomos os últimos que soubemos, os cristãos, aí, foram os últimos que souberam. Quem soube, naturalmente, foram as autoridades eclesiásticas, os civis. Então, foi feito um Município e foi nos proporcionado um bispo. Esse bispo era vigário da... Esse dom Jaime era vigário da Paróquia de Ribeirão Preto, uma grande Paróquia, né? Um grande... Uma grande cidade que é Ribeirão Preto. Aí, no dia... No dia que ele ia ser sagrado, lá, sagrado bispo, veio diversos bispos, diversos lugares, autoridades eclesiásticas. Eu aluguei, aqui, um avião da VASP, um avião da VASP. Um avião de 28 lugares e, depois, fui vender as passagens. E todos foram. E fomos, lá, assistir a sacração dele. Foi uma beleza porque ele conheceu a gente, conheceu as pessoas. E o prefeito foi junto. O prefeito era o Américo Dias Ferraz. Foi junto com a mulher dele (GERMANI, 2010, p. 63).

A surpreendente nomeação de um bispo para Maringá, fato destacado por Emílio Germani, logo deu início a uma profícua relação de cordialidade do religioso com as forças empresariais e políticas da cidade. Combinando interesses estratégicos, a Igreja participou ativamente na constituição um projeto hegemônico de cidade, o que contribuiu com a organização espacial, levando à formação de uma sociedade ordeira. A figura de dom Jaime, desde a sua posse, destacou-se pela força de sua liderança:

Agora, outro impacto, também, foi antes da Catedral. Foi o dia da chegada de dom Jaime. Aquele pátio da Catedral de madeira ficou... Mais de cinco mil pessoas estiveram lá. Foi no dia 10 de março de 57. Que ele chegou aqui. Se não me falha a memória, é isso aí: 24 de março de 57. Já no ano seguinte, ele já projetava a Catedral. Ele veio aqui com a... Ele veio como bispo, o papa nomeou ele como bispo. Então, ele veio aqui criar uma Diocese. Implantar Igreja, fomentar religião. Então, ele veio com uma carta branca (FREGADOLLI, 2010, p. 82).

De posse da “carta branca”, dom Jaime atuou e construiu sua liderança na cidade, de tal modo que mesmo o momento de sua chegada se constituiu em um fato significativo para os entrevistados. O bispo se associou às auguras da história do município. Sua recepção na cidade pode ser a medida daquilo que se estabeleceu na sua relação com a sociedade maringense. É desta maneira que a ex-professora Lourdes Orlandi Messias descreve a chegada do bispo:

[...] ele chegou aqui, ficou até se aposentar. E no dia que ele chegou em Maringá, não me lembro bem a data, mas, ele chegou e nós da Escola, da Escola Osvaldo Cruz... Foi até meio feriado, parou a cidade aquele dia, quando dom Jaime chegou. E a diretora foi ao Aeroporto, esperá-lo com uma comitiva de professora, secretária, foram até lá. E nós ficamos nas ruas... Na Avenida Brasil, com os alunos, com as bandeirinhas assim, para homenagear o novo arcebispo, que era o dom Jaime (MESSIAS, 2010, p. 119).

O impacto causado pela presença pioneira de dom Jaime na cidade é um indicativo do grau de sua influência para os entrevistados, para quem dom Jaime se torna uma personagem síntese. Nessa construção social que estabelece a edificação da Catedral como símbolo da força de uma cidade, de um povo unido e trabalhador que confia em Deus, ele é apresentado por meio de um sentimento de devoção.

Na posição de religioso, dom Jaime conseguiu estabelecer uma rede de influências que lhe proporcionou usufruir do privilégio de ser ouvido pelos diversos segmentos sociais. De acordo com a professora Polônia Altoé Fusinato, o bispo foi primordial para a animação e incentivo da cidade. Ao se referir ao significado da Catedral, ela destacou a atuação do religioso:

Olha, eu diria que pra cidade de Maringá (*a Catedral*) significa o... A energia positiva e o arrojo de dom Jaime, que ele era arrojado, ele era muito além daquilo que se tinha por aqui. Ninguém poderia dizer que era... Tinha mesmo estilo dele, de arrojar. Ele sempre queria mais pro alto, mais pra cima, mas, ele queria que fosse todos. Não era ele que queria ir lá. Ele ia e arrastava os outro junto. E ele arrastava a comunidade católica, ele arrastava a sociedade. Ele arrastava... Ele era respeitado como uma pessoa que pensava no bem comum... Ele queria que Maringá fosse elevada pro alto, que Maringá crescesse com a fé, com a alma, com espírito e com a potência que tinha. Porque ele enxergou, desde o começo, o potencial da região inteira. E, isso... E isso, ele viu. Então, o que ele queria representar era uma energia pra cima. Era a ideia do alto como Deus lá e nós subindo com ele. Era essa a ideia. Ele nunca teve a ideia de ser monumento de... É... Arquitetônico, pra ninguém ficar vendo, porque era o mais alto... Então, socialmente, ela tem um sentido muito diferente do que as pessoas veem. Não é um sentido de orgulho e de grandeza. Não é isso. E a gente pode afirmar porque nós vivemos muito próximo dele, o tempo inteiro. Dom

Jaime era uma pessoa que a gente admirava pela energia que ele tinha, pela... Pela influência boa que ele exercia, pelo bem que ele queria às pessoas e o que... O bem que ele queria que as pessoas alcançassem (FUSINATO, P., 2010, p. 96-97).

Ao reiterar as qualidades pessoais do bispo, a entrevistada procura interpretar o significado da construção do templo a partir das ideias de bem comum, de crescimento da comunidade, sinalizando para a potencialidade da região. Ela encontra na Catedral a materialização do desejo e da energia positiva de dom Jaime, que atuava em prol do crescimento pessoal de todos. Segundo a narrativa, não se trata de um símbolo de orgulho e de grandeza, mas sim, do espírito e da alma de uma comunidade que se eleva até Deus. Porém, mesmo negando o sentido triunfal da obra, ao idealizar o bispo e as potencialidades do local, num movimento rumo aos céus, a entrevistada fortalece ainda mais a ideia de destino cumprido, ou seja, que o bispo visionário contribuiu para o caminho de realizações de toda uma cidade. Tal leitura se torna possível ao se atentar para as características vinculadas ao arrojo e à energia positiva do religioso, representadas na construção da Catedral.

O respeito ao bispo, tão presente nas narrativas, reforça o seu poder de aglutinação social. Em geral, as pessoas preferiram reforçar o poder de influência de dom Jaime. Questionado acerca dos maiores desafios que foram enfrentados durante a construção da Catedral, monsenhor Gerhard deslocou a questão para ressaltar o empenho do bispo:

Acho que tudo é um desafio, como um todo. Para dom Jaime, sobretudo, né? Mas, ele fez com coragem. Dom Jaime é um homem corajoso, de ideias abertas para coisas grandes e não é, assim, com ideias pequenas, não. Dom Jaime, eu conheço ele bem de perto e de... A mim, encanta a pessoa dele porque, afinal das contas, ele foi líder de toda essa obra e se não fosse ele, acho, não estaria desse jeito, aqui. Porque alguém tem que ser o maestro de tudo isto e ele foi o grande maestro dessa obra, né? (SCHNEIDER, 2010, p. 140).

Dessa maneira é que dom Jaime foi sendo representado pelos entrevistados, sempre ressaltado em suas qualidades e em virtude de sua dedicação em prol da Igreja e da cidade. A prudência dos entrevistados também ficou nítida, visto que omitiram, em geral, possíveis desavenças ou conflitos, acentuando aspectos que engrandecem a relação do bispo com a comunidade e a sua atuação na construção da Catedral. Portanto, torna-se legítimo citar uma série de pequenos excertos que evidenciam a legitimação social do bispo:

Então, quando dom Jaime lançou a ideia, a cidade aceitou a ideia, contribuiu e participou dessa ideia... (SCHIAVONE, 2010, p. 2).

Mas, o que eu quero destacar é o excelente trabalho de dom Jaime. Contribuiu, não somente na construção da própria parte física da Catedral, ali, no Maringá Novo... Mas, eu gostaria de voltar a destacar o excelente trabalho que dom Jaime fez, não somente nessa parte religiosa e tal, mas, na parte educacional também, né? Na instalação de nossa Faculdade, aqui, em Maringá. Na instalação da nossa própria Universidade, mais tarde, aqui. E dedicado sempre a educação (GOMES, 2010, p. 9).

O dom Jaime trabalhou, como se diz? De uma forma totalmente dedicada a essa Catedral. Ele, com o prestígio de bispo, ele tinha facilidade de chegar nas firmas e pedir ajuda para construir. (SANCHES, 2010, p. 13).

Agora, eu acho que o envolvido principal, mesmo, foi dom Jaime, né? Que foi... O ideal dele era construir a Catedral como ele queria, ele pensava, né? Então, ele era o homem mais importante, que foi na história (RAMALHO, 2010, p. 17).

A Catedral, o artífice, mesmo, foi o dom Jaime, né? Ele que era o bispo. Ele que criou o monumento da Catedral, ele que tinha como objetivo a construção da Catedral. E ele teve a sua Catedral num tempo, acho, muito mais breve do que ele imaginava (*risos*) (SANTOS, 2010, p. 21).

O dom Jaime Luiz Coelho chegou aqui, em 1957, foi quando ele sonhou em construir uma Catedral. O nosso primeiro bispo e único bispo, e primeiro arcebispo. (MANICARDI, 2010, p. 33).

Aí, você não pode deixar de falar do grande nome da Catedral, que foi o nosso primeiro bispo, o nosso primeiro arcebispo de Maringá, o dom Jaime Luiz Coelho. Ele foi o grande mentor da Catedral, tanto no desenho, quanto na... No acompanhamento da obra e na finalização da obra. Foi o dom Jaime. Mas, ele conseguia aglutinar em torno de si, todas as lideranças da cidade, lideranças evangélicas, inclusive (LIMA, 2010, p. 47).

Só sei que foi um empenho muito grande do dom Jaime Luiz Coelho, que era o nosso bispo. E ele, então, trabalhou bastante, como eu te disse, com os políticos da época, né? Que nossos políticos eram realmente... Tavam enfiados em construir e que essa cidade crescesse como cresceu e como é a nossa cidade, agora (SILVA, E., 2010, p. 59).

[...] inicialmente, o interesse de dom Jaime. Lógico, se não fosse ele, não fazia... E o dom Jaime é o que é o inabalável, a fé dele, a vontade, toda... (LOPES, 2010, p. 109).

A Catedral é um... Só o dom Jaime mesmo, viu? (*riso*) Precisa ser peitudo pra fazer um negócio desse, viu? (CANTADORI, 2010, p. 134).

A apresentação desse panorama de narrativas, que apoia na figura de dom Jaime, possibilita a afirmação de que há uma representação hegemônica que assegura ao bispo um papel central na história da construção da Catedral e na força social que obra tem para a cidade. Conforme se percebeu, o bispo foi sendo apresentado como uma espécie de demiurgo para a efetivação do projeto da Catedral.

Por fim, destacam-se entre os depoimentos os estreitos vínculos de amizade entre o bispo e o casal Silvio Iwata e Eiko Sugumoto Iwata, os quais aprofundaram uma longa amizade desde que o casal chegou a Maringá. Vindos da cidade de Cornélio Procopio, porém, descendentes de japoneses, nascidos na cidade de Promissão, Estado de São Paulo. Eles moram na cidade há cinquenta anos e se desenvolveram fortemente no setor imobiliário. Eiko revelou um pouco da fidelidade do casal ao bispo:

[...] tudo o que dom Jaime queria, a gente fazia, toda hora. Até hoje, toda quarta, o Silvio vai na casa de dom Jaime, assiste a missa e toma café com ele. Toda quarta até hoje! Desde aquela época, que a Igreja era de madeira. Aí vai... Começou a construção da Catedral, né? Desde aquela época, a gente vem seguindo até hoje. Quanto tempo faz, né? (IWATA, E., 2010, p. 150).

Fica evidente que o legado de dom Jaime permanece vivo na memória dessas pessoas que acompanharam de alguma forma a sua atuação ao longo de seus 40 anos de bispado. Algumas delas tiveram mais proximidade com o bispo; outras, menos, mas, independentemente disso, impressiona o consenso social em torno da imagem do religioso, sempre associado à história de uma cidade que se desenvolveu rapidamente, sendo a Catedral uma das marcas de seu progresso. Porém, cabe lembrar que, para a construção da Catedral, foi imprescindível o trabalho profissional e artístico de um arquiteto. Mesmo que tal personagem pareça bastante ofuscado, diante do comprometimento social dos entrevistados com o bispo, é necessário discutir a autoria da obra.

5.3.3 Da autoria da obra: o fator Sputnik

Em geral, as grandes construções, os prédios de destaque no cenário urbano de uma cidade acabam por consagrar o nome de seus arquitetos, homens que traçam linhas, que colocam no papel sua inspiração, não só como profissionais da arquitetura, mas também como artistas. No Brasil, por exemplo, Oscar Niemeyer é certamente um dos arquitetos mais

conhecidos popularmente, principalmente, por ser o responsável pelos traços arquitetônicos de Brasília, a capital brasileira. Esse seria também o desfecho mais comum para o caso da construção da Catedral, cujo arquiteto responsável foi José Augusto Bellucci. Sendo a Catedral descrita como o principal monumento da cidade, ele poderia ter alcançado maior visibilidade na cidade e região como o principal autor da obra, bem como de outros prédios da cidade, mas seu nome parece ofuscado perante a atuação social, política e religiosa de dom Jaime.

Trata-se, portanto, de problematizar a questão do reconhecimento autoral da obra. Talvez essa questão passe despercebida por parte da maioria das pessoas, porém, no campo profissional dos arquitetos pode ser considerado um assunto sensível e digno de reparação. Embora o nome de José Augusto Bellucci esteja inscrito em placa interna do prédio da Catedral, sua importância para a construção e sua influência no cenário urbano de Maringá parece não ter recebido, ao longo dos anos, o reconhecimento merecido. Aqui, cabe lembrar que foi por meio da Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade de São Paulo, com o título *A obra de José Augusto Bellucci em Maringá* (VERRI JÚNIOR, 2001), que ficou clara a influência que o arquiteto possui nas construções da cidade, já que as tímidas menções de seu nome nas entrevistas não foram capazes de dimensionar.

Segundo Verri Júnior (2001), o arquiteto nasceu em São Paulo, no ano de 1907, onde se formou em Arquitetura pela Escola de Belas Artes e, posteriormente, manteve seu escritório na capital paulista, até o ano de seu falecimento, em 1998. Na cidade de Maringá, ele foi responsável pelos seguintes trabalhos: o Grande Hotel Maringá; o antigo Aeroporto de madeira; o Maringá Clube; a Catedral; a Praça Napoleão Moreira da Silva; a Praça Dom Pedro II, que fica defronte a Catedral; a Praça Regente Feijó, na Vila Operária, e a Praça das Caravelas, hoje, Praça Pedro Álvares Cabral, além do Cemitério Municipal, de parte da Prefeitura e do Teatro Municipal. No entanto, há que se ressaltar que nem todas essas obras foram absolutamente construídas de acordo com o planejamento do arquiteto, sem contar de algumas que sofreram intervenções ao longo dos anos.

Tais trabalhos, solicitados ao arquiteto, demonstram a sua marca na cidade. Seu primeiro contato com Maringá foi intermediado pela CMNP que, por meio de seu diretor-gerente, Hermann de Moraes Barros, nos anos 50, solicitou a sua atuação para a edificação do Grande Hotel. No entanto, certamente a Catedral de Maringá é a obra mais importante que ele realizou na cidade. Não obstante, não viu sua obra concretizada de acordo com todos os detalhes previstos no seu planejamento. Em suas pesquisas, Aníbal Verri Júnior teve contato

direto com o escritório e desenhos de Bellucci. A respeito da construção da Catedral, destacou:

Por desentendimento do arquiteto e o bispo, resultando no afastamento do autor da obra com direito à carta pública veiculada em jornais da cidade, a obra não foi concluída conforme as especificações de projeto, ficando os vitrais, mobiliário, e detalhamento do entorno muito alterados (VERRI JÚNIOR, 2001, p. 48).

Portanto, um arquiteto refinado como Bellucci, que primava pelo cuidado e o acompanhamento dos pequenos detalhes de seus trabalhos, deve ter-se sentido ferido em seu orgulho profissional, por não ver plenamente respeitadas todas as especificações de seu projeto. Bellucci fazia questão de acompanhar os mínimos detalhes de suas obras, conforme se verificou no caso do Grande Hotel Maringá, em que se preocupou até mesmo com “o desenho de móveis, luminárias, rouparia, escolha de talheres, etc.” (VERRI JÚNIOR, 2001, p. 38).

O engenheiro Antonio Almir dos Santos, responsável pela fase final da construção da Catedral, fez uma alusão a respeito da mencionada discordância com o arquiteto:

Houve, aí, uma discussão entre o arquiteto e nós que tomávamos o direcionamento junto com o Padre Sidney sobre o tipo de vitral. Porque esses vitrais que são, hoje, parece que eles são um pouco menores, os quadros, do que o projetado pelo arquiteto. E o arquiteto, então, aí, ele não concordou muito com a modificação do tamanho dos vitrais, né? Mas, acabamos fazendo assim mesmo (SANTOS, 2010, p. 22)

Nas palavras de Santos, nota-se que as decisões tomadas pela equipe de construção estavam em desacordo com o plano inicial do arquiteto que, provavelmente, prezava pelo desfecho final da construção em acordo com o que planejava. No que concerne à controvérsia a respeito dos vitrais que fugiram dos padrões originais da obra, o arquiteto Edgar Osterroht comentou:

É um vidro de dez centímetros de grossura, né? Isso, eu dou razão a dom Jaime, quando foi finalizada a Catedral. Porque esse aqui, esse vidro, ninguém consegue quebrar. Porque esses vidros de todos os outros igrejas e Catedral, onde eu participava, em construção, onde foi chamado pra ver, lá, Rolândia, Arapongas, uma coisa. Eles têm vitrais e esses vitrais, quando tem uma revoluçãozinha ou quando tem esses moleques, às vezes, quando estão com raiva da Igreja, eles pegam pedra e quebram uma preciosidade desta. E pra recuperar isso, é caríssimo, né? Compreendeu? Agora, o nossa, você

pode jogar tijolo em cima desses vitrais, eles não vão quebrar, né? (OSTERROHT, 2010, p. 51).

Edgar expõe justificativas que endossam a decisão de dom Jaime e da sua equipe de apoio para a escolha do modelo de vitrais, em detrimento do que fora planejado pelo autor da obra, o arquiteto José Augusto Bellucci. Porém, nas considerações da ex-secretária de monsenhor Zanettini é que se encontra, de forma acentuadamente descompassada, a visão sobre o papel desempenhado pelo arquiteto. Perguntada a respeito da frequência de conversas entre Zanettini e Bellucci, ela comentou:

Não conversavam muito, não. Depois que ele contratou o doutor Almir pra fazer a execução da obra, daí, então, era tudo o doutor Almir. Com o José Bellucci era pouca coisa que eles conversavam. Que o doutor José Bellucci, o problema dele era só dinheiro. Nós tinha que dar dinheiro porque quando ele tinha feito o projeto, então, ele era o dono do... Né? Foi ele e o dom Jaime que fizeram, né? Então, aí, o dinheiro ia pra ele. Então, além de arrecadar dinheiro com dificuldade, ainda tinha que pagar ele, que não fazia... Não é que não fazia nada, mas, ele podia ter dado mais assistência, né? Mas, ele não dava (FORNAZIERO, 2010, p. 127).

Esse depoimento evidencia uma incompreensão acerca da importância do trabalho do arquiteto. Sendo uma das poucas referências a Bellucci, a narrativa demonstra uma intolerância e um desconhecimento acerca do papel desempenhado pelo arquiteto para a construção da Catedral e de outras obras da cidade. Já Lia Sambatti referiu-se a um encontro que ela e seu marido, Sincler Sambatti, tiveram com o arquiteto, em seu escritório, em São Paulo:

Nós fomos no escritório dele e eu me lembro tão bem, que o meu (*marido*) até disse assim: “Olha só! O Bellucci não quer fazer uma... Uma parte da fiação, da parte elétrica, porque diz que quando for terminada, essa Catedral...” Ele achava que ia levar cem anos pra fazer a Catedral. “... já existirão outros mecanismos pra iluminação e tudo.” Por isso que as coisas todas, ali, são todas aparentes e você vê, ele tinha uma ideia e a gente vê, agora, que muitas construções, o pessoal está fazendo, realmente, a parte de fiação e hidráulica, aparente, para evitar, para que se identifique logo se tem algum problema e que lugar que é aquele problema. Ele tinha razão, né? Ele tinha uma ideia e o avanço da parte de engenharia provou que, embora, de um lado, por outro raciocínio, ela também ficou válida porque assim é muito mais fácil fazer a devida manutenção (SAMBATTI, 2010, p. 112).

De acordo com a entrevistada, a expectativa de Bellucci para o encerramento das obras não harmonizava com a opinião das demais pessoas. Ao se atentar para o fato de que o arquiteto já havia sido convidado para desenvolver trabalhos anteriores para a CMNP e que,

provavelmente, conhecesse um pouco do ritmo de crescimento da cidade e do ciclo inicial da produção de café, constata-se uma incoerência sustentar que o mesmo fizera uma previsão de cem anos para o término da Catedral. Embora Bellucci fosse um homem respeitado no seu meio profissional, não recebeu, nas entrevistas, um reconhecimento proporcional ao que realizou pela Catedral e pela cidade. Se comparado com o ufanismo de todas as narrativas acerca da Catedral e de dom Jaime, pode-se afirmar que o silêncio a respeito do trabalho do arquiteto foi uma nota que destoou do conjunto.

Dessa maneira, ao se considerar de que maneira se processou a total transferência do reconhecimento público da autoria da obra para dom Jaime, em detrimento do trabalho de José Augusto Bellucci, nota-se a eficácia simbólica do fator *Sputnik*. Conforme já se afirmou, a história contada pelo bispo é a de que encontrou, em um jornal, a foto de um *Sputnik* e, ao traçar em sua superfície uma cruz, imaginou como seria a Catedral. Tal versão se popularizou, transferindo para dom Jaime o primado sobre a obra. De fato, em 04 de outubro de 1957, a antiga União Soviética havia lançado ao espaço o primeiro satélite artificial, numa série que completaria o número de 10 *Sputniks* até a sua mudança de nomenclatura. Ao saírem na frente dos Estados Unidos, os russos provocaram impactos profundos na corrida espacial:

A designação completa do Sputnik em russo era *Iskustvenyi Sputnik Zewli*, ou companheiro artificial da Terra. Apesar da simplicidade do Sputnik 1, o impacto de seu lançamento ressoou por todo o planeta. Assim, do ponto de vista histórico, o Sputnik além de marcar o início da era espacial, também foi responsável pelo início de uma fantástica corrida espacial entre soviéticos e americanos que levou o homem à Lua menos de 12 anos após seu lançamento (WINTER; MELO, 2007, p. 28).

O lançamento do *Sputnik 1* foi marcado por uma grande repercussão mundial, fato noticiado como um momento importante na história da conquista do espaço pelo homem. E, nesse sentido, na história da construção da Catedral de Maringá, o fato de dom Jaime relacioná-la a tal evento - uma vez que o lançamento de sua pedra fundamental se deu no dia 15 de agosto de 1958, menos de um ano após o lançamento do primeiro *Sputnik* - selou uma força simbólica que se tornou popularmente conhecida por parte dos entrevistados. Se o lançamento do *Sputnik* está relacionado ao desenvolvimento e progresso humano, a Catedral, devido a seu formato diferenciado, também passa a ser interpretada como uma obra pioneira no desenvolvimento de uma cidade que se destaca no interior do Estado do Paraná, avançando com progresso e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que se eleva a Deus. Assim como o *Sputnik* sobe ao alto, a Catedral eleva as pessoas, aproximando-as de Deus.

Embora, especificamente, nem sempre os entrevistados saibam o que significou historicamente o lançamento deste satélite artificial, o *Sputnik*, ao menos estão certos de que foi o elemento principal que deu a dom Jaime a inspiração para a obra. Eles colocam em primeiro plano o protagonismo do bispo:

A Igreja Velha não comportava nada. Só tinha a Igreja como se fosse uma capela. O bispo disse: “Precisava fazer um negócio, aqui, pra...” Primeiro ele arrumou... Ele comprou um terreno e fez uma casa, aqui, em cima, na rua... Uma rua aqui em cima, perto do Santa Rita. E, depois, inventou fazer a Igreja. Fazer uma Igreja, uma Catedral. Então, ele andou pesquisando, pesquisando e, por fim, estourou na cabeça dele, o *Sputnik*, né? Que foi pro... Era, naquela época, que ele... Que ele foi pra... Então, é que ele queria fazer uma Igreja daquele tipo assim, que vai pra cima, né? (GERMANI, 2010, p. 63).

É digno de nota o fato de que, para o entrevistado, a autoria da construção se deve à inspiração pessoal do bispo, ou seja, originou-se da cabeça dele. É muito forte, nas entrevistas, a expressão da imagem de dom Jaime pensando, tomando as decisões, indo a frente. A história do *Sputnik* acompanhou as narrativas, dando sentido à construção da Catedral, mesmo que, conforme já ressaltado, os entrevistados não tenham clareza em relação ao que liga efetivamente a história do templo com o *Sputnik*. Assim, os trabalhos iniciais de dom Jaime são referenciados pela história do satélite:

[...] dom Jaime quando chegou já falava em construir uma Catedral nova. E dois anos depois que ele aqui chegou, ele iniciou um processo de lançamento da ideia pública, contratou o arquiteto que construiu a maquete, construiu a ideia geral de como fazer a Catedral baseada no *Sputnik*, o primeiro... Como é que é?... Não era bem satélite. A primeira nave espacial que subiu, né? O *Sputnik* russo. E a Catedral se assemelha a ele... Dom Jaime se baseou... E a sociedade de Maringá vivia, então, como sempre viveu, uma época de euforia, né? Estávamos no auge do café, com muito dinheiro (SCHIAVONE, 2010, p. 2).

Nessa narrativa, mais uma vez, percebe-se a apresentação central de dom Jaime como aquele que lança a ideia pública, seguida da referência à sua inspiração, juntamente, com um comentário final, que remete a uma concepção de cidade de perene sucesso, eufórica e com muito dinheiro. Além disso, como já mencionado em outro momento ao longo deste trabalho, monsenhor Gerhard volta a enfatizar o papel do bispo como o maestro da obra:

E o grande maestro de toda essa obra, sem dúvida, é dom Jaime. Afinal das contas, ícone de Maringá, né? E através do comando dele, desde o início, foi

ele que teve essa grande inspiração. Naquele tempo, era o tempo de *Sputniks*, né? Ele se inspirou e daí surgiu essa obra gigantesca que temos hoje. E é uma obra admirada pro homens do mundo, aqui (SCHNEIDER, 2010, p. 139).

Sempre que os entrevistados mencionam a influência do *Sputnik* para a construção da Catedral, a ideia aparece associada com a atuação de dom Jaime. Eis aí uma prova do quanto a história do satélite rendeu notoriedade ao bispo. Nesse caso, palavras como *inspiração*, *comando* e *maestria* reforçam a imagem do bispo, demonstrando a profunda admiração que, segundo monsenhor Gerhard, a Catedral exerce sobre as pessoas. Em sua entrevista, Jorge Fregadolli também destacou a inteligência do bispo:

[...] em 1958, ele projetou a futura Catedral porque era o ano do *Sputnik*, aquele pessoal que viajava pra lua em forma de cone. Então, ele, um homem muito inteligente que ele era, rabiscou no papel e logo contratou o arquiteto para produzir a arte que, realmente, ficou uma beleza (FREGADOLLI, 2010, p. 78).

À medida em que vão sendo apresentadas as referências que associam a Catedral ao satélite russo, sem ao menos precisar negar a importância de Bellucci, os merecimentos pela autoria da obra se deslocam para dom Jaime, permanecendo viva a ideia divulgada pelo bispo acerca de sua inspiração. O significado simbólico do templo é, então, apresentado por alguns entrevistados como a extensão daquilo que dom Jaime imaginou para a obra:

[...] dom Jaime se espelhou no *Sputnik* que foi aquele... É... Aquele determinante de se chegar à Lua, né? E, de fato, dom Jaime, nesse *Sputnik*... Porque ele era aquele que subiu rumo ao céu, né? E o interesse de dom Jaime era fazer com que houvesse, aí, alguma coisa apontando para o céu. E a Catedral foi esta coisa que aponta para o céu porque ela foi feita numa forma de... De... Cone. Forma de cone. E até as suas... É... Os seus vitrais, embaixo, também, ela aponta para os céus. Vê que elas são feitas com pontiagudas, as capelas ao redor. E, tudo isto, apontando para o infinito, lembrando que, lá em cima, nós temos um Deus que nos guia, aqui, na terra. Então, é, o sentido da forma do monumento... (SANCHES, 2010, p. 14-15).

A transformação de um símbolo dos avanços espaciais russos nas formas da Catedral assume um significado religioso, expresso na busca por Deus e no anseio do homem pelo céu, local metaforicamente entendido como a casa de Deus, o lugar divino. Arnoldo Ribeiro de Campos também aludiu ao sentido religioso da construção:

[...] é interessante que observa-se essa síntese de um cone, com as aletas e uns furadinhos, lá encima. Isso por quê? Depois, veio a explicação: que as aletas e o cone é o corpo do foguete. Lá em cima, onde aponta para o infinito, Deus, e o modo lunar é o módulo do foguete. É o módulo do foguete. Então, ele espeda, ele sai pro espaço e, lá encima, ele desprende. É o módulo do *Sputnik*. Então, esse... Esse é o projeto, mas aponta para o infinito, que é Deus. Então, essas doze aletas, doze aletas, ali, são os doze apóstolos e tem na frente a Nossa Senhora (CAMPOS, 2010, p. 37).

Para o jornalista Cezar Augusto de Lima, além do sentido emprestado do *Sputnik*, a Catedral também pode ser vista como duas mãos interpostas, em sinal de agradecimento a Deus:

Na concepção do dom Jaime Luiz Coelho, a Catedral foi baseada no *Sputnik* russo, não é? E ela, também, tem o sentido de... Que as mãos estão entrelaçadas, não é? O cone da Catedral significa, também, que as mãos estão entrelaçadas, voltadas para o alto, né? Que é uma cidade, então, dando graças a Deus, todos os dias, e levando suas mãos aos céus, né? Agradecendo pela... Pela... Pela vida. O dom da vida, né? Porque esse é o sentido da Catedral (LIMA, 2010, p. 47).

O que chama a atenção na narrativa é a imagem que o entrevistado constrói: uma cidade inteira rendendo graças a Deus, todos os dias, com as mãos voltadas para o céu. Como aparece nos outros depoimentos, a imagem do alto, do céu, do infinito, torna-se um anseio comum, que traz consigo unidade para a vida da cidade. O alto se apresenta como meta a ser alcançada, algo significativo no depoimento de Polônia:

[...] o *Sputnik*, que eu te falei, a ideia dele (*de Dom Jaime*), que tinha que ser pro alto. É a ideia do grandioso. Do grandioso, não por orgulho, mas, pela fé, pela energia boa pra ser um marco bom pra cidade. É neste sentido que ele colocava. Era o tempo inteiro, que ele incentivava todo mundo. Era com o espírito: “Que nós podemos fazer, nós vamos fazer.” Isso ele falava sempre (FUSINATO, P., 2010, p. 96).

A força simbólica do *Sputnik* fica nítida no espírito apregoado nas expressões: *nós podemos fazer*, *nós vamos fazer*, usadas pela entrevistada. Segundo Abner Cohen (1978, p. 38): “Símbolos são objetos, atos, conceitos ou formas lingüísticas que acumulam *ambiguamente* vários significados diferentes e que simultaneamente evocam emoções e sentimentos, impelindo os homens à ação”. Neste sentido, a Catedral se transforma no resultado de um desejo do bispo, abraçado coletivamente, configurando-se num entendimento acerca do modo de ser e atuar no local.

Por esse ângulo, pensar a questão autoral da Catedral centrada na figura de dom Jaime é, portanto, interpretá-la a partir da propagada história do *Sputnik*. Ela ganhou lugar especial na memória dos entrevistados, contribuindo para reforçar a simbologia instaurada pelo bispo. Quanto ao papel desempenhado pelo arquiteto José Augusto Bellucci, embora absolutamente inegável, tanto na Catedral como em outras obras públicas, permanece opaco diante da força local do bispo. De qualquer modo, parece inegável que a Catedral se apresente como uma obra de todos.

5.3.4 A obra de todos por todos



Foto 6: No interior da Catedral Nova: o povo se reúne sob a liderança de dom Jaime e monsenhor Zanettini.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero.

O processo de construção da Catedral foi apresentado pelos entrevistados como o resultado da união dos vários segmentos da sociedade maringaense. Em outras palavras, ela não é apenas uma obra que atende aos interesses de uma religião, visto que sua materialidade se deveu também aos meios empresariais e políticos, bem como aos demais segmentos sociais. A Catedral é apresentada como resultado do trabalho de uma cidade, o que lhe confere uma aura de entusiasmo e dedicação durante o processo de edificação. Assim, as interpretações favorecem a imagem de um povo solidário e trabalhador, e que unido,

conseguiu levar adiante a obra. Ela se apresenta como fruto de uma conquista da sociedade maringaense.

O jornalista Cezar Lima, por sua vez, destacou a solidariedade existente na sociedade maringaense. Para ele, a construção da Catedral resultou dessa união, da formação de um espírito solidário que permaneceu presente nos vários segmentos sociais:

[...] acredito que foi de... de muita importância o espírito, também, da comunidade de Maringá. Que a comunidade de Maringá, toda ela, é muito solidária. Quando se tratou da construção da Catedral, todos os segmentos evangélicos e religiosos participaram da construção porque todos eles queriam erguer, porque seria um símbolo da cidade, né? Na visão de dom Jaime, a Catedral foi formada em forma de um *Sputnik*, que era um foguete da Rússia, da época, né? Então, todo mundo queria o melhor pra cidade e a cidade toda colaborou, como colabora até hoje. Maringá é uma cidade solidária [...] Maringá, hoje, tá com 63 anos. Maringá sempre foi uma cidade solidária para obras de benemerência, para obras cristã. Então, Maringá, todas as... Os seus órgãos de serviços: Rotary, Lions, né? Entidades assistenciais, todo mundo se irmanou em torno da Catedral. Foi uma obra católica, né? Uma obra de vulto (LIMA, 2010, p. 45, 47).

O depoimento de Lima reitera a conjugação de interesses em benefício da cidade. Ele apresenta a imagem de uma comunidade consensual e harmônica, que preza por objetivos comuns em favor de todos. A Catedral é, assim, entendida como uma construção em favor de todos. É o resultado da força de uma cidade, que é capaz de unir interesses diversos. Portanto, para Lima, esse espírito solidário é perceptível na adesão dos grupos ao projeto de construção da Catedral. Entre as diversas colaborações, a participação dos políticos, dos cafeicultores e dos empresários foi destacada como primordial durante a fase de construção.

5.3.4.1 A participação das lideranças políticas

Dom Jaime foi apresentado como um homem que atuou em busca do bem comum. Durante seus anos de atuação, defendeu bandeiras políticas que estavam em sintonia com os interesses das lideranças locais. Em nome dos interesses da instituição eclesiástica e do desenvolvimento da cidade, ele angariou considerável vigor político no meio social. A respeito da sua relação com a liderança política da cidade, a professora Polonia considerou:

Na verdade, eles (*os políticos*) tinham muito respeito porque dom Jaime era um líder, sem sombra de dúvida. Ele liderou até o... *Marcha com Deus pela liberdade*, na época do... Ele liderou muito isso aí e, também, uma passeata que ia até Brasília, que ele... Na verdade, existia uma separação política muito grande entre o Sul do Paraná e o Norte. O Norte era o pé vermelho, pé rachado, que só trabalhava e lá levava as vantagens. Eles não faziam nada pra cá, os governos. Não tinha estrada, não tinha escoamento de safra. Era um problema sério, aí. Dom Jaime botou muito a cara na frente. Então, isso, que ele fez politicamente, ele tinha uma... Uma liderança sobre as pessoas. Ele tinha uma comunidade muito grande, que envolvia. Os políticos, daqui, se envolviam com ele por conta da política, da força política que ele tinha. Mas, na construção da Catedral era aquela história de fazer o social, sabe? Fazer média (FUSINATO, P., 2010, p. 90).

Respeitado como pessoa atuante, dom Jaime atraía o interesse dos grupos políticos, que viam no religioso uma força social muito grande. Nesse sentido, a participação de políticos no processo de construção da Catedral é inegável, embora permaneçam esquecidos, relegados ou ocultados nos depoimentos de muitos dos entrevistados. Mesmo na placa de homenagens, no interior da Catedral, já há menção ao nome dos prefeitos Américo Dias Ferraz e Luiz Moreira de Carvalho. E em outra, que faz menção à inauguração da Praça da Catedral, consta o nome do Prefeito Sincler Sambatti. É certo que a sociedade política, de modo geral, contribuiu com a obra. Para o jornalista Ademar Schiavone, os políticos tiveram uma grande participação na construção:

Olha, eu acho que os políticos, os prefeitos, vereadores, deputados por Maringá, eles participaram ativamente da construção da Catedral, aceitaram a ideia, encamparam a ideia e deram todo o apoio necessário. Dom Jaime era amigo pessoal do governador Ney Braga, que assumiu em 1960 (*na verdade, 1961*). O Ney era um homem católico, bastante católico, amigo pessoal de dom Jaime, e ele deu como governador, depois, como ministro, um apoio enorme para que a Catedral pudesse receber verbas a nível estadual, a nível federal, para sua construção. Então, alguns políticos, embora fosse até adversário de dom Jaime: o João Paulino, ele ajudava porque sabia da importância de Maringá. Depois, o doutor Luiz Carvalho, o doutor Adriano, o Silvio pai, que foi prefeito, eles que foram da época da construção, esses quatro, eles participaram ativamente dessa construção da Catedral (SCHIAVONE, 2010, p. 3).

Amigo íntimo de alguns, divergente político de outros, dom Jaime é apresentado como um líder que dialogava e conquistava apoio político em prol de interesses considerados maiores, porque visavam ao bem de Maringá. É plausível observar que os interesses locais são sempre apresentados acima de qualquer divergência política. Os entrevistados procuram esvaziar as relações de conflito, referindo-se a uma cordialidade que, em se tratando de política, sustenta-se com muita dificuldade.



Foto 7: Dom Jaime com o livro em mãos; monsenhor Zanettini, de túnica branca tendo, ao seu lado, o prefeito Adriano José Valente.

Fonte: Arquivo Pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero.

O jornalista Jorge Fregadolli demonstrou a minimização dos conflitos ao analisar a contribuição dos prefeitos para a construção da Catedral. Quando se referiu à relação conflituosa entre dom Jaime e o prefeito João Paulino, fez uma rápida mudança de assunto:

O prefeito Adriano Valente, que foi o prefeito final, né? Ele... Ele ajudou muito a Catedral. O prefeito João Paulino, também. Embora fosse brigado com dom Jaime (*risos*). Eles não tinham o mesmo pensamento (*risos*)... Tiveram atritos pessoais, mas sem muita... É questão de construção. Não é nada pessoal. Era coisas que tem entre um bispo e um prefeito. O dom Jaime queria que o João Paulino ajudasse a Catedral e o João Paulino ia devagar, quer dizer, segurava. Até o prefeito Adriano Valente ajudou muito, o doutor Luis Moreira de Carvalho ajudou muito a Catedral (FREGADOLLI, 2010, p. 81).

A narrativa foi apresentada de forma truncada, sem se completar, sem se revelar na íntegra. No entanto, Fregadolli foi um dos poucos entrevistados que, ainda que sutilmente, fez menção à existência de um cenário de conflito, tão comum na vida política de uma cidade. A maioria dos entrevistados preferiu silenciar quando o assunto sugeria a menção a conflitos. Ao final da gravação de algumas entrevistas, não sendo lícito citar os nomes dos entrevistados, foram explicitadas algumas tensões. Um dos entrevistados disse que teria muito para falar, mas que não poderia, pois não queria ser prejudicado em seu trabalho; outro disse que havia se reconciliado com dom Jaime há pouco, depois de terem permanecido durante muitos anos sem se falar, por isso não diria tudo o que sabia. Logo depois, alegou

que, ainda hoje, o bispo é muito influente na cidade. Em uma terceira situação, alguém lamentou o fato de dom Jaime haver magoado muitas pessoas na cidade.

A existência de manifestações de conflito político entre dom Jaime e o prefeito João Paulino pode ser apenas a ponta do *iceberg* de uma vida social intensa, cheia de disputas, de arranjos e desarranjos políticos. As relações entre a Igreja e o mundo da política local foram bastante estreitas durante todo o bispado de dom Jaime. Na lista citada pela professora Polonia, independentemente do grau efetivo de participação, alguns nomes foram lembrados:

[...] como político, eu sei que se envolveu, na construção da Catedral, o Adriano Valente, né? Adriano Valente, o Luiz de Carvalho, esses dois prefeito se envolveram. Sincler Sambatti. O Sincler trabalhava junto nas comissões. Nós trabalhávamos juntos lá, com as barracas suja, lá [...] O Américo Dias não deu muito, que é meio doidão, né? O João Paulino também não era muito envolvido não [...] Ney Braga. Nossa! Ney Braga deu uma força! Ele era primeiro general da época da Ditadura. Depois, ele foi escolhido governador do Paraná, na época da Ditadura. E ele ajudou muito. Ele ajudou na construção do Seminário. Ele ajudou na construção da Catedral. Então, dom Jaime tinha as referências. Até o Paulo Pimentel andou ajudando, na época, né? Que ele era... Então, os governadores... Nada de Bento Munhoz... Esses cara de Curitiba, não ajudava em nada, não. Mas, esses que tinham um pouco de... O Richa. O Richa ajudou bastante, também. E como governador de Estado (FUSINATO, P., 2010, p. 90-91).

Ainda que os entrevistados evitem ser precisos nos raros momentos em que comentam acerca do desempenho dessas lideranças políticas, torna-se sintomática essa participação, considerando tanto o silêncio como o reconhecimento da presença de representantes dessa esfera social durante o processo de edificação da obra. Tal se deve ao fato de que, em geral, no mundo da política, os interesses sociais estão sempre em disputa. Na citação acima, assim como nas referências que a entrevistada fizera em relação a diferenças políticas entre o norte e o sul do Estado, há uma tensão latente, em que se estão marcadas as especificidades e as forças políticas locais, num discurso de conteúdo localista. A perspectiva desses depoimentos reforça a condição de bravura e determinação dos moradores da região, em nome do bem comum e do desenvolvimento do norte-paranaense.

Convém lembrar que o próprio dom Jaime, no passado, já se posicionara como defensor da separação entre o norte e sul, para a formação de dois estados, pois considerava que os interesses norte-paranaenses estavam sendo prejudicados em favor daqueles da capital paranaense⁵¹. Segundo Tomazi (1999, p. 60), a clivagem norte/sul, no Paraná, “só tem sentido se for vista na ótica da definição de ‘territórios de poder’, para alguns setores das

⁵¹ No documentário *Jaime: uma história de fé e empreendedorismo* há menções a respeito deste fato.

classes dominantes, instalados neste ou naquele polo”. No caso de Maringá, que integra a região norte do Paraná, as explicações para a força e pujança de seus moradores acabam sendo interpretadas, por esses entrevistados, exclusivamente, como o resultado das forças sociais daqueles que *fincaram os seus pés na cidade*, vaticinados por um futuro rico em empreendedorismo e sucesso.

No campo das realizações políticas, a viúva do ex-prefeito Sincler Sambatti, carrega consigo a saudosa lembrança do dia em que ele inaugurou, juntamente com dom Jaime, a Praça da Catedral. Ela também lamentou a pequenez de alguns adversários políticos por ocasião da festa de inauguração:

Eu sei que o jardim, em roda da Catedral, foi inaugurado, feito, quando meu marido era prefeito, em 80, no fim de 81. Não. Ali, não era... Devia de ser ali por setembro, agosto-setembro, quando foi inaugurado. Você pode ver naquela placa, lá, né? (*no interior da Catedral*) Tá o Sincler Sambatti. É o meu marido [...] Então, eu acho assim, aquele momento, aquilo ali tava cheio de gente e como, às vezes, as pessoas são pequenas porque como era um Partido e tinha um outro que tava em ascensão, foi boicotado e mal funcionou um, logo apagou, sabe? Teve problemas, assim, sérios e tudo tinha sido testado, tava tudo funcionando (SAMBATTI, 2010, p. 114, 116).

Lia Sambatti atribuiu à disputa política os problemas apresentados pelo chafariz na Praça da Catedral, bem no dia de sua inauguração. Para o jornalista Ademar Schiavone, o momento de inauguração da Praça da Catedral foi muito marcante, envolvendo autoridades políticas e religiosas:

[...] eu me lembro que o que me marcou muito foi quando inaugurou a Praça da Catedral. O Sincler Sambatti era o prefeito... Ele era vice, assumiu no lugar do João Paulino, que saiu candidato a vice-governador do Estado, em 82. E, aí, o Sincler assumiu o governo em abril de 82 e fez a Praça da Catedral, ali, aquela, como chama? O chafariz, etc., se inaugurou numa grande festa. Aí, veio o governador Ney Braga, veio muita autoridade do Estado. Vieram bispos e arcebispos de muitos lugares do Brasil. Veio dom Carmine Rocco (*sic*), que era cardeal... Núncio apostólico do Brasil, exatamente. E ele veio a Maringá, rezou missa... Rezaram a missa em conjunto. Foi um negócio bonito, que eu nunca esqueci. Tem coisas que marcam (SCHIAVONE, 2010, p. 5).

A Praça da Catedral foi inaugurada no dia 07 de novembro de 1982, sendo que dom Carmine Rocco, núncio apostólico no Brasil, faleceu em maio daquele ano, portanto, era impossível que estivesse presente quando da inauguração. No entanto, a confusão feita pelo entrevistado pode ser sintomática dos inúmeros eventos comemorativos promovidos durante

o bispado de dom Jaime. Segundo Ecléa Bosi (2003, p. 56, grifos da autora), “a memória não é passividade, mas *forma organizadora*, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação, porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência de seu grupo”. Assim, justifica-se que os entrevistados relembrem momentos marcantes na vida da Catedral, mesmo sem alcançar toda a precisão dos fatos. Dom Carmine, por exemplo, estivera em Maringá dois anos antes da inauguração da Praça, no dia 20 de janeiro de 1980, durante a Instalação Canônica da Arquidiocese de Maringá e posse de dom Jaime como arcebispo.

Ainda que as memórias reveladas acerca da participação dos políticos tenham se dado de maneira fragmentada e repleta de reticências, indicam a constante presença desses indivíduos durante o processo de construção da Catedral. A intensidade de tal participação não é mensurável, uma vez que o entendimento do que seja a participação na construção de uma obra como a Catedral pode variar muito, conforme é perceptível nas palavras de Antonia Lunardelli Ramalho, participante ativa da vida interna da Igreja. Ela, quando questionada acerca da participação dos políticos na construção da Catedral, disse não ter conhecimento, mas fez questão de realçar o trabalho popular:

[...] a gente, o povo simples, é que batalhava, né? Os outros ajudava, mas, não batalhavam. A gente que batalhava. O simples é que corre atrás, né? (*risos presos*). Então, a luta foi essa, né? E a gente participava de tudo né? [...] eu acho que o povo simples, mais, foi o lutador. Eu sempre pensei assim, né? O povo simples que lutava: “Não vamos fazer isso? Vamos. Vamos fazer aquilo? Vamos.” Sabe? Né? Então, era gente que batalhava. Que, geralmente, é isso mesmo, né? A sociedade tem mais ocupação, né? O povo simples dispõe mais de um tempinho, mais, né? (*risos*) (RAMALHO, 2010, p. 18).

Esse depoimento expressa o reconhecimento pelo trabalho daquelas pessoas, que mesmo não tendo grande visibilidade, na opinião de Antonia, foram fundamentais para a construção da Catedral. Ao analisar o contraste entre a visibilidade dos políticos e a invisibilidade da maioria das pessoas da comunidade, vale citar o depoimento de Rosária Arrias Pelizari, quando questionada sobre a participação dos políticos:

[...] eu não te digo nada sobre políticos porque eu vejo nome de políticos nas placas, ali, que eu nunca vi ele na vida e nem o nome dele, e tá na placa, lá da Catedral como... Vai ver se tem o nome do meu marido, lá. E, aqui, tem uma senhora, tadinha, eu não sei. Eu podia te indicar ela, mas, ela tem bastante idade. Mas, ela é muito firme. Ela foi ministra na Catedral muitos anos e, agora, ela nem vai mais à missa porque ela não tem condições. Então, vem hóstia, aqui, pra ela. Ela sabe te dizer. Ela vira sempre e fala pra

mim: “A construção dessa Catedral deve ao Angelim.” O apelido do meu esposo era Angelim. “Deve ao Angelim e o Zé.” Que esse José também já morreu. Eles trabalhavam mesmo! (PELIZARI, 2010, p. 144).

Conforme se pode perceber, os graus de participação na construção variaram de acordo com a percepção que os entrevistados possuem acerca do processo de construção. A percepção acerca do protagonismo de cada participante também depende do ponto de vista e da inserção social de cada pessoa. Nesse sentido, os atores sociais em torno da construção da Catedral se envolveram numa série de relações sociais, somando-se numa diversidade de apoio. Um desses apoios, certamente, veio dos cafeicultores, tanto de fazendeiros como de pequenos sitiantes.

5.3.4.2 Uma Catedral com sabor de café

Nas lembranças dos entrevistados, é muito forte o período áureo do café na região de Maringá. Um indício convergente em relação a essas lembranças pode ser observado na iconografia do período. Juntamente com a exposição que aconteceu no Museu da Bacia do Paraná, no mês de maio de 2010, evento já mencionado neste trabalho⁵², em que se destacaram fotos das etapas de construção da Catedral, foi também organizada pela coordenação do Museu a exposição intitulada *Maringá e Sabor: o café e o desenvolvimento*, apresentando uma relação direta entre o ciclo cafeeiro e o desenvolvimento da cidade. Tais exposições acabaram, concomitantemente, evidenciando o peso que representou o café na economia maringense⁵³.

A construção da Catedral, não destoando do momento em que se vivia, recebeu a doação de muitas sacas de café, elemento massivamente presente nas memórias dos entrevistados. Alguns descreveram o café como o ouro verde, ressaltando a sua importância para a elevação da Catedral. Rosária Arrias Pelizari, por exemplo, recorda-se claramente da dedicação de seu esposo, Ângelo Pelizari, que saía com o seu caminhão pelos sítios, em busca

⁵² O título da exposição foi *A Catedral de Maringá ou a Maringá de sua Catedral? Cimento e pedra, memória e registro. As fotos de Kenji Ueta em destaque*, organizada por este pesquisador e sua orientadora, a professora doutora Eliane Sebeika Rapchan.

⁵³ O trabalho de Nadir A. Cancian (1981), analisando o impacto do ciclo cafeeiro no Paraná, apresenta o peso desta cultura na produção agrícola da região de Maringá, destacando a expansão da monocultura, em 1960.

das doações que, em geral, eram sacas de café. Monsenhor Gerhard Schneider, em conversa nas dependências da Catedral, quis destacar a força proveniente das doações de café:

Naquele tempo, era café, né? E acho que a maior parte da construção da Catedral é fruto das campanhas do café. Porque, naquele tempo, era no auge, daí vieram as geadas todas, né? E destruíram os... lavouras. Mas, até lá, tinha gente que trazia, às vezes, um caminhão de coisas, né? De café. E aquilo deu um impulso grande para esta obra, né? Acho que aqui tem muito café (*risos*), nesta construção, né? Simbolicamente falando, né? Mas, isso que deu dinheiro para levantar tanto cimento, tantas pedras, tanta mão de obra, tanto, sei lá. Todo esse esforço, de tanta gente, centenas, centenas, centenas de operários e engenheiros e que você já deve ter citado em outros projetos, aqui (SCHNEIDER, 2010, p. 140).

O comentário de monsenhor Gerhard aponta uma dimensão imagética acerca do grau de influência do café na construção, principalmente ao se referir à quantidade de doações de sacas de café que teria sido convertida em benefício da obra. A Igreja aparece, assim, como uma Catedral *feita de café*, fato que dimensiona a importância do ciclo da cultura cafeeira naquele período. Antonio da Mata Vaz, morador do Jardim Alvorada, recordou-se da atuação dos fazendeiros na construção da Catedral:

Naquela época, havia muita... Houve um movimento da cidade, era a lavoura de café. Então, através da... Essa construção, ela foi de uma certa maneira, teve, assim, uma ajuda principal dos fazendeiros da região que através daquele movimento do café, eles puderam dar aquelas ofertas e aquelas ofertas que... A Igreja começou a si... Como se diz? Tomar aquilo pra dar aquele impulso pra começar essa construção, na década de sessenta (VAZ, 2010, p. 27).

Entre os fazendeiros que ajudaram na construção da Catedral, o nome de Silvino Fernandes Dias, pai de Osmar e Álvaro Dias - ambos com destacada carreira política no Paraná, chegando ao Senado da República - foi lembrado como um grande parceiro:

Eu gostaria de citar, aqui, uma pessoa que nem todos sabem: o pai do Álvaro e do Osmar Dias foi um grande doador da construção da Catedral, desde o começo. Os filhos, naquela época, não eram políticos, nada. O Álvaro estava em Londrina. Foi desde novinho pra lá, pra estudar por lá. E ele era uma pessoa muito... é... trabalhadora. Ele era abastado, é claro, mas, trabalhava muito, a família toda. E ele doava muito pra construção. Então, havia muita doação das pessoas que tinha propriedade rural. Naquela época, mais era café e as pessoas davam, fazia aquelas doações, no começo (FUSINATO, P., 2010, p. 85).

O fazendeiro Dias é considerado um exemplo, bem como tantos outros fazendeiros e sitiantes, na maioria, católicos bem sucedidos da região, que contribuíram com afinco na construção. Jorge também destacou a participação do fazendeiro, uma personagem representativa daqueles ruralistas que abraçaram a causa da construção do templo, apoiando dom Jaime:

Eu acredito que um dos maiores contribuintes para a construção da Catedral foi o pai do Álvaro Dias, o Silvino Fernandes Dias. Faleceu com 95 anos. Ele era um rico fazendeiro, tinha várias fazendas, um camarada benfazejo pela sorte, né? Rico. E ele contribuía muito com a Catedral. Ele é dono de um dos vitrais daquele. Comprou inteirinho. Ele, além da Catedral, ele ajudou muito a Igreja Santo Antonio, que ele morava, ali, na Fazenda Diamante... Seu Silvino era uma pessoa de bom coração e sempre que vinha aqui, na missa da Catedral, deixava um chequinho pro dom Jaime, pra ajudar na construção (FREGADOLLI, 2010, p. 80).

Assim como esse exemplo, exposto por Jorge, outras menções foram feitas em relação aos produtores de café, sempre demonstrando centralidade desse produto na economia local, durante aquele período de construção, ao mesmo tempo em que ressaltam a adesão desses fazendeiros e sitiantes no projeto de construção:

Naquele tempo, era tudo café e quando, na época da colheita, muitos sitiantes e fazendeiros cediam tantos sacos de café para que o grupo vendesse para ajudar na construção da Catedral. Então, o dom Jaime recebia bastante saca de café, por exemplo, como ajuda, né? Como ajuda. Também, vinha desse, que eu tinha esquecido, vinha desse sitiante e fazendeiro, nas grande colheita de café. Que tudo era café e dava, por exemplo: “Vou dar cinqüenta saca de café pra ajudar a Catedral.” Eles vendiam e com o dinheiro ajudava, também (MANICARDI, 2010, p. 33).

Embora tenha sido uma cultura agrícola muito forte, o café também possuía suas fragilidades; alguns entrevistados atribuíram à geada o seu grande malefício, foi considerada, por muitos, como a causa da derrocada dessa cultura na região. Mesmo reconhecendo a importância do café, Antonio Almir dos Santos lembrou o impacto da geada de 1975 sobre a plantação, destacando o clima de insegurança que causou entre os produtores:

É o tal negócio. Uma vez teve um jornalista no Brasil, era famoso, era o Assis Chateaubriand. O que era da Globo. Hoje, se vincula à Globo. O chefão faleceu, ficaram os filhos, né? Era o Assis Chateaubriand. Ele era... Ele tinha jornais em quase todas as capitais do Brasil. Em São Paulo, era *O Diário de São Paulo* e por aí, né? E, uma vez, ele veio a Londrina. E Londrina era o marco do café no Brasil, na época, né? E ele falou assim, uma frase dele foi assim, que o cidadão de Londrina, ele dormia milionário e

acordava pobre por causa da geadas. E foi isso que aconteceu no Paraná. A geadas de 75 acabou com a lavoura de café. Acabou de vez (SANTOS, 2010, p. 25).

Segundo Edgar Osterroht, as geadas atrasaram o andamento da construção. Uma vez que havia muita ajuda de sitiantes e fazendeiros, quando elas vieram, eles não tiveram mais condições de manter o mesmo ritmo de doações que fizeram nos bons períodos de colheita:

[...] como Maringá também sofria de épocas ruins, também, né? Porque tinha esta época das geadas, lá. O café não deu mais, então, os fazendeiros, nesta época, não tinha financiamento pelo banco Brasil e tudo. Eu, também, tive uma fazenda, eu sei como que está esse negócio. Se você não tinha esse recadação... é... você recadava dinheiro de outra fonte como nossa firma construtora, você acabava, né? Você falia, né? Então, vamos dizer, mesmo se o bispo chegava e pedia dinheiro, este, realmente, não podia dar, né? Ele estava... estava semi-falido por causa das geadas. Porque numa geadas só daqui em três, quatro anos, você pode recolhe... Vamos recolher café, novamente, né? Então, esta época de espera, né? Compreende? Logicamente, também, foi uns dos fatores que a Catedral não foi pra frente, né? Não tem dúvida, né? (OSTERROHT, 2010, p. 53).

Silvio Iwata faz outra interpretação a respeito da contribuição do ciclo cafeeiro para a construção. Segundo ele, o término da produção do café coincidiu com o fim da obra. Ao fazer essa afirmação, considera que a construção terminou antes da geadas de 1975, atribuindo ao fato, um milagre:

Para mim, tem o dedo de Deus aí. Que eu falei pra você. Porque foi acabar a Catedral, acabou a colheita de café. Mas acabaram com o cafezal aqui em Maringá, no Paraná! (IWATA, 2010, p. 151).

Milagre ou não, o fato é que em 1972 se dava o término da construção em concreto da Catedral. A parte mais laboriosa já estava pronta, o café havia se transformado em concreto. Assim, a Catedral pode ser vista, também, como fruto dos anos dourados da produção cafeeira desta região paranaense, pois contou com a ajuda direta de fazendeiros e sitiantes, que contribuíram financeiramente com a edificação do templo. Mesmo assim, o patrocínio da construção não se resume aos cafeicultores. Nas memórias dos entrevistados, destaca-se, na reta final da construção, a intensificação das forças da sociedade, principalmente as empresariais, em prol da obra.

5.3.4.3 Na reta final: intensificando as forças

Para entender o momento em que se intensificou a forte confluência de forças sociais na construção, é preciso levar em conta o período em que a obra ficou paralisada. Alguns dos entrevistados falam em dois ou três anos de interrupção dos trabalhos. Segundo a ex-secretária de monsenhor Zanettini, na verdade, foram seis anos sem trabalho na construção. O fato é que esse intervalo foi uma marca nas lembranças dos entrevistados, sendo surpreendente que até mesmo o relato do advogado Ivan Neves Pedrosa, o único que se declarou indiferente à importância dada à construção da Catedral faz menção a esse momento. Maria de Lourdes Fornaziero procurou expor as circunstâncias que fizeram com que a obra tivesse suas atividades interrompidas:

Então, ela ficou parada bastante tempo. Porque eles, quando iniciaram o alicerce da Catedral, que o dom Jaime chegou em março de 1957. Eu não sei quando que eles puseram a pedra fundamental, se foi no mesmo ano... Então, ali, eles iniciaram o... A base, ali, da Catedral e, ali, tinha, naquela época, era o café. Era o auge, na época, do dinheiro. Então, eles não demoraram para fazer porque o pessoal ajudava bastante e o café, ali, tinha é... Todas as pessoas ricas, hoje, de Maringá, essas muitas pessoas que... Que é bem de vida mesmo porque mexeram bastante com... com o café. Que o café era... Aí, depois, eu não sei o quê que aconteceu, se houve algum desvio, alguma coisa que, daí, o pessoal parou de ajudar e tiveram que parar. Aí, pararam. As obras parou, ali... Faltou dinheiro, naquele período. Inclusive, tem fotos, né? Que mostra onde parou e ali ficou seis anos. Que eu saiba, foram seis anos que ficou (FORNAZIERO, 2010, p. 129-130).

Devido à necessidade de retomar a obra, dom Jaime nomeou Sidney Zanettini novo cura da Catedral Nossa Senhora da Glória, fato que desencadeou uma nova força tarefa, responsável pelo término da construção. Trata-se de um momento auge, em que as forças da cidade se organizam de maneira definitiva para o fim da obra.

Sidney Zanettini nasceu em 28 de abril de 1927, em Nova Prata, Rio Grande do Sul. Em 02 de dezembro de 1951 foi ordenado sacerdote, e somente em 1966 veio para a Diocese de Maringá. Trabalhou, primeiramente, na cidade de Santa Isabel do Ivaí que, naquela época, pertencia à Diocese de Maringá; em seguida, mudou-se para Mandaguari e, por fim, em 1969, assumiu a Catedral de Maringá, onde atuou por dezoito anos. Em Maringá, o sacerdote foi agraciado, por intermédio de dom Jaime, com o título de monsenhor, tendo ainda recebido da cidade o título de cidadão benemérito.



Foto 8: Monsenhor Sidney Zanettini na construção da Catedral.
Fonte: Arquivo pessoal de Lourdes Fornaziero.

Foi de Mandaguari que veio, juntamente com ele, aquela que se afirmou como seu braço direito, Maria de Lourdes Fornaziero, que se encarregou dos trabalhos de secretaria na Catedral. Ela procura guardar com zelo e fidelidade as lembranças do trabalho desempenhado pelo sacerdote. Fornaziero comentou a respeito da chegada de Zanettini em Maringá, bem como da parceria que passou a estabelecer com ele, vindo a se mudar, também, para esta cidade:

Eu morava em Mandaguari. Em 1968, o monsenhor Sidney Zanettini foi transferido (*de*) em Santa Isabel do Ivaí, Paraná, para construir a Igreja Matriz do Bom Pastor (*em Mandaguari*). No final do ano, dom Jaime foi à procura dele e pediu a ele que viesse à Catedral de Maringá, que estava sem pároco, pois, precisava da sua ajuda. Quando ele veio a Maringá tomar posse, no dia 23 de fevereiro de 1969, eu, mais umas amigas, nós acompanhamos ele para ajudar a arrumar a casa. Chegamos em Maringá, foi uma missa muito bonita, uma posse muito bela, na Igreja Velha, caindo... Tava caindo os pedaço. Havia necessidade urgente da construção, de continuar a construção. A construção estava na primeira galeria, ainda, da Catedral. Na casa paroquial não tinha nada. O padre que havia ali estado, tinha levado todas as coisas da casa. Só havia duas camas. Xícaras, não havia. Pratos, essas coisas, na casa, era precária. Mas, com o tempo, depois, foi... A gente foi adquirindo. Aí, no fim, ficamos... Aí comecei ficar mais... Fiquei direto, daí, trabalhando com ele. Ele encontrou bastante dificuldade, no início, porque o povo recebeu ele bem, mas, muito pouca gente. O pessoal não confiava muito nele porque dizia assim: 'Vem outro aí, igual ao que saiu'. Mas, ele disse: 'Não. O dom Jaime pediu pra mim vim, pra eu trabalhar, pra cuidar da construção da Catedral e da evangelização'. Então, junto com a evangelização, a construção (FORNAZIERO, 2010, p. 123).

Zanettini, desde que chegou à cidade, desempenhou seu trabalho, cumprindo com a missão assumida, a de ocupar-se tanto das tarefas de evangelização quanto da construção da Catedral. A maioria dos entrevistados reconheceu a importância da atuação do sacerdote durante a fase final e decisiva para a construção.



Foto 9: Fase da obra, segundo Fornaziero, quando Zanettini assumiu os trabalhos em prol da construção
Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero.

O empresário e jornalista Franklin Vieira Silva, que se tornou um grande amigo de Sidney Zanettini, comentou acerca de sua proximidade do sacerdote, reconhecendo-o como o seu guia espiritual, como alguém que marcou a sua vida pessoal e profissional. Franklin foi o entrevistado que mais demonstrou afeição pelo sacerdote, recordando-se com muito carinho das promoções que realizaram juntos em prol da construção, principalmente, a festa do chope. Segundo ele, ao final da tarde, após passar o dia vendendo canecos de chope, sentavam-se no alpendre da casa do padre Sidney para conversar e tomar uma dose de vinho, acompanhado de queijo:

[...] no final da tarde, comemorando, evidentemente, me entende? A alegria de mais um dia de grandes recepções, de grandes feitos materiais, lá, pelos canecos (*de chope*), tudo. A gente sentava no alpendre, lá, da casa do padre Sidney, né? Atendido pela Lourdes Fornaziero. E a gente se aproveitava, né? (*risos*) Com todo o respeito, tudo, né? E dava aquele tratamento, aquela *lienezza* de trato do padre Sidney e da Lourdes. Então, a gente tomava um vinho, entende? Não sei se é o vinho que servia na missa (*risos*). Mas, era um vinho muito bom com queijo, salame, pão, não é? Era uma espécie de *happy hour*. Que eu acho isso aí muito importante porque eu não vejo demérito nenhum, me entende, né? Que a gente trabalhava o dia todo e, olha, suava a camisa mesmo, viu? E, conseqüentemente, como bom gaúcho, né? Que era o padre Sidney. Era óbvio e natural que ele recebesse os

amigos, me entende? E com quem, também, tinha participação no trabalho meritório, né? Na construção da Catedral (SILVA, F., 2010, p. 70).

Embora haja o reconhecimento pelo trabalho prestado de Zanettini, na maioria das vezes, muitos entrevistados, movidos por certo grau de desconforto, evitaram fazer extensos comentários sobre o sacerdote. Segundo Rosária, o sacerdote foi um herói, pois trabalhou com muito afinco para construção da Catedral, no entanto, ela considera que ele não recebeu o acolhimento que merecia:

A Catedral chegou numa altura, parou. Eu nem sei. Isso eu não posso falar porque eu não sei por que foi. Depois, continuou. Padre Sidney foi uma pessoa que elevou muito. Eu acho que o padre Sidney teria que ter sido mais bem acolhido do que ele foi. Agora, você sabe o povo como é. Um fala uma coisa, outro fala outra. Então, eu fico neutra. Eu só acho que ele foi a mão direita da Catedral, auxiliada pela esquerda. Ele foi. Esforçou-se muito, trabalhou muito, mas, tudo a gente não sabe porque é entre eles, né? (PELIZARI, 2010, p. 146).

Tal narrativa, incompleta e truncada, revelou-se como uma marca de muitos outros comentários que não se organizaram num pensamento claro acerca de como tais entrevistados avaliam a importância dos anos de trabalho de Zanettini. É bom lembrar que o sacerdote ficou durante dezoito anos à frente da Catedral, portanto, um período de tempo bastante longo, no entanto, ficou evidente uma espécie de silenciamento acerca de sua atuação, prova de que, mais uma vez, a sombra de dom Jaime também prevaleceu sobre a imagem do sacerdote. Para Arnoldo, por exemplo, o padre Sidney foi uma personalidade importante nesse palco em que se materializou a Catedral, mas ele se lembrou de que a vinda do sacerdote para Maringá também fora uma escolha de dom Jaime:

O padre Sidney Zanettini foi um marco, aqui, pra nós. E ele conseguiu incentivar muito bem, essas pessoas, pra conseguir o apoio pra construção. Ele construiu várias igrejas aí fora, mas, a Catedral, o dom Jaime soube escolher o construtor, né? (*risos*) (CAMPOS, 2010, p. 40).

Arnoldo conseguiu reconhecer o protagonismo de Zanettini, bem como referenciar dom Jaime, ou seja, afinal se o padre foi muito competente, é porque dom Jaime soube muito bem escolhê-lo, revelando fidelidade à imagem atuante do bispo. Na verdade, assim que começou a retomada da construção, Zanettini foi capaz de trazer para junto de si um apoio massivo, sempre intermediando os trabalhos por meio das negociações necessárias para a

conclusão da obra. Foi assim que o engenheiro Antonio Almir dos Santos se aproximou e tornou-se o responsável técnico pelos trabalhos:

Na ocasião, eu tinha uma empresa construtora, em Maringá, chamada ENORPA - S. A. e a gente tinha um certo relacionamento com o padre Sidney. Aí, então, ele nos convocou para realizar a obra de construção da Catedral. Daí que iniciou o processo de formação de uma comissão de construção, a arrecadação do dinheiro necessário pra tal investimento, né? Daí, nós realizamos um contato com a Diocese de Maringá por intermédio do padre Sidney. E houve uma cota de sacrifício para a empresa, que foi reduzir o que fosse possível, né? Pra ter... Nós não auferimos lucro nenhum. Foi feito tudo dentro das despesas reais... A Catedral e o que a sua construção necessitava, né? (SANTOS, 2010, p. 20).

A parceria foi uma conquista importante para a finalização da obra, pois o sacerdote conseguiu acordar com a construtora a condução dos trabalhos, com o objetivo de atingir o fim da construção. Destaca-se, também, a afirmação de Santos, segundo a qual todo o trabalho da construtora ENORPA para a construção da Catedral não visou a lucros.

Foi também por meio dessas conversas que Zanettini obteve a adesão daquele que seria uma das principais personagens da construção, o empresário Joaquim Romero Fontes, que se prontificou em colaborar diretamente na obra. Fontes, desde que chegou a Maringá, tornou-se um bem sucedido produtor de café, investindo os lucros, o que o transformou em um grande proprietário de imóveis na cidade. Possuía trânsito livre entre as lideranças empresariais e políticas do município, tendo sido nomeado tesoureiro na comissão de construção que inaugurou a obra. Personagem muito lembrado nas entrevistas, porém esquecido das placas de homenagens no interior da Catedral, Fontes foi reconhecido como fundamental para os trabalhos de construção. Segundo Jorge, ele era um homem de muito prestígio no meio social, possuindo uma estreita relação com a CMNP:

[...] o seu Joaquim Romero era muito amigo do pessoal da Companhia de Melhoramentos, falou com o doutor Hermann Moraes de Barros, que era diretor geral. Foi lá e falou com ele: 'Doutor Hermann, a Companhia precisa ajudar a Catedral a subir, nós estamos quase metade pronta e falta metade'. O doutor Hermann falou: 'Seu Joaquim, como o senhor é um homem honrado e benquisto, trabalhador e honesto, eu vou solicitar à Diretoria da Companhia que doe todo o cimento que o senhor precisar para terminar a Catedral'. E assim foi feito. Imediatamente, começaram a chegar o comboio de trem carregado de cimento. Milhares de saco de cimento chegaram, doados pela Companhia Melhoramentos e, daí, a Catedral disparou a subir (FREGADOLLI, 2010, p. 79).

Tal narrativa enfatiza o papel de Fontes como um dos pivôs na construção. Destacado como um verdadeiro líder, ele se tornou um paladino do grupo de proprietários e empresários da cidade, no momento em que se uniram para encerrar de vez a construção da nova Catedral.

O depoimento de Edgar configura o momento de reorganização das forças econômicas da cidade, dessa vez, com uma maior participação dos empresários, no intuito de impedir que houvesse paralisações na obra. Assim, segundo ele, deram um impulso final para a construção:

[...] eles fizeram um anel (*da obra*), outro anel, depois ficou anos e anos esperando pra fazer outro anel porque, logicamente, também a comunidade, aqui, tinha outros problemas, lá, como a Santa Casa, é... Hospitais pobres e tudo lá. Isso, não tem dúvida, né? Porque é uma cidade nova, aqui faltava de tudo [...] Então, a Associação Comercial, as grandes firmas aqui, como usina de açúcar que já existia aqui, os comerciantes aqui. Todo mundo se juntou e falou: 'Olha, nós vamos terminar a Catedral. Porque senão já passaram 15 anos, uma coisa... A Catedral nunca vai ficar pronta, né?' Então, eles se juntaram, dando em dinheiro. E, aí, eles terminaram, então, a Catedral. Vamos dizer, não foi a Igreja que terminou a Catedral. Não conseguiam, não (OSTERROHT, 2010, p. 50).

De acordo com esse depoimento, para a etapa final da construção, o ajuntamento de interesses sociais que transcendeu o domínio exclusivo da Igreja Católica mostrou seu grau máximo de força, fato que reforça a ideia já presente, desde o início, de que a Catedral é muito mais do que um templo católico, sobretudo, configura-se numa vontade correlata dos interesses das lideranças locais. Embora Edgar tenha exagerado quanto aos anos de paralisação da obra, pois o período foi menor que quinze anos, seu depoimento procura descentralizar o exclusivismo da Igreja nesse término da construção. É nessa direção que Antonio Mário Manicardi nomeia as pessoas que considera como principais agentes da construção:

Então, ela (*Catedral*) ficou parada, lá. Quando o doutor Adriano Valente foi prefeito, ele contratou... Ele, não. E nem dom Jaime, praticamente. Dom Jaime, também, tava sempre no meio, mas, um grupo de empresários de Maringá, inclusive a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, se uniram para poder dar continuidade nessa construção, sem que houvesse assim, uma interferência muito grande dos padres ou de dom Jaime, para que... Senão a Igreja não ia terminar. E resolveram, essa equipe de empresários, dar uma importância de cada um, por mês, para que essa empresa ENORPA, do doutor Antonio Almir dos Santos, pudesse construir a Catedral, sem paralisação. E isso aconteceu. Então, esse grupo de empresário, cada um dava essa importância, até grande, e colocaram o senhor Joaquim Romero

Fontes, que hoje ele está com 94 anos, para administrar a Catedral. Ele era um grande empresário e ele, também, contribuía. Ele, então, coordenava todo o serviço da Catedral (MANICARDI, 2010, p. 30).

O engenheiro Antonio Almir dos Santos também fez questão de ressaltar a importância da mobilização da sociedade em benefício da obra. Para ele, essa foi uma condição favorável para a finalização dos trabalhos. Assim, reforça-se a imagem de uma sociedade atuante, representada pela sua força empresarial e econômica:

[...] o trabalho inicial que foi penoso, foi exatamente a formação de um quadro de... Uma comissão para a construção da Catedral e a arrecadação, principalmente, do montante que fosse necessário, né? E, aí, houve um ajuntamento de toda a cidade, dos bancos. Os bancos realizaram o trabalho de capacitação de dinheiro mediante as rifas, né? Então, aí, os bancos, participaram, todos eles. E as obras da Catedral acabou sendo uma obra da sociedade toda, né? Independente de religião. Então, praticamente, os cristãos participaram. Os evangélicos também, eu tenho a impressão que acabaram participando do evento, né? (SANTOS, 2010, p. 21).

Ainda nesse conjunto de narrativas que reforçam a participação dos principais segmentos da sociedade na construção, principalmente dos empresários, o advogado Alcides Siqueira Gomes, presidente da ACIM, durante os anos 1986/1987, destacou a força do grupo de empreendedores maringenses:

[...] vale ressaltar, que nós sempre tivemos uma Associação Comercial e Empresarial, aqui, em Maringá, muito forte, correto? Então esses pioneiros, aqui, sempre ajudaram a construir nos empreendimentos, a construir. Então fazia-se vaquinhas, quermesses, livro ouro, sorteio de carros, etc. Eu lembro muito bem, para que arrecadasse numerários e construísse essa beleza que é a nossa Catedral, hoje (GOMES, 2010, p. 9).

A beleza da Catedral é resultante, segundo Alcides, da força empreendedora dos maringenses, de um corpo de empresários fortes, pioneiros na cidade. Essa força se estende, de acordo com as palavras de Emílio Germani, para toda a cidade, demonstrando a união, o trabalho e o sucesso da história de Maringá, que é a materialização do empenho de todos em benefício de todos, uma marca que o próprio templo transmite acerca de seu povo:

É isso que eu falei. Ela tá aí. É um monte de cimento, de pedra e tudo. Não fala, não diz nada, mas, ela se mostra... Se mostra de uma maneira ostensiva. Se vê de todo quanto lugar. Então, ela não dizendo nada, ela tá fazendo a coesão do povo, que tá fazendo com que o povo, unido, possa fazer. Porque uma cidade dessa, fazer... Puxa! A minha cidade lá, tem... A minha cidade foi de 1910. Ela tá com 100 anos, não é nem... Ela tá com uns 30 mil

habitantes, não aumentou. Não foi. Vai dizer porque lá não tinha indústria, lá não tinha comércio, lá não tinha... É porque não fizeram, porque aqui também não tinha. Aqui, também, não tinha nada, nada, nada (GERMANI, 2010, p. 66).

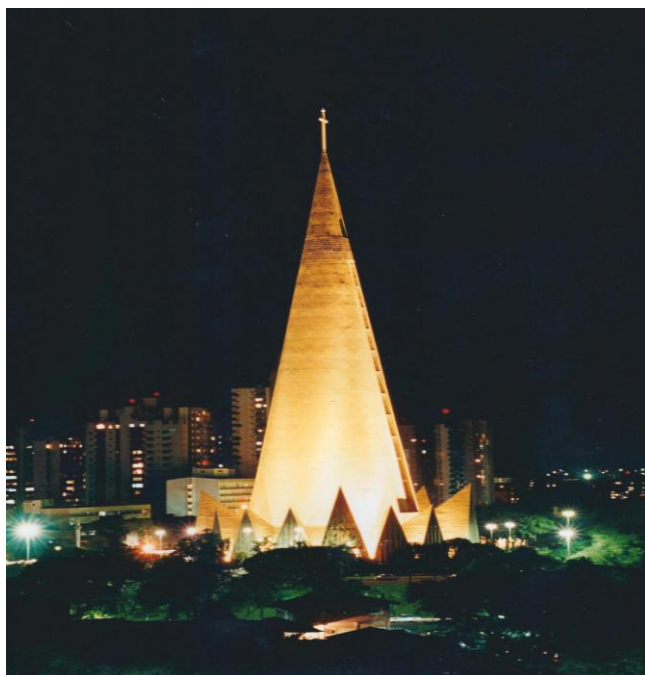


Foto 10: A Catedral sob o brilho das luzes.
Fonte: Kenji Ueta.

Para esses entrevistados, embora em graus diferenciados, houve uma grande participação das pessoas na construção da Catedral, que é, segundo Germani, o símbolo de uma cidade que se iniciou do nada, mas, graças ao trabalho e à dedicação de tantas pessoas, transformou-se em uma grande força social, bastante coesa. E é a Catedral a maior ostentação dessa força.

Nesse sentido, a partir dos depoimentos, vale pensar também o espaço da Praça da Catedral como um elemento-chave para o entendimento dessas vivências. A Praça passou pelas mesmas transformações da cidade: do pó vermelho do início da urbanização aos belos jardins e gramados; da velha Catedral de madeira à nova Catedral, em tamanho monumental. As atividades no pátio da antiga Catedral de madeira, caracterizadas nas narrativas, refletem-se na construção de uma história de bravura e de trabalho da comunidade, ao longo dos anos de agremiação em torno da Igreja.

5.4 O TEMPLO E A PRAÇA: NA MEMÓRIA DO PASSADO A FORÇA DO PRESENTE

Durante todas as entrevistas, ganhou força a imagem do novo, do atual, do progresso e do desenvolvimento da cidade, contrapondo-se ao velho, imperfeito, difícil e trabalhoso. Assim, a Catedral e a sua Praça se configuraram como espaços fecundos, carregados de vivências e apropriados para se pensar nas rápidas transformações ocorridas no cenário urbano, palco de grandes encontros, atividades e cerimônias. Esses dois espaços se tornaram, simultaneamente, a expressão de um ideal de cidade e da realização concreta das forças sociais. Conforme se constatou, os depoimentos despertaram as atenções para um passado comum, carregado de desafios que foram sendo superados, enaltecendo as rápidas mudanças e o crescimento da cidade.

Entre os principais eventos ocorridos na Praça da Catedral, destaca-se o lançamento da Frente Agrária Paranaense, em agosto de 1961, que reuniu uma multidão de pessoas, e cuja organização sindical foi liderada por dom Jaime e demais bispos do Norte do Paraná. Tal movimento se contrapunha aos sindicatos comunistas, pautando a organização dos trabalhadores numa aura religiosa, com a participação direta de membros das comunidades católicas.

O cenário da Praça da Catedral, bem como da própria vivência no interior do templo - desde a época em que a construção ainda era de madeira - foi-se transformando ao longo do tempo. Ele foi lembrado pelos entrevistados devido a marcas pessoais e diversas atividades comunitárias ali realizadas, principalmente, as festas em prol da construção. As narrativas procuraram dimensionar a amplitude das mudanças, apresentando algumas das vivências naquele local, marcadas por um movimento de muito trabalho, dedicação e confraternização. Diante das lembranças do passado, as narrativas proporcionaram a construção de um discurso que, além de apontar para a constituição de um sentimento de orgulho por parte dos entrevistados, também indica a familiaridade que os moradores herdaram dos anos de convivência e participação na vida de comunidade naquele espaço. Assim, o caráter da descrição sobre o espetacular também cedeu lugar para experiências de cunho mais existencial e afetivo.

5.4.1 Do espetacular ao familiar: vivências do templo

Essa Catedral, que os entrevistados descreveram com tanto esmero e com majestade, também foi representada, nas entrevistas, como um espaço de intimidade, de familiaridade e de espiritualidade, em suma, como um espaço acolhedor em que todos, sem exceção, podem adentrar, pois o templo sempre está de portas abertas. De tal modo que, ao analisar o trabalho artístico de Zanzal Mattar⁵⁴, no interior da Catedral, Arnaldo fez questão de ressaltar essa dimensão acolhedora na própria via-sacra pintada nas colunas do templo:

O Zanzal é muito meu amigo e muito querido. Ele me contou, uma ocasião, que ele esteve aqui, no consultório. Ele foi convidado pra fazer uma figura de Nossa Senhora, no interior da Catedral. Então, ele foi lá e fez. Quando ele desceu, ele disse: 'Puxa! Terminei'. Quando ele olhou, ele: 'Pera aí. Tem coisa errada'. Que ele tinha feito a parte debaixo, todinha a via-sacra e o próprio Cristo, lá no fundo, em cima. Mas, a única que tem a figura de um rosto é Nossa Senhora. Então, ele disse: 'Puxa! E Nossa Senhora tá lá, com a boca, nariz, olhos...' Então, ele caracterizou na figura, Nossa Senhora. E o fato mais interessante, que na via-sacra, que você observa ali, na via-sacra, na Catedral, é a ideia do artista. Que você olha a via-sacra, a via-sacra que mais te tocar, aí, você põe o seu rosto. Então, aqui, eu me identifico. Aqui, eu sou eu, nessa caminhada. Então, é isso que o projeto do Zanzal, que ele idealizou, etc. (CAMPOS, 2010, p. 37).

A via-sacra, pintada pelo artista no interior do templo, propositadamente, não possui expressões faciais, daí o entrevistado comentar acerca do significado dessas pinturas. Na sua interpretação, as pessoas, ao entrarem na Catedral, podem se identificar com as personagens que compõem o calvário de Jesus, assumindo um daqueles rostos. Assim, as pinturas feitas no templo possuem uma dimensão polivalente. E a obra de Zanzal assume o *status* de uma riqueza simbólica que pode representar, fecundamente, a relação de cada pessoa com o martírio de Cristo. Segundo a versão bíblica, no caminho até a cruz, Jesus se relacionou com pessoas das mais diferentes convicções, razões e emoções, sendo possível identificar gestos de profunda compaixão, amor e solidariedade, como também de hostilidade, rancor e traição⁵⁵. Por esse prisma, a Catedral representa a casa em que todos podem se identificar, independentemente do grau de proximidade com Deus ou da forma de vivência de sua espiritualidade.

A constante presença de pessoas durante o dia, na Catedral, foi descrita pelos entrevistados. E, de acordo com Lia, essa presença independe da condição social das pessoas:

⁵⁴ Zanzal Mattar é pintor, muralista e escultor. Em 1987, pintou, nas colunas da Catedral, as XV estações da via-sacra; em 1987, pintou a ascensão de Nossa Senhora da Glória. É autor de uma enorme produção artística.

⁵⁵ O calvário de Jesus Cristo pode ser encontrado no capítulo 18 do evangelho de João, que a Bíblia de Jerusalém, uma das traduções mais respeitadas por teólogos, intitula como *A Paixão*.

É interessante ir lá, em vários horários, porque sempre tem gente arrumada, mal arrumada. Tem muitos mendigos, que eu acho que se cansam de andar por aí e vão lá. Até dorme no banco ou então ficam sentados, que a gente vê, né? O Espírito Santo inspira, ilumina, né? Eu acho, assim, que um lugar assim, realmente... Abençoado. É um lugar que você se sente filho de Deus, né? Ele a leva, porque tem Igreja, viu? Eu já andei muito em Igreja, eu conheço um monte de Igreja da Europa, da Itália, elas... Aquelas Igrejas de Minas, elas tem todas... Cada uma tem a sua característica, mas, fazer você entrar dentro de si, assim, são poucas. E essa nossa, ela consegue isso (SAMBATTI, 2010, p. 116).

Segundo a declaração acima, a Catedral se configura como um espaço familiar que permanece aberto para qualquer pessoa, além de propício à introspecção e à meditação. No interior do templo, inexistem, ou minimizam-se, as diferenças de classe social e de *status*, todos se sentem filhos de Deus. Na comparação da Catedral com outros templos, a entrevistada assume sua predileção pelo templo local e o uso do pronome possessivo demonstra o seu sentimento de pertencimento ao templo. Ainda nessa linha de sentido, Rosária, moradora num edifício tradicional e próximo da Catedral, expõe a sua afeição pelo templo, evidente na emoção presente em suas palavras:

Eu nunca quis redar o pé de Maringá por causa da minha Igreja. Eu não deixo minha Igreja. Minha filha mora em Londrina, meus netos. Eu estou aqui, sozinha. Eu podia ir-me embora pra lá, mas, eu não vou conseguir ficar lá. Eu amo a minha Igreja e, por isso, que ela me marca tudo. Tem dia que eu tô mal, que você precisa de ver, eu já tô com setenta e oito anos, né? Mas, eu saio daqui, devagarinho, devagarinho, eu vou à minha Igreja. Saio de lá e venho. Então, ela me marca tudo, tudo. Eu estou aqui em Maringá, não saio daqui porque eu não deixo minha Igreja (PELIZARI, 2010, p. 143).

Quando Pelizari declara ostensivamente o seu amor pela Igreja, refere-se ao amor pela Catedral, local que frequenta assiduamente, participando das celebrações religiosas. Ao narrar a sua afeição pelo templo, ela procura reforçar o seu apego a ele, admitindo preferir morar sozinha, longe dos familiares, a abandonar o local em que vive. A entrevistada ainda fez questão de lembrar que os restos mortais de seu primeiro esposo estão depositados no ossário que existe no interior da Catedral.

Essas narrativas apresentam graus diferenciados de aproximação entre os entrevistados e a Catedral. Embora a Catedral sempre esteja associada à cidade, alguns católicos assíduos procuraram marcar as suas diferenças em relação aos outros, no que diz respeito à vivência no templo, com as suas celebrações religiosas e encontros comunitários. Para Maria Helena, por exemplo, os anos de vivência com o templo se traduzem numa relação de proximidade e de pertencimento à comunidade:

[...] para nós católicos, ela é o nosso templo, né? Para nós. Agora, para a cidade, para a comunidade maringaense, ela é um símbolo. É um símbolo, um ponto turístico, é a nossa vaidade por termos esta Catedral. Então ela é tudo isso. Agora, pra nós católicos, ela é a nossa Igreja. Ela é a nossa Igrejinha. Aquele monstro, lá, é a nossa Igrejinha. É lá que nós vamos, é lá que quando você precisa de uma hora, você vai lá no sacrário, você fica sentado, ali (CANTADORI, 2010, 137).



Foto 11: Dom Jaime, monsenhor Zanettini e membros da comunidade.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero.

Ao diferenciar o grau de intimidade dos católicos e dos demais membros da comunidade maringaense em relação ao templo, Maria Helena explora duas imagens contrárias: primeiramente, destaca a grandeza arquitetônica da obra, denominada como *monstro* e motivo de vaidade para a cidade; depois, apresenta a Catedral como a *Igrejinha* dos católicos, em uma referência a fortes experiências comunitárias que remontam ao início de tudo, na antiga Catedral de madeira, num prisma afetivo, íntimo e pessoal. De fato, durante sua entrevista, Maria Helena fez questão de se lembrar dos laços de solidariedade das pessoas que ainda frequentam a comunidade da Catedral. Ela destacou, inclusive, que quando houve um problema de saúde familiar, recebeu assiduamente a visita de membros da comunidade.

Portanto, pode-se afirmar que, para a comunidade católica, a Catedral é muito mais do que um monumento, ela é uma casa de encontro, acolhida e oração. Arnoldo, que atualmente é ministro da eucaristia e auxilia, aos sábados, o sacerdote durante as celebrações

eucarísticas, fez questão de delimitar a diferença entre a interpretação da Catedral como monumento ou casa de oração:

É um monumento? É. É. Eu já bati fotografia de casamento de uma... Muita gente. Principalmente, no final do dia, antes da missa ou depois da missa, que a gente trabalha no sábado. No sábado à noite. E, aí... Eu sou emotivo (*choro leve e risos*). E, aí, as pessoas vêm: 'Bate fotografia, aqui'. 'Bato'. E, aí, eu puxo pra dentro da Igreja: 'Olha, vamos bater aqui, assim, assim, assim. Olha lá, Nossa Senhora, tá'. São pessoas não católicas e tão lá, registrando fotos de seu casamento, dentro da Igreja e fico feliz da vida. Então, serve? Serve aquele monumento, sim. Mas, serve também de uma acolhida, que é o importante. É uma casa onde se pode se acolher para orar. É isso, nós, os católicos, nós temos que fazer. Não é um monumento, só. É uma casa que este pode ficar, ali, passar o dia. Então, a finalidade do templo é isto. É onde a gente se reúne para fazer as orações e isto a comunidade queria (CAMPOS, 2010, p. 39).

É importante que se reconheça também a dimensão da vida religiosa de muitas pessoas que frequentam o templo, desde os seus primórdios, até mesmo quando se reuniam na antiga Catedral de madeira. Nas palavras do professor Geraldo Altoé, católico assíduo, é possível perceber a presença desse sentimento religioso, que não se resume apenas ao aspecto vultoso da obra, mas também às marcas de uma vivência religiosa:

A gente guarda com muito carinho, com muita saudade, não é? Esse tempo que foi o desenvolvimento grandioso de Maringá, mas, em certo aspecto, mostrando a grandiosidade, também, das almas e dos corações de todos os que seguem a religião cristã (ALTOÉ, 2010, p. 75).

Nas palavras de Geraldo, o saudosismo faz brotar um sentimento de saudade do passado, um tempo que a maioria dos entrevistados guarda com zelo, porque proporcionou lembranças primordiais para as suas conquistas, um tempo em que os desafios enfrentados possibilitaram alcançar a situação vivenciada no presente da cidade. Em outras palavras, junto ao processo de construção da Catedral e das relações sociais estendidas em seu interior e à sua volta, também foi sendo construído um discurso fundador, que deu origem à interpretação da fase de prosperidade em que a cidade hoje vive.

5.4.2 A Praça da Catedral na construção de um tempo primordial

Atualmente, é prática comum algumas famílias, amigos e casais de namorados passarem as tardes de domingo sentados no gramado da Praça da Catedral, uma das poucas praças públicas de Maringá de que as pessoas ainda fazem uso para o encontro e o lazer. Se em um simples piscar de olhos fosse possível visualizar o passado desse lugar, desde a construção da Catedral Antiga, depois percorrendo todo o processo de construção da nova Catedral, seria surpreendente observar os diversos tipos de encontros, atividades e festas dos quais ela já foi palco. Embora a inauguração do local como *Praça da Catedral* só tenha ocorrido em 07 de novembro de 1982, esse sempre foi um espaço de referência para a cidade, principalmente nos primeiros anos de fundação, quando ainda não havia uma estrutura urbana bem desenvolvida⁵⁶.

Para Emílio, por exemplo, o crescimento da cidade é fruto da força jovem de seus pioneiros que, aqui, empenharam seus anos de juventude, numa época em que tudo era ainda bastante precário. Ele chegou a Maringá exatamente no dia da inauguração da antiga Catedral de madeira:

[...] quando cheguei em Maringá, não sei, me deu uma coisa que... Gostei daqui. Aí, eu fui na Companhia, que era o centro. Aqui de Maringá, era Companhia. Ali na... Ali na Joubert de Carvalho, na esquina. E vi, em cima do mapa... Vi, em cima do balcão, um mapa da cidade e um rapaz me explicou, lá, que: 'Aqui é Zona 2, aqui Zona 3, aqui Zona 1, centro da cidade, depois, lá, Zona 2...' Então, foi contando: 'Lá é Zona do Armazém, aqui é Zona de Comércio, aqui é Zona de Residência, assim por...' Eu: 'Puxa! Isso aqui é organizado. Isso é bem organizado!' E não tinha nada. Nada de serviço público, por exemplo: colégios... Colégios e... E água, esgoto e... Não tinha nada dessas coisa. As ruas eram de terra, as avenidas eram só um, um lado, assim. Aí, fui na Igreja. Era dia que se inaugurava essa Igreja, a Igreja Velha. A Igreja Velha... A Catedral que você não viu. A Catedral que você não viu, mas, você deve ter visto fotografia, né? Era o dia que inaugurava aquela Igreja, feita de peroba. E entrei... Quando entrei assim, a Igreja cheia. Na minha terra, quando eu ia na Igreja, a Igreja tava cheia. Não sei a porcentagem, né? Não vou dizer a porcentagem, mas, a grande parte, cabelo branco, careca, pessoas já de idade. E, então, eu disse: 'Olha, aqui é tudo jovem. Isso aqui vai pra frente. Isso, aqui, vai pra frente!' (GERMANI, 2010, p. 62).

Conforme ressalta Emílio, embora a cidade sofresse uma série de carências na estrutura física, o forte planejamento urbano e a força de uma população jovem alimentaram

⁵⁶ Em sua tese de doutorado, intitulada *A praça no contexto das cidades – o caso de Maringá - PR*, Bruno Luiz Domingos de Angelis (2000, p. 29) constatou: “A cidade nascente não oferecia muitas opções quanto ao lazer. Este é, aliás, um dos aspectos característicos dos núcleos pioneiros, em que o trabalho e as preocupações com a vida material ainda ocupam a maior parte do tempo dos indivíduos. Podemos argumentar ainda que a cidade carecia de toda infra-estrutura, inclusive das mais primárias, razão pela qual aqueles espaços públicos (*as praças*) foram implantados a posteriori, à medida que a cidade crescia e o plano urbanístico assim reclamava”.

suas esperanças de que o local cresceria e alcançaria sucesso. Na imagem mental que ele apresenta, a figura de pessoas jovens traduz uma concepção de povo robusto, ordeiro e bem-intencionado, caracterizando o espírito com que esses pioneiros falam do passado. Nestas lembranças do passado, ficaram evidentes as marcas de um tempo em que a convivência com um cenário rústico, na jovem cidade, tinha no espaço de localização da Catedral uma referência geográfica.



Foto 12: A Catedral Velha de Maringá.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Fornaziero.

Os tempos da infância e da juventude, o período dos casamentos, dos batizados e das festas, das atividades recreativas e demais encontros são momentos que marcam, para os entrevistados, o espaço onde hoje está a Praça da Catedral⁵⁷. Ademar procurou descrever tal cenário, lembrando-se das atividades esportivas naquele local:

[...] era um vazio da XV de Novembro (*Avenida*) até a Catedral. Toda esta praça, hoje, onde está a Prefeitura, onde está o Fórum, o Correio, era tudo um grande vazio. Ali tinha três ou quatro, quatro campos de futebol que a gente jogava aos domingos, jogava aos sábados à tarde. Aqueles que podiam. Campo de terra... E a gente, é... na época, eu era bem jovem, mas, acompanhava tudo isso. Então, a Catedral de madeira era nosso ponto de encontro [...] O padre Novaes era um padre que atendia na Catedral. Ele

⁵⁷ Segundo Bourdieu (1997, p. 165): “Entre todas as propriedades que a ocupação legítima de um lugar supõe, estão, e não menos determinantes, as que não se adquirem senão pela ocupação prolongada desse lugar e a frequência seguida de seus ocupantes legítimos: é o caso, evidentemente, do capital social de *relações ou ligações* (e muito particularmente dessas ligações privilegiadas que são as amizades de infância ou de adolescência) [...]”.

formou um time de futebol infantil e ele tinha três ou quatro times de futebol, o corinthinha, o palmeirinha, o são paulinho. Time infantil de futebol... E prestou um grande serviço à cidade, às crianças, da época, que não tinha o que fazer mesmo, né? (SCHIAVONE, 2010, p. 2).

Tais campos de futebol foram destacados, também, por Alcides. Ele se recordou de sua infância ao redor da Catedral e das partidas de futebol que disputavam. Ademais, enfatizou as diferenças sociais existentes entre as crianças treinadas pelo padre Novaes, que representava uma escola particular, e as demais crianças provenientes de uma escola pública:

[...] o que me lembra muito é que ao redor da Catedral, do Maringá Novo, chamado. Na Catedral de madeira, ainda, nós tínhamos, ali, vários campinhos de futebol [...] Só que, aqui, as pessoas mais humildes estudavam no chamado Colégio Gastão Vidigal. E o Gastão Vidigal tinha o seu campinho, mas, tinha, ali, ao lado da Catedral, que nós disputávamos, ali, jogos, né? Jogos. Então, até... Entre aspas, né? Virou uma rixa entre os futebolistas do Colégio Marista, que eram liderados pelo padre Novaes e os futebolistas do Gastão Vidigal, que era onde, hoje, é o Instituto de Educação, que era nós os pobres, ali. Que era o Estado, né? Nós não pagávamos mensalidade e os ricos pagavam mensalidade nos Maristas. Mas, no futebol a coisa era feia, né? Pra começar, o nome dos times, né? Né, Jonas? O time do padre Novaes, lá, do Marista, era corinthinha, flamenguinho, palmeirinha, mas, todos com uniforme bonitinho, do Palmeiras, do Corinthians. Nós não, rapaz. Nosso time era tachinha, preguinho, parafuso e percevejo. Aquela camiseta desbotada, lavada com sabão de banha de porco, né? Mas, ali... Então, nós jogávamos todos, ali, no pátio (GOMES, 2010, p. 9).

Alcides rememorou belos momentos de uma infância vivenciada com intensidade, que prescreve a singeleza das crianças, de seus momentos de lazer, mesmo que vítimas das diferenças sociais e econômicas. E essa condição de simplicidade com que o passado é narrado, faz emergir um contraste com a realidade pujante vivenciada na cidade do hoje.

Jorge também se lembrou da sua inserção nos times de futebol e das condições do ambiente em que jogavam ao redor do templo:

Eu joguei futebol lá. Nós tínhamos todo... Toda terça, quinta, nós vínhamos treinar, né? Eu morava num sítio ali perto e ia treinar. Time do guardinha. E domingo nós tínhamos jogo. Todo domingo tinha jogo. Eu joguei muito tempo, ali, no Glorioso Futebol Clube, que era o time da Catedral [...] E a gente jogava em campo de terra, veja você, o dia que... O dia que chovia, aquilo, ninguém parava, né? Eu era goleiro, lá, isso aqui (*mostra parte do corpo*) vivia tudo raspado porque é terra, né? Se... Por uma bola, ia metade da perna (FREGADOLLI, 2010, p. 82-83).

Segundo Jorge, o Glorioso Futebol Clube era composto pelas pessoas da Igreja. Na sua descrição, ele reforça o caráter aventureiro dos jogadores que enfrentavam todas as adversidades das condições do campo, num período em que reinavam a juventude e o vigor. Nesse mesmo sentido, Polonia, num tom amistoso, chamou a atenção para as precárias condições do ambiente para os jogos:

(*risos*) No meio das vassouras, eles jogavam, lá. Todas essas pessoas que trabalhava (*nas festas*), que tô falando, eram jovens, jogava descalço, no meio das vassouras (*risos*), ali. Eles jogavam lá. Desde... Olha, eu tô falando, ele (*o esposo, Juvenal*) chegou em 51 (*1951*) e aí tinha um posto de saúde, ali, naquele cantinho, na virada pra Cerro Azul (*avenida*). Mas, só ali que tava... E o resto era tudo aberto. Então, isso era campo de futebol, direto. Entre a... No término da Cerro Azul pro lado direito até, aí, a Tiradentes (*Avenida*), isso aí, sempre foi campo de futebol. Sempre. Mesmo hoje, né? (FUSINATO P., 2010, p. 96).

Nota-se que todas as reminiscências acerca do espaço ao redor da Catedral são descritas a partir de um cenário que busca impregnar uma história fundante, época em que as pessoas conviviam com uma paisagem urbana adversa. Assim, na perspectiva dos entrevistados, o espírito pioneiro foi fundamental para se construir a cidade da Catedral, simultaneamente, à construção desse templo. Ao referir-se ao espírito de conquistas, de trabalhos e de fundação, Emílio descreveu o intenso movimento de pessoas na cidade, as chegadas de famílias. Segundo ele, havia um clima de entusiasmo coletivo, de coesão e de sentido moral por parte dos moradores:

[...] o mais marcante era coesão, o entusiasmo... O entusiasmo coletivo. Era mulher, era homem, era... Trabalhava que nem um danado. Era... E tinha poeira, né? Tinha muita poeira. O verão era brabo, o sujeito suava, mas, suava mesmo! Vinha com carga ou vinha com, sei lá. Cada um com seu serviço, né? Suava mesmo! E a poeira grudava na... Fazia uma máscara. Então, ficava um pouco fora da máscara os lábios e os olhos. E assim mesmo, com a cara desse jeito, ele ia ao banco, fazia sua transação, ia embora trabalhar. Agora, pra ir no banco precisa arrumação... Passar lá pela portinhola, lá. Antigamente, não tinha nada disso. Nunca vi um crime aqui. Aqui não tinha crime. Teve, uma vez, uma briga aí, que, aliás, brigaram e não houve vítima, nem... Tinha uns valentes, né? Tinha uns valentes que a gente sabia que era valente. Gente, inclusive, que vinha do Estado de São Paulo, olhando o remanescente dessas revoluções que houve no Estado de São Paulo. Mas, gente pra brigar mesmo, não tinha, porque se tivesse, ele ficava isolado, ele ia embora. Era dessa maneira, né? Não havia nada (GERMANI, 2010, p. 65).

Há, nesses depoimentos, uma forte idealização do passado, em que se afirmam crenças a respeito do comportamento desses moradores na construção de uma vontade coletiva contundente; estavam certos dos desafios a serem trilhados, mas dispostos a enfrentarem todos os trabalhos necessários para a efetivação de um projeto diferenciado de cidade. Na descrição de Emílio, essa forte união, sobrepôs-se aos possíveis conflitos e diferenças sociais entre as pessoas, diferenças que puderam ser percebidas, por exemplo, no simples relato a respeito dos times infantis, o que também evidenciou a existência de projetos educacionais desiguais entre a escola particular e a pública.

Sob a determinação de uma intensa atividade de trabalho e de realizações, Elza destacou o seu ritmo de trabalho, interpretando-o como uma das razões para as suas poucas lembranças acerca do processo de construção da Catedral:

Eu não tenho muitas recordações porque eu trabalhava muito. Trabalhava muito, cuidando dos filhos. Naquele tempo, era muito difícil empregada. Então, era muito sacrificado. Não tinha asfalto. Eu morava lá perto do Teatro Barracão. Então, não tinha asfalto, era muito difícil, sabe? Ir pra escola. Mandar os filhos pra escola, tudo de guarda pó branco. Aquele guarda pó que usava de primeiro, né? Então, era vida muito... Então, cê não tinha tempo de você... Sabe? A gente trabalhava a semana inteira. Dificilmente a gente saía no sábado a tarde ou, então, no domingo, sabe? E normalmente, a gente ia na casa dos pais, né? (SILVA, E., 2010, p. 59).

A vida difícil, numa cidade que, segundo a entrevistada, estava em construção, contando ainda com ruas desprovidas de pavimentação asfáltica, numa intensa rotina de convivência com a poeira, apareceu reiteradamente no depoimento das pessoas. No entanto, para Kenji, o sucesso da cidade sempre foi muito maior do que as adversidades impostas pela própria natureza da terra roxa. Ele externou o seu amor pela cidade e ressaltou alegoricamente o bem que o pó vermelho foi capaz de gerar:

Eu sou maringaense. Eu quer morrer aqui (*risos*). Que gostei bastante de Maringá [...] então, Maringá, eu vi desde mato, terra. Quem vê isso hoje, eu fico muito, assim, grato, satisfeito, tudo. E tenho orgulho de maringaense. Quando eu chega na outra cidade: 'Cê pensa que é o quê? Pensa que ainda tem poeira? Tem, tem. Mais esse pó é muito bom. Foi uma vitamina'. Eu fala assim, né? (*risos*). É. É. 'Pra nós, foi vitamina, por isso que tá forte assim, né? (*risos*). A gente brinca, assim. Mas, eu mostro que: 'Ó! Maringá, hoje, é isso' (UETA, 2010, p. 104).

Vale destacar que esse ambiente primaz descrito pelos entrevistados é interpretado como parte da história de superação, vontade e esforço dos que *fincaram os pés* nesta terra.

E, nas entrevistas, a pauta sobre a construção da Catedral se tornou elemento favorável para que os entrevistados externassem tais sentimentos acerca do passado.



Foto 13: Panorâmica de uma das etapas da construção da Catedral e de seu entorno.
Fonte: Kenji Ueta.

É possível imaginar o paralelo entre o crescimento das paredes da Catedral e os discursos acerca das trajetórias individuais e coletivas desses primeiros moradores. É nesse sentido que Maria Helena destacou as suas impressões acerca do processo de construção:

[...] eu cheguei aqui em 1964 e existia a Catedral Velha, né? Então, eu frequentei até a inauguração... Eu frequentava a Catedral Velha. Então, a gente chegou aqui, aqui tava começando. Então, a gente cresceu com a Catedral. Naquela época, eu morava na Avenida XV de Novembro, bem pertinho, ali, sabe? Então, a gente... Parece que a gente viu tijolo por tijolo ser erguido, sabe? É uma... Foi um crescimento muito bonito, pra mim que era forasteira, né? No começo, assim, que a gente veio pra cá, a gente ficou muito impressionada com o povo que morava aqui. Porque todo mundo era de fora (CANTADORI, 2010, p. 132).

Assim como Maria Helena descreve a sua participação como testemunha ocular da construção, outros entrevistados ressaltaram essa dimensão, apresentando-se como testemunhas da obra e de suas etapas de construção. Fazer parte, estar junto e atuar em prol da construção foram, nas falas dos entrevistados, abordagens convergentes e homogêneas. As festas também foram relatadas como momentos privilegiados na constituição do sentimento

de participação e de pertencimento ao grupo de benfeitores da construção. Foi sempre rodeado de pessoas que o monumento em favor da cidade despontou naquela área central.

5.4.3 A Praça da Catedral em tempos de quermesses

Pela perspectiva da maioria dos entrevistados, as festas ao redor da Catedral atraíam um grande público. Denominadas como quermesses, tais festas foram momentos marcantes na vida da cidade. As pessoas se reuniam naquele espaço para confraternizar, ao mesmo tempo em contribuía para arrecadar fundos para a construção da nova Catedral. Ao rememorar o passado de festas na Praça da Catedral, os entrevistados apresentaram uma série de práticas que demonstraram costumes, modos de fazer e festejar que estavam bastante arraigados em uma cultura rural⁵⁸.



Foto 14: Área predominantemente vazia ao redor das fases iniciais da construção da Catedral.

Fonte: Kenji Ueta.

⁵⁸ Angelis (2000) apresenta, em sua tese, dados demográficos, baseando-se em fonte da Prefeitura Municipal de Maringá, referentes ao ano de 1997. Vale ressaltar a rápida passagem da situação de uma realidade rural para uma predominantemente urbana, na cidade, conforme se pode observar nos números que indicam a porcentagem da população rural de Maringá em ordem decrescente, com o passar dos anos: 1950 – 81,16%, 1960: 54,30%; 1970: 17,53%; 1980: 4,49%. Ao contrário, porcentagem da população urbana em ordem crescente, com o passar dos anos, foi: 1950: 18,84%; 1960: 45,70%; 1970: 82,47%; 1980: 95,51%. Em resumo: ao término da construção da Catedral, a realidade urbana imperava.

Nas lembranças de Cezar, que morava próximo da construção, há alusões aos momentos de festas ao lado da antiga Catedral. Ele também fez questão de associar, com bastante alegria, a sua história de vida e a da cidade como o cenário de construção do novo templo:

Eu tive a grata satisfação de crescer junto com Maringá, né? Então, como eu te falei, eu morava, ali, na esquina do Deville (*hotel*), ali, quatro, cinco casa, ali, na Martim Afonso (*rua*). Então, a gente via a construção da Catedral crescer dia-a-dia, né? Então, nós participamos de muitas festas, ali, né? Ao lado da Igreja Velha, Igreja da Matriz. Então, eles faziam muitas festas, ali, né? Quase toda semana tinha festa na Igreja, né? Muitas quermesse, naquela época, não era bingo, era muitas quermesse, muita... Muita venda de prenda, né? Frango assado, leitoa assada, né? Então, a gente participou de tudo isso aí, né? Era... Todo mês, nós participávamos de uma festa, ali. Aquele escampado. Ali era um escampado, não tinha nada. Só tinha a Igreja, a Catedral que estava se fazendo e defronte tinha o hotel Bandeirantes (*Grande Hotel*) [...] A Prefeitura ainda não tinha construção, o Fórum ainda tava pra se construir e era uma festa, né? (LIMA, 2010, p. 46).

Naquele espaço de construção e de projeções para o futuro, as quermesses davam vida para a cidade. A assiduidade dos encontros e a criatividade de seus idealizadores garantiam a participação do público, que desfrutava daqueles momentos, ao mesmo tempo em que colaborava com a construção do novo templo. Ademar destacou a participação popular e o conagraçamento em prol da construção:

Bom, nós tínhamos pelo menos uma vez, a cada quinze dias, uma quermesse ao lado da Catedral Antiga, de madeira, naquele barracão que eu te falei, que era muito grande. Lá aconteciam as quermesses, a cada quinze dias, uma vez por mês, eu não me recordo bem, mas, a gente vinha participar. Todo mundo vinha, a cidade inteira vinha, lá, e participava. E festas, tinha tudo, tinha uma quermesse, tinha para arrecadar dinheiro para construir a Catedral. E o povo participava, participava mesmo! Tinha até serviço de alto-falante, oferecendo a música para fulana. Aquele negócio todo. Você pagava para oferecer. Era interessante isso. Funcionava e arrecadava dinheiro. Era bastante importante a participação do povo mais simples, principalmente, nesse processo de arrecadar dinheiro para construir a Catedral [...] tinha churrasco, tinha frango, tinha bingo, tudo isso. Parque de diversão. Então, isso acontecia mensalmente pelo menos, tinha festas, as quermesses. Belas festas! (SCHIAVONE, 2010, p. 4).

As festas paroquiais agremiavam as pessoas, tornando-se um ponto de encontro que favorecia a convivência da comunidade, independentemente de condição financeira, ao mesmo tempo em que fortalecia o projeto de construção do novo templo. Segundo Manicardi, essas festas ao redor da antiga Catedral - pois a nova ainda estava em fase de

construção - podem ser equiparadas à atual Expoingá, a Exposição Agropecuária e Industrial de Maringá, promovida pela Sociedade Rural de Maringá:

[...] todas as festas que hoje existe lá na Expoingá, em outros lugares, eram todas, lá, no pátio da Paróquia. A Companhia Melhoramentos cedeu aquela área toda, né? Pra Praça da Catedral, que pudesse construir, lá, essa beleza dessa Catedral [...] Então, as festas eram realizadas todas lá, né? Cada Igreja tinha sua barraca, cada empresa tinha sua barraca, cada entidade tinha sua barraca, mas, tudo era renda que se revertia pra construção da Catedral e algumas coisas mais. Mas, as festas, todas elas, eram realizadas em redor da Catedral, em redor da construção da Catedral (MANICARDI, 2010, p. 32).

As festas são apresentadas como ambientes propícios à associação das forças sociais em favor da construção. Assim, montavam-se as barracas, organizavam-se os momentos de entretenimento, num período em que a cidade apresentava poucos atrativos para seus moradores. Para que esses eventos se realizassem, havia o envolvimento da comunidade, principalmente daquelas pessoas que possuíam presença ativa dentro da Igreja. Segundo a professora Polonia, as pessoas não mediam esforços para auxiliar nas festas e promoções daquela época. Ela destacou a força dessa dedicação e de todo o trabalho coletivo desenvolvido durante as quermesses:

[...] tava envolvido todos os movimentos. Era... Tinha liderança dos Marianos, que a gente... Das Filhas de Maria, de... Era comunidade grande, assim, que fazia movimentos. Apostolado da Oração, o Movimento dos Senhores, né? Que fazia aquelas comissões grandes. E cada tipo de festa era um que cuidava. Era uma festa grande, lá. E, assim, nos movimentos, também. Na Frente Agrária⁵⁹, era mais ou menos na mesma época. Houve época de matar dezoito bois e assar naquelas... Naquelas valas [...] Eles trabalhavam... Era trabalhar. Não era pouco, não. Era ficar vinte e quatro horas em cima do trabalho e uma... Era um batalhão de gente. A Igreja inteira se movimentava e o pessoal não ficava esperando vim aquelas festas, não. Acabava uma, já começava outra. Era direto [...] Então, as quermesse ia pra frente porque, assim, uns cuidava só da parte de alimentação, outro da parte de divertimento. Então, cada um liderava isso e era tudo pra mesma... Então, era um pessoal que trabalhava (FUSINATO, P., 2010, p. 95).

Entre as pessoas que trabalhavam nestas festas estão Rosária e o seu falecido esposo, Ângelo Pelizari. O casal se dedicava com afinco à organização das festas. Rosária recordou-se da participação das famílias nessas festas, quando se colocava à disposição dos moradores uma farta oferta de alimentos e opções de entretenimento. Ela destacou o atendimento das

⁵⁹ A entrevistada menciona a Frente Agrária Paranaense, cujo lançamento foi marcado com a realização de uma missa campal, em 1961, na Praça da Catedral, contando ainda com um almoço festivo (SILVA, 2006).

moças, nas festas organizadas pelo marido, demonstrando um ambiente agradável e familiar, sem extravagâncias, marcado pelo respeito e pela confiança:

Almoçava todo mundo, depois, começava a festa. Tinha bingo, tinha toda essas barraquinha que tem, que hoje não tem mais. Ali, naquele largo, era tudo barraquinha, era bingo, era... Tinha frango, tinha salgados. Então, o pessoal ia com a família, sentava e tomavam e comiam e a gente tinha as moças que atendia. E, inclusive, naquele tempo, não existia circular (*transporte coletivo*), então, a festa terminava onze e meia, meia-noite, né? A gente dá uma organizadinha e, depois, ainda, pegava eu, meu esposo, a gente tinha um caminhão, naquele tempo. Pegava as moças e ia levar. Eu tinha três moças que, hoje, elas estão morando em Goiânia. Que elas moravam na saída de Maringá, que vai lá pra Astorga. Nós íamos levar elas porque não tinha como elas irem. E o pai deixava vir porque era nós que íamos buscar. Então, a gente... E foi feito com tanta boa vontade que, hoje, eu me sinto feliz, às vezes, eu penso: 'Puxa! Ainda eu era meia criança'. Falei: 'Se fosse pra eu tiver essa mentalidade de hoje, eu acho que eu ainda faria mais'. Porque você sabe disso, né? Que a mentalidade da pessoa acompanha a idade (PELIZARI, 2010, p. 145).

A boa vontade e o empenho dessas pessoas em prol da construção foram marcas dos períodos de festas. Tal realidade também pode ser verificada por meio de um curioso relato apresentado pelo casal Polonia e Juvenal Fusinato: ao participarem de uma promoção da Igreja, em que seriam sorteadas passagens para Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, com todas as despesas pagas, eles foram contemplados. No entanto, o que impressionou na descrição foi a adesão do casal à campanha:

[...] fizeram um sorteio pra ir com a caravana da Bandeirantes, no campeonato mundial de futebol, na Inglaterra... E, ah... Ele tinha várias propriedades. O Juvenal tinha várias propriedades aí, e uma delas tava encrocado já fazia bastante tempo. Um dia, ele me falou: 'Se conseguir vender isso aí, vou dar tudo pra construção da Igreja'. Aí, ele contou isso pra dom Jaime e ele conseguiu vender mesmo. E dom Jaime falou: 'Não, não. Pera aí. Você não vai dar assim não. Eu vou lá na tua casa, que tem um monte de... Eu vou te vender uns bilhete da... Do sorteio pra ir, pra viagem pra Inglaterra'. Na época, era um cheque de 1.400 reais e duas passagem com hotel, durante todo o campeonato e... cadeira cativa no Estádio. Era a caravana da Bandeirantes. E ele comprou, acho que 53 bilhetes, não foi? E no fim, foi sorteado e ele ganhou (*risos*).

Eles foram sorteados, mas, infelizmente, por causa de um pequeno problema de saúde na família, não puderam desfrutar daquela viagem. Porém, trata-se de um relato que dimensiona o grau de comprometimento do casal com as promoções da Igreja, em benefício da construção da Catedral. A venda da propriedade e o fato de o dinheiro ter sido colocado à disposição do bispo é uma prova de compromisso com a Igreja.

Já o jornalista Franklin participou ativamente da venda de canecos de chope, outra atividade descrita como bem sucedida em prol da construção. Segundo o jornalista, as festas do chope foram momentos marcantes, em que se destacaram a acolhida e o entusiasmo das pessoas para com a campanha:

[...] nós saíamos todo dia, por volta das dez horas, mais... Nove e meia, dez horas, né? Tomava um cafezinho, lá, na casa do padre Sidney e saíamos para vender as cotas de caneco de chope para toda a comunidade empresarial da cidade. E, isso aí, a gente quando chegava, eu, na época, trabalhava na Folha Norte do Paraná e aonde a gente chegava, era muito bem recebido, obviamente. Não só pelos próprios católicos, mas, também, pois, se tratando de uma obra gigantesca, uma obra meritória, porque sem dúvida nenhuma, a Catedral, segundo me consta, é o décimo terceiro monumento, em altura, do mundo. Eu não sei se já passaram ele, só sei que a história é mais ou menos essa, né? Daí, aonde a gente chegava, então, era aquela alegria, aquela felicidade, tudo, me entende? (SILVA F., 2010, p. 69).

Segundo os entrevistados, o espírito de cooperação, de ajuda mútua e de dedicação esteve presente nos eventos festivos, evidenciando um cenário de muito trabalho e organização em prol dos objetivos a serem alcançados. Lia recordou-se do trabalho de seu sogro, Vitorio Sambatti, bem como das senhoras que se dedicavam, atuando nas cozinhas dessas festas que eram realizadas ao redor da Catedral:

Antes, tinham as festas que o meu sogro, ele fazia uma festa muito grande, do dia de São Cristóvão, que rendia bastante dinheiro. Era uma festa, assim, que vinha o pessoal da região, tudo, com... Aí tinha bingos, tinha o pessoal que fazia um bônus com frango assado, churrasco, né? Aquelas festas [...] Eu me lembro que ele tinha mais alguns... Agora a minha sogra já faleceu, senão ela lembraria, ainda, outras pessoas, das outras senhoras que iam lá e faziam e ficavam, né? Na cozinha, cozinhando e fritando panela... Ela sempre falava que fritavam tanto pastel, tanto pastel nessas (*risos*) festas aí (SAMBATTI, 2010, p. 115-116).

Foram muitas as formas de participação e de apoio na construção e, por certo, a criatividade e as várias iniciativas da comunidade deram àquela Praça da Catedral uma grande vivacidade durante os anos de trabalho em prol da construção e das obras da Igreja. A ideia de comunhão e de unidade da comunidade em favor da construção e das coisas da cidade pôde ser contemplada, portanto, também nos momentos de festas:

[...] faziam mais festinha em volta da Igreja mesmo, né? Pra construção, pra arrecadar dinheiro. Mesmo depois que ela terminou, ainda continuou. Depois, já pronto, fez a Praça, gramou e tudo, aí perdeu espaço. Aí, a Prefeitura, também, eliminou... Que ali era... Arthur Thomas (*rua*) passava

dentro da Praça. Aí, eliminou. Fez a Praça inteirinha, né? Pra Igreja [...] O comércio em geral, os empresários todos, colaboraram. E mesmo o pessoal da... Os leigos, todo mundo, colaborou. Acho que todo mundo tem um tijolinho ali. Daquele tempo, né? Hoje em dia tá bastante, uma terceira cidade do Paraná, né? (MESSIAS, 2010, p. 121).

Assim, com a descrição da Praça da Catedral como um espaço de encontro, confraternização e festas, mais uma vez se verifica que as narrativas dos entrevistados direcionam o processo de construção da Catedral para a efetivação de um projeto que é, genericamente, de todos. Essa ideia está bem representada na imagem dos tijolinhos. Pensar cada pessoa colocando o seu tijolinho na construção denota a constituição de uma experiência social com acentuado grau de homogeneidade, ao menos no nível do discurso, em que a causa da construção da Catedral se tornou a realização dos anseios e desejos de uma coletividade.

5.5 SOB O PRESSÁGIO DO SUCESSO: A FORÇA MÁGICA DA CATEDRAL

Um dos fatores observados, durante a análise dessas entrevistas, diz respeito a uma certa “aura”, constante nas narrativas, centrada em uma interpretação de certos eventos carregada de presságios, de tal modo que a Catedral e os agentes envolvidos na sua construção se conformaram em cumprir a promessa da constituição de cidade próspera, desenvolvida e vocacionada para o sucesso perene. Nessa direção, cabe destacar, ainda que sucintamente, a dimensão mágica do símbolo Catedral no imaginário de cidade desses entrevistados.

De acordo com Paula Monteiro (1986, p. 60): “Compreender os sistemas mágicos como sistemas simbólicos significa, portanto, perguntar o que eles dizem sobre as sociedades que os produziram. Compreender como os homens pensam diz algo a respeito de como eles são”. Nessa perspectiva, ao enfatizar os pontos fortes da supervalorização da Catedral e da sua influência na vida da cidade, ao estabelecer o templo como símbolo anímico, vivo e atuante, os entrevistados acabaram por legitimar as especificidades de suas práticas sociais ao longo do tempo.

A força simbólica da Catedral apareceu vinculada à sua forte dimensão comunicativa, revelando muitas das crenças dos entrevistados em relação ao mundo social em que vivem. Segundo Lévi-Strauss (1993, p. 19): “Os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a antropologia, que é uma conversa do homem com o homem, tudo é símbolo e

signo que se coloca como intermediário entre dois sujeitos”. Portanto, por meio do símbolo Catedral, os entrevistados encontraram condições favoráveis para externalizar as suas crenças, dando consistência argumentativa para o conteúdo comunicado nas narrativas.

O espectro mágico da Catedral, em tal conteúdo, ora em maior grau, ora em menor grau, transformou o templo em uma espécie de talismã das venturas favoráveis à consolidação de uma cidade moderna e na constituição de um povo trabalhador, determinado e solidário, segundo as auto-representações dos entrevistados. Sob este ângulo, a Catedral está investida de eficácia simbólica, pois sintetiza e expressa o resultado de expectativas e crenças cumpridas por uma história de relações sociais generosas e profícuas. Tal eficácia se revela como chave para o entendimento das motivações que estiveram presentes nas narrativas, ao atribuir ao templo a causa do desenvolvimento urbano e social de Maringá⁶⁰. Em certa medida, esse último aspecto pode esclarecer a dimensão quase profética que assumem muitos trechos presentes nas entrevistas que foram analisadas.

⁶⁰ Para Lévi-Strauss (1973, p. 208), ao analisar a relação entre a trajetória de Quesalid com a feitiçaria e os doentes, este “não se tornou um grande feiticeiro porque curava seus doentes, êle curava seus doentes porque se tinha tornado um grande feiticeiro”. Eis aí uma prova da importância da aprovação e da crença coletivas nessas relações mágicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa etapa de um trabalho sempre gera algum tipo de expectativa, tanto por parte do pesquisador quanto de seus potenciais leitores, isso porque as considerações finais são um desfecho dos desdobramentos apresentados ao longo do texto. No entanto, convém lembrar que o texto apresentado pelo pesquisador não é a pesquisa. Ele é uma elaboração posterior, que procura apresentar, de forma organizada e coerente, o resultado final inscrito na dinâmica relação entre pesquisador, sua potencialidade analítica e o trabalho de campo. O texto por inteiro já se trata de uma espécie de palavra final daquele momento específico, dentro das limitações do ponto de vista de quem faz a pesquisa. Assim, desde as primeiras linhas até as últimas, já estão impressas as conclusões tomadas, mesmo que carregadas de inquietações, dúvidas e inseguranças.

Outro aspecto que vale ser ressaltado, principalmente por se tratar de uma pesquisa realizada com entrevistas abarcando memórias, é que o resultado apresentado no texto final é apenas uma versão entre as diversas versões possíveis para a análise do conteúdo⁶¹. Porém, essa evidência não exclui o anseio de se aproximar ao máximo da forma como a sociedade e os indivíduos veem e organizam o seu mundo.

O estudo das memórias não pode desconsiderar o caráter polissêmico da sociedade em que elas se originam e se apresentam, mas essa polissemia não se expressa por meio de pontos incomunicáveis dentro de uma sociedade. Os grupos sociais possuem uma interdependência que interfere diretamente na forma como atribuem sentidos às suas vidas e histórias. Assim, na análise das memórias, considerando as lembranças individuais dos entrevistados, é preciso retomar a contribuição de Maurice Halbwachs, para entender que elas não estão fechadas em si mesmas, mas estão em plena sintonia com os valores, costumes e tradições da sociedade, como condição para as suas existências. Nesse sentido, a memória individual:

[...] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 2004, p. 58).

⁶¹ Segundo Roberto DaMatta (1993, p. 21): “Nossas reconstruções, assim, diferentemente daquelas realizadas pelos cientistas naturais, são sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidade e perspectivas. Tudo isso que pode utilizar os dados disponíveis ou solicitar novos dados ainda não vistos”.

Conforme se verificou, todas as entrevistas revelaram pontos comuns de um mundo compartilhado ao longo das trajetórias dos entrevistados na cidade de Maringá. É nesse sentido que, ao longo deste texto, o pesquisador buscou constituir um ambiente social, nas palavras de Raymond Williams, uma *estrutura de sentimento*, formado por valores e significados vivenciados e interpretados pelo grupo de entrevistados. Eles compartilham condições formadas numa vívida experiência social que não se estanca, mas está em constante movimento e que dá sustentação às suas crenças e práticas, que diz acerca do que são e do mundo que os cerca.

Ao serem convidados a falar sobre o processo de construção da Catedral, dos acontecimentos que o cercaram e dos agentes nele envolvidos, os entrevistados, de modo geral, reiteraram a força simbólica do templo, o que se evidenciou na fabricação de um discurso acerca da sociedade e do local em que vivem. Ao reinterpretarem a história da Catedral, eles ofereceram ao entrevistador a oportunidade de entendê-los naquilo em que foram tocados, na própria ordenação que fizeram dos acontecimentos⁶².

Tratou-se de buscar nos discursos o que havia de predominante e o que está diretamente ligado aos valores defendidos pelos entrevistados. Dessa maneira, a Catedral se apresentou como paladina da imagem de cidade que se vislumbra. Os entrevistados são moradores de áreas centrais da cidade, portanto, suas lembranças não podem deixar de ser analisadas a partir da condição de estabilidade econômica e privilégios advindos da situação em que vivem. O próprio projeto da Catedral está inserido numa dinâmica de planejamento urbano, o que a coloca em destaque na parte central da cidade, numa organização geográfica que previamente estabeleceu aparatos que segmentaram o lugar de moradia a partir da renda de seus moradores⁶³.

Assim, a Catedral, vista como o símbolo da cidade, é, também, a representação do prestígio e do poder econômico dos moradores que estão no seu entorno. Morar próximo da Catedral, fazer parte da história de sua construção são fatos que se convertem em motivos de orgulho numa cidade nitidamente marcada pelas diferenças de status, o que denuncia a existência das classes sociais por meio da própria dinâmica urbana de sua organização.

⁶² Assim: “A destruição/reconstrução de singularidades culturais e regularidades locais, cada vez mais, remetem o antropólogo a pensar as referências de tempos vividos e ordenados na experiência ordinária dos atores sociais como forma de atribuir significação aos seus atos e pensamentos” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 84).

⁶³ Segundo Ana Lúcia Rodrigues (2004, p. 56): “Desde o princípio da ocupação residencial de Maringá, o local de moradia “pré”-classifica os moradores como pertencentes às camadas de altas rendas, de baixas rendas ou, ainda, às camadas médias, situação que ainda hoje persiste, mesmo com o crescimento populacional e do próprio espaço da cidade”.

Assim, os principais interessados em manter vivo um discurso ufanista acerca da cidade são os que mais usufruem das benesses desse tipo de organização social. Quanto mais bem localizadas as pessoas estiverem no espaço urbano, parece que maiores serão as chances de que produzam e reproduzam um discurso hegemônico sobre a imagem positiva da cidade. É nesse sentido que se pode entender a constituição de um discurso triunfal, que acompanhou a maioria dos relatos sobre o que significa a Catedral para a cidade. Tais discursos estão alocados em uma perspectiva otimista sobre os caminhos venturosos da cidade, desde a chegada dos seus pioneiros.

Tal perspectiva não está descolada do que alguns pesquisadores já apontaram acerca da construção do próprio processo discursivo e imagético desta região norte do Paraná⁶⁴. A força hegemônica dessas narrativas que se reforça no simbolismo da Catedral, constitui uma *vulgata* localista nos moldes da problemática apresentada por Alain Bourdin⁶⁵. Assim, o conteúdo das narrativas, de modo geral, constitui um autoconceito acerca do local, em que os entrevistados dão ênfase à força dos pioneiros, às boas condições da terra roxa para a produção agrícola e aos fatores históricos como um presságio na formação de uma cidade forte, econômica e socialmente desenvolvida. Há, portanto, uma afirmação radical do local, que se valoriza pelas suas especificidades, caracterizadas numa série de fatores que legitimam a sua situação frente a outras localidades.

No entanto, haja vista que o tema geral da pesquisa teve como foco a construção da Catedral, poder-se-ia perguntar: por que, então, tocar nessas questões? Ora, aqui, ousa-se afirmar que o estudo da construção social e simbólica da Catedral criou condições para averiguar uma série de elementos da vida social maringense, os quais possibilitam afirmar que tal monumento corroborou para a constituição de uma identidade localista para os moradores da cidade, representado pelos entrevistados. Percebe-se o quanto o processo de construção do templo mobilizou agentes na configuração desse local, demonstrado, por exemplo, na íntima relação entre o templo e a vida da cidade. Ademais, a Catedral parece espelhar as idealizações que os entrevistados demonstraram acerca das relações harmônicas

⁶⁴ Segundo Gonçalves: “Pioneiros realizando uma verdadeira reforma agrária no norte-paranaense é uma imagem-síntese que resume toda uma epopéia conquistadora cujos significados políticos ultrapassam, em muito, a mera remissão a uma parcela do espaço brasileiro. Com efeito, observada com cuidado, uma grande parte da literatura acerca dos processos de colonização das áreas setentrionais do Paraná evidencia uma permanente preocupação em fazer da descrição minuciosa um receituário normativíssimo de procedimentos que deveriam ser copiados pelo mundo afora” (GONÇALVES, 1999, p. 120).

⁶⁵ Segundo Bourdin (2001, p. 27): “Durante os últimos decênios, o interesse muitas vezes foi direcionado para tudo que representa a “base” por oposição aos grandes aparelhos sociais: a empresa, a família, o local, os movimentos de protesto e as diversas formas de afirmação de identidade. Esses objetivos privilegiados servem de base a um discurso de conjunto sobre a sociedade”.

da sociedade em que vivem, numa afirmação do local como um espaço estável e sem contradições. Interpretar tais aspectos, como a formação de uma identidade localista resulta de um exercício interpretativo que busca entender as motivações que intermedeiam a fabricação de um discurso que engloba convicções e posições sociais dos entrevistados.

Maringá é uma cidade jovem, foi fundada em 1947, ficando muito explícito desde sua formação inicial o caráter predominantemente artificial, num planejamento racional que provocou uma brusca transformação da paisagem local⁶⁶. Embora as narrativas tenham evocado o enfrentamento de várias adversidades, bem como o trabalho duro dos primeiros moradores e o heroísmo da *gente de Maringá*, a cidade já nasceu sob os auspícios do dinheiro e do crescimento previamente planejado. Desde seu início, Maringá se apresentou como uma terra de negócios lucráveis, e muitos de seus primeiros moradores já chegaram como proprietários, movidos por objetivos claros de ascender socialmente. Nesse aspecto, a construção de uma identidade localista procura salvaguardar o prestígio social dos pioneiros e acaba por supervalorizar os esforços de muitos daqueles que, desde o princípio, já contavam com condições bastante favoráveis para o investimento e o lucro. O pioneirismo que reforça a identidade localista encobre as relações desiguais de oportunidades, tanto de moradia como econômicas, entre proprietários de imóveis e trabalhadores braçais, situação que atravessa toda a história da formação da cidade, até os dias atuais⁶⁷.

É somente assim que se pode compreender o discurso triunfal emitido por esses moradores das áreas centrais da cidade, como profissionais liberais, empresários, ex-funcionários públicos e políticos, que interpretaram o projeto e a construção da Catedral como perfeitamente cabível aos padrões da cidade e coerente com seu destino de grandeza. É nesse sentido que se pode pensar o discurso hegemônico apresentado pelos entrevistados, por meio da interpretação que Raymond Williams (2000, p. 131, tradução nossa) fez da categoria hegemonia:

⁶⁶ Nesse sentido: “Maringá, enquanto cidade planejada, foi criada com os requisitos de um centro urbano de importância regional e seu desenvolvimento não se deu a partir de um núcleo de ocupação antiga [...] como cidade planejada, teve a vantagem de contar com as técnicas mais atuais do urbanismo universal. As etapas de seu desenvolvimento foram ‘queimadas’, passando-se quase da mata virgem para um traçado urbanístico e uma arquitetura arrojados (ANGELIS, 2000, p. 35).

⁶⁷ Assim, Segundo Ana Lúcia Rodrigues (2004, p. 63): “O mercado imobiliário, ao qual as baixas rendas não têm acesso, mantém-se economicamente forte, congregando também forças políticas que se fazem representar em todos os fóruns de decisão do município, o que tem possibilitado o atendimento às suas demandas, desde a fundação da cidade. No extremo oposto, historicamente mal representada politicamente, a população de baixa renda que não consegue conquistar sequer o direito à moradia nos domínios do município. Essa é a equação que resultou no processo de segregação socioespacial em Maringá”.

A hegemonia constitui todo um corpo de práticas e expectativas em relação à totalidade da vida: nossos sentidos e nossas energias, as percepções definidas que temos de nós mesmos e de nosso mundo. É um vívido sistema de significados e valores – fundamentais e constitutivos – que na medida em que são experimentados como práticas, parecem confirmar-se mutuamente⁶⁸.

Portanto, torna-se apropriado entender a produção do discurso desses entrevistados como o resultado do que experimentaram como valores e significados de suas práticas sociais. São narrativas que apontam para uma produção hegemônica no círculo social maringense, entendida como um processo que não se encerra em considerações totalizadoras e nem abstratas, mas é constantemente renovada, recriada e defendida na prática social desses moradores. É possível falar, a partir dessas narrativas, sobre o hegemônico ao invés de hegemonia e sobre o que é dominante ao invés de dominação, pois: “A realidade de toda hegemonia, em seu difundido sentido político e cultural, é que, enquanto por definição é sempre dominante, nunca o é de um modo total ou exclusivo” (WILLIAMS, 2000, p. 135, tradução nossa)⁶⁹.

Na perspectiva de Williams, reconhecer tal força hegemônica não obriga chegar às conclusões totalizantes e fechadas, porém, também não dispensa da necessidade de se reconhecer um tipo de fabricação social, verificável na observação, nas entrevistas e no que foi analisado, que predomina sobre outras possíveis construções sociais. Tais procedimentos apontam para um processo hegemônico, produtor de uma identidade localista para a cidade, mesmo que não se possa apreendê-la em sua totalidade.

Durante as entrevistas, vinha à mente algumas interrogações: por que esses entrevistados estão seguindo uma linha de raciocínio tão próxima para falar do processo de construção da Catedral? Por que eles endossam o projeto de modo tão homogêneo? Onde está a oposição? Alguém ousará dizer que o templo não tem lá uma estética muito bonita? E numa sequência de contatos, com os entrevistados, vinham as recomendações e os nomes sugeridos para as entrevistas que, de modo geral, reiteravam o ponto de vista anterior. No decorrer desse processo, as indagações sobre a importância da Catedral para a cidade foram sendo respondidas.

⁶⁸ Cf. a citação no original: "La hegemonía constituye todo un cuerpo de prácticas y expectativas en relación con la totalidad de la vida: nuestros sentidos y dosis de energía, las percepciones definidas que tenemos de nosotros mismos y de nuestro mundo. Es un vívido sistema de significados y valores – fundamentales y constitutivos – que en la medida en que son experimentados como prácticas parecen confirmarse recíprocamente".

⁶⁹ Cf. a citação no original: "La realidad de toda hegemonía, en su difundido sentido político y cultural, es que, mientras que por definición siempre es dominante, jamás lo es de un modo total o exclusivo".

A Catedral não se resume somente a um ponto turístico, nem os católicos a veem exclusivamente como um templo religioso. Ela é um símbolo que, sob o julgamento desses entrevistados, comunica a imagem da cidade que desejam transmitir aos visitantes, aos parentes e aos amigos que foram deixados em suas terras natais, quando decidiram mudar-se para Maringá.

Essa imagem de cidade, vislumbrada na Catedral, trata-se de uma visão prodigiosa acerca do sucesso de seus moradores, que acreditaram numa promessa que, segundo eles, se cumpriu. É a promessa de que Maringá cresceria, seria uma cidade desenvolvida e moderna. Nas narrativas acerca do processo de construção do templo, essas crenças foram emergindo, apresentando a Catedral como o sinal dessa determinação, desse desejo de construir uma cidade pujante e de sucesso. A lógica do discurso é mais ou menos esta: olhando para a grandeza da Catedral, para seu modelo arrojado, percebe-se a força e a determinação de quem a construiu.

É assim que a relação entre passado e presente, antigo e atual, velho e novo, tornou-se fundamental na leitura que as pessoas entrevistadas fizeram sobre a Catedral. Aqui, pensar a velha Catedral *versus* a nova Catedral rendeu questões pertinentes ao modo como esses entrevistados veem o processo de formação da própria cidade. A construção de uma Catedral toda em concreto aparente representa o moderno, o atual e ao que condiz com a realidade esperada para Maringá, já a velha Catedral em madeira, que fora destruída, representa um passado que se consome velozmente, numa cidade em constante transformação. Tais mudanças são legitimadas pelas práticas sociais, em um processo contínuo de construção da cidade, marcando-a pelo desejo do atual, do moderno e do belo.

Sob a imagem da madeira e do concreto, nas Catedrais, é possível entender acerca do tratamento que vem sendo dado ao patrimônio histórico do município. Na cidade, tudo o que é considerado velho, ultrapassado, é facilmente descartado do cenário urbano. O caso mais recente foi a destruição da antiga rodoviária, que ficava em área central da cidade. Os indícios levam a crer que essas práticas remetem a uma contínua reafirmação do local como atual, moderno e sempre em plena ascensão. Essa atitude contribui sobremaneira para intensificar o simbolismo da Catedral, que os entrevistados insistiram em interpretar como monumento que eleva e que direciona a todos para o alto. Assim, o passado da cidade não deixa de ser apresentado pelas memórias, mas ele é visto como um estágio que foi completamente derrotado pela garra e pela engenhosidade de seus primeiros moradores.

Tal visão despreza qualquer entendimento que amplie os horizontes para além das fronteiras da cidade. Trata-se de um olhar que se encerra em si mesmo, em um movimento

narcisista que se prende ao entorno do templo, longe de uma leitura acerca das complexas relações sociais que permitem a plena manutenção de uma realidade econômica e de privilégios locais, a partir do usufruto de mão-de-obra barata advinda de cidades circunvizinhas. O que os entrevistados veem como problemas que ficaram na dura realidade do passado é, hoje, a realidade vivenciada por muitas pessoas em cidades como Paiçandu e Sarandi, com ruas sem asfalto, poeira, pobreza e as poucas opções de lazer. Não enxergar tal realidade também evoca a presença de uma identidade localista que classifica e que atribui significado ao que é ser maringaense.

Por fim, ao apresentarem o processo de construção da Catedral como uma experiência social que resultou da participação de todos os habitantes, os entrevistados fizeram uma escolha narrativa que ampliou consideravelmente o grau de interação da cidade com o templo. Assim, um projeto que poderia ser entendido como o simples interesse da Igreja Católica ou de uma elite de políticos e empresários, estendeu-se nas narrativas para um plano geral. Essa é mais uma evidência de que o templo corroborou para a constituição de uma identidade localista que, nesse caso, busca suprir as diferenças e afirmar as afinidades, os sentimentos e os desejos de toda uma comunidade, simbolizados na Catedral. Pode-se, inclusive, arriscar-se a dizer que a construção da Catedral resultou de um projeto hegemônico da Igreja Católica, apoiado e aprovado por uma elite de empresários e políticos, mas que também foi incorporado pelos demais grupos populares da cidade.

As avaliações, aqui apresentadas, são reveladoras da imagem refletida daquilo que se pôde captar dos entrevistados e do que descreveram sobre a sua sociedade. Os sentidos que um símbolo pode adquirir não se esgotam e nem podem ser captados totalmente. A Catedral, possivelmente, continuará sendo um espelho para Maringá. Ao longo dessa pesquisa, procurou-se evidenciar que tal espelho refletiu muito mais os trajes de festas e a perfeição de uma maquiagem social, mas a história não está fechada, ela segue aberta para novas intervenções, para ser transformada pelo fazer e pelas mãos de seus agentes. O exercício de interpretação dos pesquisadores e dos que compõem o cotidiano desta cidade também é dinâmico. Por ora, há que se reconhecer que, no espelho chamado Catedral, as imagens de cidade emitida pelos entrevistados justificam e legitimam a maneira como ela é socialmente reconhecida, não por acaso, *Catedral de Maringá*.

REFERÊNCIAS

FONTES DE ARQUIVOS

BORBA, Luís Carlos. O enterro da verdade. *A Tribuna de Maringá*, Maringá, 13 set. 1959. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

CATEDRAL: agora a segunda etapa. *Folha Norte do Paraná*, 6 ago. 1972. Construção da Catedral, B 34, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

CATEDRAL fica pronta até o fim do ano que vem. *Folha de Londrina*, Londrina, 3 ago. 1971. Construção da Catedral, B 34, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

COM a participação do povo – Inaugurada a Nova Praça da Catedral. *O Jornal de Maringá*, 9 nov. 1982. Construção da Catedral, B 35, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

COELHO, Jaime Luiz, dom. *Carta ao Sr. Américo Dias Ferraz (Prefeito de Maringá)*. Maringá, 24 mar. 1958. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

_____. Por um mundo melhor – balancete da quermesse. *O Jornal de Maringá*, Maringá, 8 set. 1959. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

_____. *O Jornal de Maringá*, Maringá, 16 set. 1959. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

_____. *Carta ao Exmo. Senhor Eng. Chefe do 7º Distrito – DER*. Maringá, 20 mar. 1961. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

_____. A Catedral de Maringá. *Folha Norte do Paraná*, 5 set. 1964. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

_____. *Carta ao Exmo. Senhor Diretor do DSP da ETC – Brigadeiro José Carlos Teixeira da Rocha – RJ*. Maringá, 31 jul. 1971. Construção da Catedral, B 34, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

COMISSÃO pró-construção da Catedral. Maringá, 1966. Construção da Catedral. B 33, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

DAS ESCAVAÇÕES do Vaticano para a Catedral de Maringá. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1958. Construção da Catedral, B 32, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

INSTALADA Arquidiocese de Maringá. *Jornal O Diário do Norte do Paraná*, 22 jan. 1980. Arquivo do Jornal O Diário Norte do Paraná, Maringá – PR.

JOÃO PAULINO: Túlio é tão nosso como a torre da Catedral. *O Diário do Norte do Paraná*, 27 out. 1978. Construção da Catedral, B 35, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

NOSSA CATEDRAL BASÍLICA. *A Catedral*, n. 35, abr. 1982. Construção da Catedral, B 35, Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá.

FONTES ORAIS

ALTOÉ, Geraldo. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 19 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

CAMPOS, Arnaldo Ribeiro de. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 25 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

CANTADORI, Maria Helena Curti. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 25 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

FORNAZIERO, Maria de Lourdes. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 21 de setembro de 2010]*. Maringá, 2010.

FREGADOLLI, Jorge. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 21 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

FUSINATO, Juvenal; FUSINATO, Polônia Altoé *[Entrevista concedida ao pesquisador em 24 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

GERMANI, Emílio. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 17 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

GOMES, Alcides Siqueira. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 17 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

IWATA, Eiko Sugumoto; IWATA, Silvio. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 20 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

LIMA, Cezar Augusto de. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 3 de junho de 2010]*. Maringá, 2010.

LOPES, Laércio Nickel Ferreira. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 27 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

MANICARDI, Antonio Mário. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 27 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

MESSIAS, Lourdes Orlandi. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 27 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

OSTERROHT, Edgar Werner. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 21 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

PEDROSA, Ivan Neves. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 26 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

PELIZARI, Rosária Arrias. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 23 de junho de 2010]*. Maringá, 2010.

RAMALHO, Antonia Lunardelli. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 24 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

SAMBATTI, Lia Therezinha. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 26 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

SANCHES, Antenor. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 13 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

SANTOS, Antonio Almir dos. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 1 de junho de 2010]*. Maringá, 2010.

SILVA, Elza Perioto da. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 2 de junho de 2010]*. Maringá, 2010a.

SILVA, Franklin Vieira. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 18 de maio de 2010]*. Maringá, 2010b.

SCHIAVONE, Adhemar. *[Entrevista concedida ao pesquisador em 12 de maio de 2010]*. Maringá, 2010.

SCHNEIDER, Gerhard. [Entrevista concedida ao pesquisador em 28 de maio de 2010]. Maringá, 2010.

UETA, Kenji. [Entrevista concedida ao pesquisador em 17 de junho de 2010]. Maringá, 2010.

VAZ, Antonio da Mata. [Entrevista concedida ao pesquisador em 3 de junho de 2010]. Maringá, 2010.

REFERÊNCIAS

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos de. *A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá – PR*. 2000. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 1/3, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2010.

BOSI, Ecleá. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In: BOURDIEU, Pierre et al. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-166.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CANCIAN, Nadir Aparecida. *Cafecultura Paranaense, 1990/1970*. Curitiba: Grafipar, 1981.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COCAMAR. *ACIM: A Revista de negócios do Paraná*, Maringá, ano 47, n. 498, p. 25, maio 2010.

COELHO, Jaime Luiz, dom. Abençoamos Maringá! In: UBINGE, G.; SANTOS, M. R. A. (Org.). *Queridos diocesanos: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho*. Maringá: Clichetec, 2007. p. 19-20.

_____. Dedicção da Catedral. In: UBINGE, G.; SANTOS, M. R. A. *Queridos diocesanos: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho*. Maringá: Clichetec, 2007. p. 92-94.

_____. Mamãe. In: UBINGE, G.; SANTOS, M. R. A. *Queridos diocesanos: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho*. Maringá: Clichetec, 2007. p. 95-96.

_____. Carta Pastoral de Dom Jaime Luiz Coelho. In: COELHO, Jaime Luiz, Dom. *Carta Pastoral de Dom Jaime Luiz Coelho*. Maringá: Clichetec, 2007. p. 13-49.

COELHO, Sylvio. Saudação do Dr. Sylvio Coelho. In: COELHO, Jaime Luiz, Dom. *Carta Pastoral de Dom Jaime Luiz Coelho*. Maringá: Clichetec, 2007. p. 93.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional: a Antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COSTA, Walter Carlos. Três Brechts. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, v. 5, n. 1, p. 159-166, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/4913/4273>>. Acesso em: 2 dez. 2010.

CURTY, Marlene Gonçalves et al. *Apresentação de Trabalhos Acadêmicos Dissertações e Teses*: NBR 14724/2002. Maringá: Dental Press, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. C. L. *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. p. 141-156.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, Oráculos Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FREITAG, Barbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLUCKMAN, Max. O material etnográfico na antropologia social inglesa. In: ZALUAR, Alba G. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990. p. 63-76.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do Norte (Novo) do Paraná – 1930/1970. In: DIAS, R. B.; Gonçalves, J. H. R. (Org.). *Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999. p. 88-121.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, DF, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2010.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.). *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 15-32.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 5 jul. 2010.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

_____. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

_____. *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano. 5, n. 12, p. 69-82, 1999.

MANICARDI, Antonio Mário. *Maringá: meu bom dia pra você!*. Maringá: Sthampa, 2010.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MEIHY, José Carlos S. B. Definindo História Oral e Memória. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 52-60, 1994.

_____. José Carlos S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: UFG, 2006.

MONTERO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, 1986.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: USP, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEN, Ruben George. Velhos e novos regionalismos: O Rio Grande do Sul e o Brasil. *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 67-95, 1998.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec, 1981.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26-67.

PAULA, Zueleide Casagrande de. Verde que te quero ver-te. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (Org.). *Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999. p. 409-428.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Brasília, DF: UnB, 1992. Série Antropologia, 130.

_____. *A análise antropológica de rituais*. Brasília, DF: UnB, 2000. Série Antropologia, 270.

_____. *Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e performance*. Brasília, DF: UnB, 2006. Série Antropologia, 398.

PEREIRA, Márcia Maria. *A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História)–Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. O uso da narrativa nas ciências sociais: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. In: _____. *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa: revista anual de metodologia de pesquisa*, Maringá: UEM, 1997. p. 337-354.

_____. Relativismo epistêmico, relativismo antropológico: reflexões sobre a produção do pensamento no âmbito das contribuições da antropologia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, p. 261-270, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2448/1712>>. Acesso em: 8 jan. 2011.

RIDENT, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a03.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2010.

ROBLES, Orivaldo. *A Igreja que brotou da mata*. Maringá: Dental Press, 2007.

ROCHA, Ana Luiza de; ECKERT, Cornélia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRG, 2005.

RODRIGUES, Ana Lúcia. *A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá*. 2004. Tese (Doutorado)–Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção os Pensadores.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.). *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 47-56.

SILVA, Jonas Jorge. *Entrevistas: memórias sobre a construção da Catedral de Maringá*. Maringá, 2010. Documento elaborado a partir das transcrições de entrevistas para Dissertação de Mestrado.

SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz: comunistas e católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná*. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006.

TOMAZI, Nelson Dacio. Construções e silêncios sobre a (re) ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (Org.). *Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: Eduem, 1999. p. 51-85.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: Sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, G. (Org.). *O desafio da cidade: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 13-21.

_____. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VERRI JÚNIOR, Aníbal. *A obra de José Augusto Bellucci em Maringá*. 2001. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 68-89.

_____. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y Literatura*. Barcelona: Península, 2000.

WINTER, Othon Cabo; MELO, Fiorilo de. O Sputnik. In: WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. *A conquista do espaço: do Sputnik à missão centenária*. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2007. p. 11-37. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=dUWeiZCEGqMC&printsec=frontcover&dq=WINTER+A+conquista+do+espa%C3%A7o:+do+Sputnik+%C3%A0+miss%C3%A3o+centen%C3%A1ria&hl=pt-BR&ei=mCo3TdSkKoKdlgeTsMyHAW&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCgQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 dez. 2010.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 90-113.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Cadastro para entrevista**Número:** _____

Nome: _____.

Data de nasc. ____/____/____. Naturalidade: _____.

Há quanto tempo mora em Maringá? _____.

Profissão: _____.

Possui religião? () sim () não. Qual? _____.

Endereço: _____.

Telefone: _____ . E-mail: _____.

APÊNDICE B – Roteiro para entrevista

A entrevista, a seguir, possui um caráter predominantemente aberto, no qual você tem toda a liberdade para expressar suas lembranças relacionadas ao que vivenciou ou acompanhou, direta ou indiretamente, acerca do processo de construção da Catedral de Maringá. Ao longo da entrevista, poderei sugerir temas, e você poderá complementar o conteúdo.

Fale sobre suas lembranças relacionadas ao processo de construção da Catedral de Maringá.

Descreva os fatos que foram mais marcantes para você.

O que você considera que foram os maiores desafios para a construção da Catedral?

Fale sobre o desempenho das pessoas envolvidas no processo de construção da Catedral. Pode citar alguns nomes? (comissões, construtores, fiéis, hierarquia, políticos, etc.)

Lembra-se de alguns rituais religiosos ou festas durante o processo de construção da Catedral?

Fale sobre as campanhas ou levantamento de recursos para a construção. Lembra-se de apoiadores?

Descreva elementos do início, meio ou do fim da construção.

Fale sobre o apoio da sociedade maringaense para a construção da Catedral.

O que você poderia dizer acerca do significado da construção da Catedral para a cidade de Maringá?

Qual foi, em sua opinião, o impacto da construção da Catedral em concreto substituindo a antiga Catedral de madeira?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento livre e esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada *Para além das paredes: memórias sobre a construção da Catedral de Maringá*, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, e é orientada pela Professora Dra. Eliane Sebeika Rapchan, da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é analisar o processo de construção da Catedral de Maringá a partir da memória de pessoas que vivenciaram algum momento desse período. Para tanto, a sua participação é muito importante, ela pode se dar através de entrevista, com a utilização de um gravador de voz, a fim de que possamos armazenar todos os dados da mesma. Durante a entrevista, você poderá detalhar suas lembranças relacionadas aos anos de construção da Catedral e aos aspectos marcantes desse fato na sua vivência pessoal, de seu grupo ou para a cidade.

Informamos que, de acordo com a sua disponibilidade, as entrevistas poderão ter uma longa duração ou até ser divididas em mais de uma etapa. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que tal atitude acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos, ainda, que toda a gravação de voz da entrevista será utilizada somente para os fins dessa pesquisa, ficando todos os direitos reservados ao uso restrito por parte dos pesquisadores citados abaixo, podendo estes citar os nomes dos entrevistados e apresentar citações literais das narrativas gravadas, na elaboração da dissertação final. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contatar por meio dos endereços abaixo, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta nesse documento. Esse termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida e assinada, entregue a você.

Eu, _____
declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Eliane Sebeika Rapchan.

_____ Data: _____

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, pós-graduando Jonas Jorge da Silva, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data: _____

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Prof. Dra. Eliane Sebeika Rapchan
Endereço: Avenida Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco G 34 – Zona 07
CEP 87020-900. Maringá –PR Tel.: (44) 3261-8905
E-mail: elianesebeika65@gmail.com

Jonas Jorge da Silva
Avenida Cuiabá, 1614
CEP 87112-000. Sarandi – PR Tel.: (44) 3264-5069 ou (44) 8402-3202
E-mail: jonasjorge13@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM
Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel.: (44) 3261-4444
E-mail: copep@uem.br